

MARIA FERNANDA DE SOUSA BORGES

**A Tradução do Teatro na Década de Sessenta (séc. XX)  
em Portugal**



Original de Onofre Varella

Dissertação de Mestrado  
em Estudos de Tradução,  
orientada pelo Prof. Doutor  
Carlos Castilho Pais

Universidade Aberta

2008

MARIA FERNANDA DE SOUSA BORGES

**A Tradução do Teatro na Década de Sessenta (séc. XX)  
em Portugal**

Dissertação de Mestrado  
em Estudos de Tradução,  
orientada pelo Prof. Doutor  
Carlos Castilho Pais

Universidade Aberta

2008



*Imagem da capa:*

Original de Onofre Varela

(Retirada de *A Censura na Iconografia Portuguesa e na Caricatura*. Ed. Museu da República e da Resistência, Lisboa, 1997)

## ERRATA

Página	Onde está	Deve estar
2	“à partes”	“apartes”
7	Purgatório	<i>Purgatório</i>
9	MacBeth	<i>MacBeth</i>
25	Gráfico 1	Legenda
37	Á	À
39	Pág. 40	A pág.39
59	do, casamento, a prostituição e a homossexualidade	do casamento, da prostituição e da homossexualidade
67	ANÁLISE DE CASO	ESTUDO DE CASO
68	JIMMY..	JIMMY.
72	na no	No
82	entre grafado entre	grafado entre
85	do público português. Nem provavelmente, do tradutor. Por isso, inventou a “brigada dos Migueis Angelos sintéticos”.	do público português nem, provavelmente, do tradutor. Por isso, inventou “os Miguéis Ângelos sintéticos”.
94	Migueis Angelos	Miguéis Ângelos
125	Sá	Só

**OBS.:** Além das emendas que estão referenciadas nesta errata existem outras que não estão indicadas por não serem relevantes.

## **AGRADECIMENTOS**

Para a elaboração deste trabalho contei com o apoio e a colaboração de muitas pessoas e instituições a quem estou profundamente grata.

Em particular agradeço ao meu orientador Professor Doutor Carlos Castilho Pais, pelo seu apoio, pela sua tolerância e pela sua crítica que só me ajuda a progredir.

Também quero realçar em especial a colaboração do dr. Paulo Tremoceiro, do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, que apoiou incondicionalmente a minha pesquisa e me encorajou a nunca desistir.

Uma palavra de gratidão à dra. Sofia Patrão, do Museu do Teatro, que me apoiou nos primeiros momentos da pesquisa, e aos meus entrevistados, dr<sup>a</sup> Maria de Jesus Barroso, dr. Luíz Francisco Rebello, o poeta António Manuel Couto Viana e ao artista Raul Solnado, pela disponibilidade que mostraram ao aceitarem dar-me os seus depoimentos.

Ao Nuno dedico tudo o que faço.

## **ABSTRACT**

Esta dissertação aborda a temática da *Censura nas traduções de teatro na década de sessenta do século XX em Portugal*, baseada numa pesquisa elaborada a partir de processos que constam do acervo do antigo Secretariado Nacional de Informação da Inspeção de Espectáculos, à guarda dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo. Verificou-se que de entre a extensa lista de peças pesquisadas, a maior parte nunca foi à cena portuguesa.

**PALAVRAS – CHAVE:** Factores de censura, tradução, teatro

## **ABSTRACT**

This thesis analyses the theme of Censorship in theatre translation during the sixties in Portugal. The investigation was based on the censor reports registered in the archives of the Secretariado Nacional de Informação da Inspeção de Espectáculos held at the Arquivos Nacionais da Torre do Tombo. It was verified that among the extended list of plays investigated a lot of them had never been staged in Portugal.

**KEY WORDS:** Factors for Censorship, Translation, Drama

## ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO	1
<i>Capítulo 1</i> A tradução do teatro e os Estudos de Tradução	4
1.1 O Ofício de Tradutor	7
1.2 O Ofício de Tradutor de Teatro	9
<i>Capítulo 2</i> A “Legalidade” da Censura durante o Estado Novo – anos sessenta	13
<i>Capítulo 3</i> O Teatro traduzido na década de sessenta – Aspectos Gerais	23
3.1 Os Autores Traduzidos	32
3.2 Quem eram os Tradutores	36
<i>Capítulo 4</i> O Teatro da RTP	39
<i>Capítulo 5</i> A Censura na prática	47
5.1 Factores Políticos	53
5.2 Factores Morais	57
5.3 Factores Religiosos	64
<i>Capítulo 6</i> Análise de Caso: A Censura na Tradução de	
<i>Look Back in Anger</i> de John Osborne	67
6.1 Breve Sinopse	68
6.2 A Peça <i>LOOK BACK IN ANGER</i> e a Comissão de Censura Inglesa	70
6.3 As Traduções Portuguesas de <i>Look Back In Anger</i>	73
6.4 O <i>TEMPO E A IRA</i> - Teatro para Edição	79
6. 5. A tradução como Representação de Teatro	88

6. 6. Os Condicionalismos da Censura nas duas representações que decorreram em 1966	91
6.7. O Mecanismo da Autocensura	94
6.8. Os condicionalismos do código linguístico do português	95
6.9. A tradução de José Palla e Carmo – a tradução de uma época	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
BIBLIOGRAFIA	104
Bibliografia Activa	105
Bibliografia Passiva	106
ANEXOS	113
ANEXO 1 – DEPOIMENTOS	114
ANEXO 2 – TABELA SINÓPTICA (1960-1969)	129
ANEXO 3 – TABELA DAS PEÇAS TRADUZIDAS	179
ANEXO 4 – TABELA DOS TRADUTORES	189
ANEXO 5 – TABELA DOS AUTORES	197
ANEXO 6 – DOCUMENTOS DA INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS	203

## ÍNDICE DE GRÁFICOS E QUADROS

		Pág.
<i>Quadro 1</i>	A Censura nas Traduções de Peças de Teatro	24
<i>Gráfico 1</i>	Percentagem de Peças por Classificação em Cada Ano	25
<i>Quadro 2</i>	Autores de Teatro mais Traduzidos para Português	35
<i>Quadro 3</i>	Idiomas Traduzidos para o Teatro RTP	41
<i>Quadro 4</i>	Autores mais Traduzidos para o Teatro RTP	42
<i>Quadro 5</i>	Tradutores para o Teatro RTP	43
<i>Gráfico 2</i>	Factores de Censura	48
<i>Gráfico 3</i>	Factores de Censura	49
<i>Quadro 5</i>	Factores de Censura nas Peças de Teatro	50

## **INTRODUÇÃO**

A década de sessenta do século XX foi escolhida por mim para dar corpo a um trabalho de investigação, que visa estudar o modo como a censura influenciou a tradução das peças de teatro para serem levadas à cena nos teatros portugueses e nos ecrãs da televisão.

A pesquisa documental foi essencialmente efectuada nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo.

O primeiro passo consistiu na elaboração de uma tabela sinóptica com uma boa parte da informação que acompanha todas as traduções de peças de teatro registadas na Inspeção de Espectáculos e que foram submetidas à Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos no período entre 1960 – 1969, que apresento no Anexo 2 da dissertação.

Com base nessa lista exaustiva que inclui 866 peças, estudei aleatoriamente cerca de 30 peças que me proporcionaram os elementos necessários para poder analisar o tema da censura no teatro traduzido.

A análise transversal das 30 peças foi realizada através da leitura dos comentários mais explícitos dos censores, que exprimem as suas opiniões sobre os empresários, autores escolhidos e trabalho dos tradutores, deixando antever o modo como justificavam os seus pareceres, que apresentarei no Anexo 6.

Foi a descrição desses “apartes” e pareceres que me elucidaram sobre o *modus operandi* da censura.

Para um melhor entendimento da censura, efectuei algumas entrevistas a profissionais que viveram intensamente a vida artística, social e política deste país nos anos 60, recolhendo o depoimento de Raul Solnado, António Manuel Couto Viana, Luiz Francisco Rebello e Maria Barroso.

Saber em que se fundamentava a “bitola” da censura na tradução foi a questão que a todos coloquei.

Para complementar este estudo, levei a cabo a análise da tradução portuguesa da peça *O tempo e a Ira* de José Palla e Carmo, a partir da versão inglesa original de John Osborn.

Realizada esta análise propunha-me também averiguar as diferenças no discurso tradutório de uma peça dramática, com funções distintas: por um lado para ser lida e por outro para ser representada.

Neste trabalho optei sempre por nomear a Comissão de Censura por Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos, abreviando por vezes para Comissão de Exame.

## **CAPÍTULO 1**

### **A tradução do teatro e os Estudos de Tradução**

«Muitas das discórdias do Mundo provêm do afastamento dos espíritos e da muralha erguida pelos idiomas; é esse afastamento que o vasto mecanismo teatral se propõe evitar e é essa muralha que ele propõe transpor.»

(*Cocteau*, in Boletim da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, nº 16, Primavera de 1962, p.17)

Foi sempre a partir do contacto com modelos estrangeiros que as práticas artísticas e os repertórios nacionais se renovaram e evoluíram. O fenómeno da tradução teatral é, sobretudo, entendido como um jogo de confluências de estudos comparatistas entre as várias disciplinas.

Embora as traduções teatrais e literárias estejam ambas inseridas no sistema cultural, social e económico, cada uma delas apresenta estratégias de tradução bem diferentes. Drama é representação; teatro é leitura (Sirkku Aaltonen, 2000: 33).

A tradução de teatro literário é leitura enquanto a tradução teatral ou dramática é representação.

Durante o Estado Novo em Portugal, muitas foram as obras traduzidas e editadas, incluindo o “perigoso” Brecht, que estavam proibidas de ir à cena.

Traduzir na década de 60, num contexto histórico caracterizado por movimentos sociais de vanguarda que objectivavam subverter os modelos

sociais vigentes, teve o mérito de renovar a linguagem e introduzir novos valores e novas estéticas na cultura de chegada.

Apesar da existência da *Relação das obras cuja circulação esteve proibida durante o regime de Salazar / Marcelo Caetano* (ed. CML, 1996), temos de ter em consideração que não havia censura prévia ao livro. Primeiro editava-se e depois ficava-se à espera das consequências.

Nesta época, a percentagem de analfabetismo em Portugal era superior a 35% da população, incidindo particularmente no sector feminino. O poder vigente não estava muito preocupado com a tradução das novas teorias sociais ou até mesmo políticas, desde que não se identificassem directamente com o Partido Comunista.

Traduzir os escritores mais vanguardistas não oferecia problema desde que não estivessem conotados com o comunismo, ou apresentassem temáticas de carácter social que pusesse em risco a moral tradicional e a segurança do Estado (pág.17.1).

## 1.1. O ofício de tradutor

Até muito recentemente, o ofício de tradutor não tinha grande visibilidade. Era um pouco à imagem dos românticos, conforme refere José da Silva Mendes Leal «para traduzir um grande poeta só outro grande poeta!» (CASTILHO PAIS, 1997:145).

E em boa parte dos casos, esta continua a ser a realidade dos tradutores. No caso da tradução para teatro a situação é ainda muito pior a não ser que o texto tenha sido traduzido por alguém que já tenha alguma notoriedade na poesia ou na prosa.

Um pouco nesta linha de grandes poetas, Sophia de Mello Breyner Andresen considerou em carta enviada a Jorge de Sena em 10 de Junho de 1963:

Vou-lhe mandar uma das minhas cópias dactilografadas da minha tradução do *Purgatório* do Dante. É de certa forma a minha obra-prima mas a crítica não disse uma palavra sobre o assunto!

(SOPHIA & SENA, 2006:63)

O facto da crítica não dizer nada sobre o assunto, tinha a ver com a situação de “apagamento” a que todos os criativos eram votados, sempre que optavam por não fazer o apanágio do regime de Salazar/ Marcelo.

De qualquer modo, pela correspondência que passo a citar seguidamente, Sophia, considerou a tradução do *Purgatório* de Dante a sua obra-prima, não porque o fez ao seu estilo, mas pela paixão e prazer de conseguir a traduzibilidade para a língua portuguesa de um texto clássico.

Considera Sophia de Mello Breyner Andresen em carta a Jorge de Sena escrita 18 de Novembro de 1972 acerca do trabalho deste escritor:

Das traduções gostei sobretudo das traduções de poesia medieval francesa “ ainda é viva a ratazana” e outras são insuperáveis. Da renascença gostei menos porque os poetas da renascença traduzidos ficam quase todos o mesmo. E discordo da escolha das poesias gregas, escolha onde faltavam os meus poemas essenciais. Aliás as escolhas são sempre infinitamente discutíveis. Gostei muito de muitas das tuas traduções - mas por mim só creio na tradução obcecadamente literal. Quando leio Homero ou Platão quero traduções tal qual. E, quando alguém me traduz, as diversões e derivações dos tradutores, por mais brilhantes que sejam, arrepiam-me sempre. Quero traduções mas que deixem em branco o vazio entre duas línguas.

(SOPHIA & SENA, 2006:123)

A resposta de Sena é de 22 de Dezembro de 1972:

Não Sophia, não há Grécia literal em verso que signifique alguma coisa, a não ser para quem saiba grego e queira ajudar-se na leitura – mas se sabe grego, não precisa. Como não há magias de linguagem e muito menos, mito a destruir, das línguas tidas por mágicas da cultura. Não há traduções nuas, minha querida, da mesma forma que os deuses da Grécia, só andavam nus nas horas íntimas de violarem as Ledas, pois que, no resto do tempo, eram como o Senhor de Matosinhos, cobertos de roupas e de colares.

(SOPHIA & SENA, 2006:126)

A curiosidade destes dois excertos de correspondência deve-se sobretudo à falta de consenso entre estes dois grandes poetas portugueses contemporâneos. Atrever-me-ia a dizer que é tudo uma questão de sensibilidade, de personalidade do tradutor. E perante duas traduções; uma obcecadamente literal e uma outra travestida com as roupagens de um novo património literário, o leitor informado escolhe.

José Domingos Morais diz não ver a «diferença entre *escrever* e *traduzir*. A luta é a mesma, a paixão igual e o desassossego permanece»

(A PHALA, 2007:107).

## 1.2 O ofício de tradutor de teatro

Mas traduzir *para* teatro é outra coisa diferente. «Traduzir para pôr em cena, isto é – procurar transcrever a exacta situação do autor, que não escreveu para os compêndios mas para as tábuas do palco.». São as palavras de António Pedro que no Prefácio à sua tradução de *MacBeth* em 1956, expunha as suas dificuldades. E continuo a citar:

E então surgiu-me, logo de entrada, o problema difícilíssimo da irremediável adaptação a fazer, tratando-se duma peça escrita para uma cena especial, aberta por três lados, limitada a um esboço de cenário de mutações fáceis e convencionais como a do teatro isabelino, destinada agora a um palco à italiana, de cena fechada, como os nossos, quer se queira quer não enteados, senão filhos, do teatro de Sêrlio, com menos desvario perspectivo, se calhar, mas ainda com exigências muito maiores de ambientação, cenografia e luminotécnica. O diabo!.

(António Pedro, *in* CASTILHO PAIS, 1997:186)

Na tradução para teatro é difícil deixar-se “em branco o vazio entre as duas línguas” porque no teatro representado não deve haver distanciação na comunicação com o público.

Vasco Graça Moura, tradutor de muitos géneros literários diz que é muito diferente traduzir os sonetos de Shakespeare ou *Hamlet*, e passo a citar:

Muito diferentemente, uma peça como *Hamlet* composta de sequências de prosa e de verso, por natureza pensada como diálogo, e com um desenvolvimento cujo rigor não tem nada a ver com o «espartilho» de um soneto, oferece, até pela sua própria extensão, um vasto quadro de possibilidades em que o tradutor pode exercer a sua liberdade com uma eficácia muito maior; acresce que deveremos distinguir entre a tradução literária propriamente dita e a parte desta que, após tratada

dramaturgicamente se destinará à versão a levar à cena, o que pode implicar uma ainda diferente invenção do tradutor.

(Vasco Graça Moura *in* CASTILHO PAIS, 1997:206)

Qualquer tradutor pode traduzir para teatro? Sim, à partida, como qualquer outra área de conhecimento tem as suas especificidades, neste caso é necessário ter algum conhecimento das artes do palco. A dimensão da oralidade, do ritmo, da respiração, são fundamentais na tradução para teatro, mas conforme o conhecido tradutor Déprats, citado por Paulo Eduardo Carvalho (1999,p.53) «é preciso definir o que é a teatralidade para cada autor; há tantas teatralidades como dramaturgias»

Uma das mais lúcidas considerações sobre a especificidade da tradução do texto dramático fica a dever-se a Antoine Vitez: “existe uma grande diferença entre a tradução de romances, de poemas ou de peças de teatro. Mas não creio que essa diferença seja teórica. Trata-se mais de uma diferença de utilização”.

(CARVALHO, 1999:.54)

Quem traduzia teatro nos anos 60?

Os tradutores de teatro na década de 60 eram actores de teatro na sua generalidade. Para O Vasco Morgado, qualquer coisa servia. Havia lá uns secretários a quem ele encarregava das traduções. E às vezes pedia-me para eu fazer as revisões. Lembro-me de uma tradução em que a personagem dizia para a outra: « e vamos aos sítios onde fizemos a nossa lua de mel – Nice, Riviera italiana, Venezuela...» Venezia foi traduzida por Venezuela...Às vezes era assim!

(REBELLO, cf: Anexo1)

Não há traduções eternas porque o contexto histórico, social e político em que são criadas, está sempre em mutação. Podem ser altamente valorizadas na sua época, fora dela são ficções ou anacronismos. A tradução está sempre

a investir na criação de um objecto novo – «an object that, at its most artistically challenging, is neither of here or there, of now or then. It's an object that both encourages journey, through time no less than across space, and displays conscious awareness of its own status as contemporary simulacrum» (Johnston, 2007: 10).

A tradução é um fenómeno de grande dinâmica quando se entende o texto como uma obra aberta segundo Christinne Zurbach, (1999:46), considerando o «texto de origem uma fonte inesgotável de variações como se duma partitura se tratasse».

As traduções já existentes dos clássicos produzidas no século XIX tiveram de ser reescritas nos anos 60 face à luz de um novo público destinatário.

A vertente da temporalidade é uma constante da efemeridade da tradução para teatro. A outra vertente será o contexto sociocultural. Enquanto a leitura da peça pode nos dias de hoje ser entendida no seu contexto sociocultural de origem, porque é vista à luz de uma dimensão literária, o teatro representado exige um palco e o confronto directo com um público real.

É inevitável que as traduções envelheçam, pela simples razão da permanente juventude do teatro, arte do presente por força do seu modo de comunicar, com um público presente e vivo.

(ZURBACH, 1999, p.49).

Prosseguindo na ideia das especificidades da tradução de teatro, Vera San Payo Lemos, define-a de uma maneira muito simples e pragmática:

No caso da tradução **de** teatro, uma abordagem mais académica e filologicamente rigorosa, interessada na apresentação do texto dramático na íntegra, como objecto literário; no caso da tradução **para** teatro, uma abordagem mais pragmática, funcional e livre, orientada pela recepção do texto dramático como parte de um todo formado pelo conjunto de sinais verbais que irão compor o texto final do espectáculo.

(LEMOS, 1998:215)

Traduzir teatro implica o factor “facilitador” referido por Rachara Zenith (2007:66) sempre que traduz um texto português cheio de referências culturais para os leitores americanos. No palco não há notas de rodapé nem traduções explicativas. Frente a um público, qualquer que ele seja há assimilação, há a apropriação de uma realidade que nos era exterior e passou a ser a nossa.

Pedro Tamen é bastante assertivo relativamente ao fenómeno da tradução, especialmente quando refere a “sua fragilidade essencial”:

Falta um qualquer Lavoisier que diga que na tradução, como na natureza, nada se perde e nada se cria, que tudo se transforma. Porque o senso comum diz que se perde ou se ganha (normalmente diz que se perde, e com razão) não é mais que o resultado de uma transformação. O texto traduzido é radicalmente *outra coisa* diferente do texto original: há que aceitá-lo, e, com isso, aceitar a fragilidade essencial da tradução. O mais que se pode desejar é que essa *outra coisa* reproduza (isto é, produza de novo) sensações estéticas análogas às da coisa primitiva.

(A PHALA 2007:108)

## **CAPÍTULO 2**

### **A “Legalidade” da Censura durante o Estado Novo Anos Sessenta**

A promulgação dos Decretos-Lei 42 660 e 42 663, e Decretos 42 661 e 42 662 de 20 de Novembro de 1959, que entram em vigor a partir de 1 de Janeiro de 1960, que vai regulamentar toda a década de 60 e, praticamente, com algumas pequenas alterações, perdurar até Abril de 1974.

São cinquenta páginas onde em diplomas separados, se faz a reorganização da Inspeção dos Espectáculos, aplicando-se regulamentos, desenvolvendo-se princípios, registos, pagamentos de taxas, emissão de vistos e alvarás, definindo-se condições técnicas e de segurança para os recintos onde se efectuam todo o tipo de espectáculos públicos.

A Inspeção de Espectáculos estava na dependência do Secretariado Nacional de Informação, antigo Secretariado Nacional da Propaganda que despachava directamente com o Presidente do Conselho.

A nova legislação através do Decreto – lei nº 42663, Cap.I, art.1º define a importância que vai ter a Inspeção dos Espectáculos até ao 25 de Abril de 1974:

A Inspeção dos Espectáculos é um serviço do Secretariado Nacional da Informação, ao qual incumbe a superintendência e fiscalização dos espectáculos públicos, recintos a eles destinados e demais atribuições complementares, nos termos definidos por lei.

A partir desta data, é expressamente proibido representar seja o que for em território nacional, sem o visto da Inspeção dos Espectáculos, conforme o estipulado no art. 25 do Decreto –lei nº 42660, Cap.V:

(...) O visto é exigido:

1º Nos espectáculos desportivos, de cinema, teatro, variedades, audições musicais, bailes e outros congéneres:

- a) Para cada dia, quando haja uma única sessão, ou várias sessões de programas iguais;
- b) Para cada sessão, quando os programas sejam diferentes.

Cada visto respeitava apenas à matéria visada, não incluía quaisquer pequenas alterações e responsabilizava directamente o funcionário que o emitia:

art. 26º:O visto não legaliza quaisquer infracções relativas a matérias constantes dos documentos visados.

§ Único. Os funcionários da Inspeção dos Espectáculos e os delegados concelhios ficam disciplinarmente responsáveis pelos vistos ilegalmente apostos.

O serviço de classificação e vistos dependia directamente dos serviços centrais e estava entregue à Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos. Era esta comissão que tinha poder para autorizar as licenças de representação.

Esta Comissão era constituída por um presidente, um vice-presidente que era inspector dos espectáculos, e dez vogais (censores) que pertenciam a diferentes instituições: Presidência do Conselho; Ministério da Justiça; Ministério da Educação Nacional, Comissão de Literatura e Espectáculos para Menores, um representante da Igreja Católica e uma representante da Obra das Mães.

As peças de teatro davam entrada na Inspeção de Espectáculos sendo-lhes atribuído um número de processo que ficava registado em arquivo, seguindo depois para apreciação de um ou mais censores que compunham a Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

Decreto-Lei nº 42660, Cap. VI, art.35º:

Apenas poderão ser apresentados em espectáculos e divertimentos públicos os filmes, peças teatrais, bailados, canções e números congéneres previamente autorizados e classificados pela Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos, nos termos do disposto no Decreto – Lei nº 41 051, de 1 de Abril de 1957 (referindo-se à classificação dos espectáculos)

§ 1º A autorização pode ser revogada quando os superiores interesses do Estado ou razões de ordem internacional assim o exigirem.

§ 2º Feita a classificação, nenhuma alteração pode ser introduzida pelas empresas ou artistas nos elementos de espectáculos a que este artigo se refere, a não ser que sejam submetidos a nova classificação.

§ 3º As empresas e demais entidades organizadoras de espectáculos teatrais devem comunicar à Inspeção dos Espectáculos o local e a hora dos ensaios de apuro, a realizar com a mesma indumentária, caracterizações e cenários que hão-de figurar na representação final.

Ainda relativamente aos cartazes publicitários só podiam ser expostos ao público depois de visados pela Inspeção dos Espectáculos, caso o não fizessem habilitavam-se a uma multa de 100\$00 por cada cartaz não visado.

O Decreto-Lei nº 42660, Cap. VI, art. 40º é muito importante porque é a partir dele que se regem o padrões da censura:

A Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos não poderá autorizar o licenciamento de filmes, peças de teatro ou quaisquer outros

elementos de espectáculo ofensivos dos órgãos de soberania nacional, das instituições vigentes, dos chefes do Estado ou representantes diplomáticos de países estrangeiros, das crenças religiosas e da moral cristã tradicional, dos bons costumes e das pessoas particulares, ou que incitem ao crime ou sejam, por qualquer outra forma perniciosos à educação do povo.

Deste modo também os espectáculos televisivos e de cinema eram abrangidos por esta legislação.

Como mais à frente irá ser referido neste trabalho, a RTP dispunha de um gabinete de censores pago pela empresa, embora tivesse de submeter as peças de teatro à Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos, que os examinava e classificava de acordo com os horários, mas nem só. Como vamos ver, a Comissão de Exame também alterava a decisão do gabinete de censores da RTP.

O Decreto-Lei nº 42660, Cap. VI, art. 36º regula os horários para o tipo de programas:

Dos programas de radiodifusão visual podem fazer parte:

1º A qualquer hora, peças teatrais classificadas para maiores de 12 anos, excepto se a sua apresentação visual contiver cenas que não devam classificar-se para todos;

2º A partir das 22 horas e trinta minutos, precedidas de aviso adequado, peças ou filmes classificados para maiores de 12 anos.

§1º A classificação de filmes e peças teatrais será a mesma para a radiotelevisão e para os cinemas e teatros.

§2º Para efeito do disposto no nº 1º do corpo deste artigo, as peças teatrais poderão ter uma classificação especial que atenda exclusivamente à sua apresentação visual.

§ 3º Quando os programas da televisão não terminarem depois das 23 horas, a permissão do nº 2 deste artigo poderá utilizar-se a partir das 22 horas.

Para o cinema, o Decreto-Lei nº 42660, Cap. XI, art. 58º refere que:

É obrigatória a inscrição em registo especial para esse fim organizado na Inspeção dos Espectáculos:

1º Dos tradutores de legendas das películas exibidas em Portugal, os quais deverão comprovar previamente as suas qualificações para o efeito, quando não possuam diploma que constitua por si garantia suficiente.

O ponto 8 e 9 do Decreto – Lei nº 42660 são os dois dedicados ao Teatro Nacional:

#### Ponto 8

O teatro não é simplesmente um divertimento. Pelo contrário: é um valioso instrumento de cultura, um poderoso meio de expressão das manifestações artísticas nacionais e até um padrão vivo da nossa língua. Por isso, especial interesse ele merece do governo.

Esse interesse levou à publicação da lei nº 2041, de 16 de Junho de 1950, que instituiu o Fundo de Teatro, com a finalidade de lhe assegurar a necessária protecção, especialmente ao teatro declamado.

#### Ponto 9

A protecção do teatro nacional exige também a defesa daqueles que o servem, designadamente ante os perigos de uma concorrência desregrada de artistas estrangeiros, num número limitado de palcos.

A evidência desta verdade dispensa bem a sua justificação.

Mas é também intuitivo que essa defesa não deverá prejudicar o interesse cultural e artístico que a exibição de companhias estrangeiras poderá ter em muitos casos, até como forma de conhecimento directo de novas escolas ou correntes.

Pelo Decreto nº 42839, no art. único, legisla-se que:

O Director do Teatro Nacional de D. Maria II é da livre escolha do Ministro da Educação Nacional, que poderá substituí-lo a todo o tempo.

Apesar do Estado Novo reconhecer a importância da vinda de companhias estrangeiras, «até como forma de conhecimento directo de novas escolas ou correntes», a verdade é que via sempre com alguma desconfiança a presença dos estrangeiros e a deslocação dos portugueses ao exterior por isso poder significar mudanças nada profícuas para o regime. Deste modo, tratou de legislar cuidadosamente a permanência em Portugal de empresas de teatro estrangeiras, assim como a deslocação ao estrangeiro de empresas de teatro portuguesas.

O Decreto – Lei nº 42660, Cap. IX, art. 52º, regulamentava as actuações das empresas estrangeiras:

Depende de autorização da Presidência do Conselho, ouvido o Ministério das Corporações e Previdência Social, a exibição em Portugal de companhias estrangeiras de declamação, opereta e revista.

§1º A autorização será solicitada por intermédio do Secretariado Nacional de Informação e enquanto não for concedida não poderá ser anunciada a exibição nem feita qualquer espécie de publicidade.

§2º No requerimento será feita a indicação do elenco da companhia e do repertório a exhibir.

O Decreto – Lei nº 42661, Cap. VI, legislava sobre a duração de cada estada de companhias estrangeiras em território nacional

art.69º Independentemente da necessidade de autorização a que se refere o art. 52º do Decreto – Lei nº 42 660, nenhuma empresa poderá exhibir companhias estrangeiras de declamação, opereta ou revista durante mais de trinta dias por ano.

§1º A mesma companhia não poderá visitar Portugal senão decorridos doze meses após a visita anterior nem demorar-se em cada visita mais de três meses e em cada localidade mais de trinta dias.

art.70º Ficam isentas do condicionamento estabelecido no artigo anterior as companhias brasileiras que se exibam em Portugal em regime de reciprocidade com a exibição de companhias portuguesas no Brasil (...).

Relativamente à deslocação de empresas portuguesas ao estrangeiro, havias as seguintes regulamentações:

#### Decreto – Lei nº 42660, Cap.X

Art.54º A realização de excursões artísticas por empresas exploradoras de espectáculos públicos, incluindo as sociedades artísticas, será regulamentada de forma a assegurar o pagamento dos encargos assumidos pelas empresas e a permitir a verificar as condições básicas da sua efectivação.

§ 1º No caso das excursões para o estrangeiro, ter-se-á igualmente em vista o bom nome das manifestações artísticas nacionais.

Art. 55º A Inspeção dos Espectáculos passará alvará com menção de todos os componentes da excursão, o qual constitui elemento indispensável para o embarque e para a obtenção de passaportes, quando necessários.

#### Decreto – Lei nº 42661, Cap. VII

Art. 71º As empresas exploradores de espectáculos públicos, incluindo as sociedades artísticas, que pretendam realizar excursões artísticas às províncias ultramarinas ou países estrangeiros deverão solicitar alvará à Inspeção dos Espectáculos, por meio de requerimento ali entregue com a antecedência mínima de vinte dias.

§ Único. A realização de excursões sem a prévia obtenção do alvará a que se refere este artigo é punida com a multa de 500\$ a 2.000\$ e suspensão do exercício da actividade das empresas, pelo período de um a dois anos, após o regresso ao país.

O pagamento de taxas era uma fonte de rendimentos para a Inspeção de Espectáculos.

Decreto – Lei nº 42660, Cap. XIII

Art. 71º as taxas a cobrar pela Inspeção dos Espectáculos são as constantes das tabelas anexas ao presente diploma, que dele fazem parte integrante.

Artº 72º Ficam dispensados do pagamento de qualquer taxa, bem como do imposto de selo:

1º Os organismos do Estado, as autarquias locais e os organismos de coordenação económica;

2º Os organismos corporativos, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, os centros de alegria no trabalho e os centros de recreio popular;

3º Os estabelecimentos de ensino e os grupos escolares de carácter permanente e natureza cultural e artística devidamente autorizados pelo Ministério da Educação Nacional;

4º Os teatros do Estado explorados por exploração directa;

5º Os espectáculos cujo produto se destine exclusivamente a fins de beneficência;

6º Os salões ou centros paroquiais e instituições de beneficência.

Tabela VII

Exame e Classificação dos diversos elementos do espectáculo

Peças teatrais:

Cada acto..... 30\$00

Pedido de revisão..... 500\$00

Estampilha fiscal no requerimento... 5\$00

As taxas eram pagas no Banco de Portugal ou suas agências, ou não as havendo, nas tesourarias da Fazenda Pública, mediante guia emitida pela Inspeção dos Espectáculos, baseada na informação da Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos, registada no livro «de Registo das peças teatrais submetidas à mesma Comissão e sua classificação» (Decreto 42664, Cap. IV, art. 19, 2º, alínea b).

### **3. CAPÍTULO**

#### **O Teatro Traduzido na Década de Sessenta**

#### **Aspectos Gerais**

<i>A Censura nas Traduções de Peças de Teatro na Década de 60</i>						
<b>Ano</b>	<b>Aprovadas sem Cortes</b>	<b>Aprovadas Com Cortes</b>	<b>Proibidas</b>	<b>Reavaliadas</b>	<b>TOTAL</b>	
<b>1960</b>	43	7	7	0	57	
<b>1961</b>	95	28	9	0	132	
<b>1962</b>	59	15	7	1	82	
<b>1963</b>	73	24	4	0	101	
<b>1964</b>	51	12	14	2	79	
<b>1965</b>	48	13	20	1	82	
<b>1966</b>	63	27	7	7	104	
<b>1967</b>	56	19	10	4	89	
<b>1968</b>	55	12	11	4	82	
<b>1969</b>	32	15	2	9	58	
	<b>575</b>	<b>172</b>	<b>91</b>	<b>28</b>	<b>866</b>	

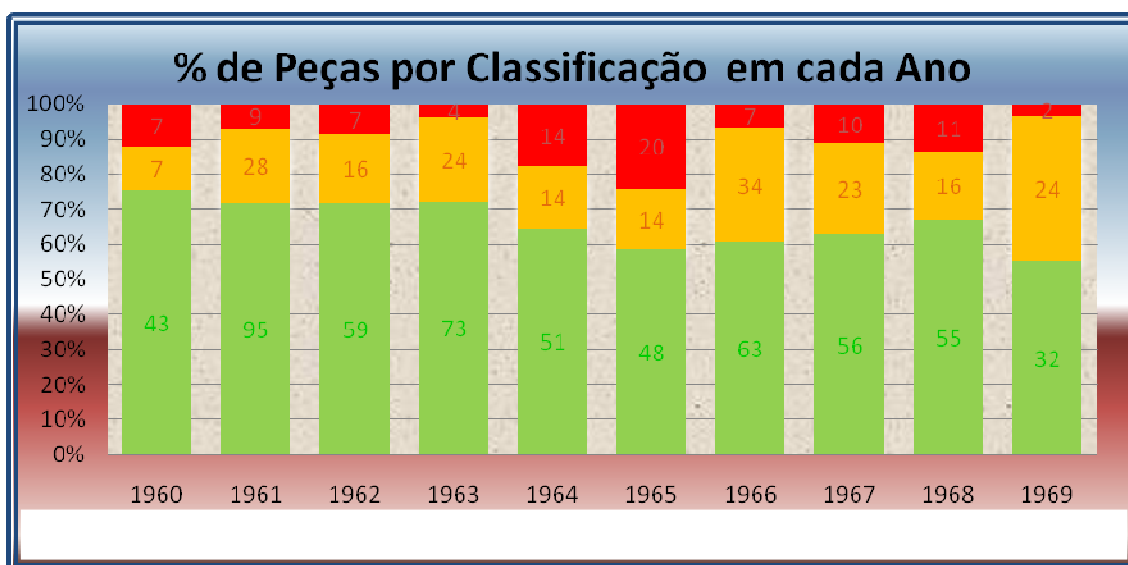
**Quadro 1**

De acordo com o quadro 1, houve 866 peças traduzidas submetidas à Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos. Das peças apresentadas, praticamente, cerca de metade (291) sofreu interferências da Comissão de Exame: cortes, reprovações, ou revogações que só aconteceram depois de muita insistência dos empresários e com o passar dos anos.

Apesar dos desaires ocorridos durante o ano de 1961 - o início da guerra em África e da perda dos territórios na Índia - a situação no Continente manteve-se bastante estável socialmente.

No caso da censura de teatro até se verificou algum aligeiramento na apreciação feita pela Comissão de Exame. Como se pode observar no quadro 1, o número de peças submetidas a exame foi o mais alto de toda a década (132), tendo sido 95 peças aprovadas sem cortes, 28 com cortes e “apenas” 9 foram proibidas.

Os motivos estavam à vista: havia uma nova legislação dos espectáculos, um Fundo de Teatro e, tinha sido criada a Fundação Calouste Gulbenkian, em 1956. Factores que no seu conjunto vieram abrir novos horizontes ao teatro, atribuindo subsídios às companhias de teatro, dinamizando particularmente o teatro universitário e alguns grupos de teatro experimentais .



■ Aprovadas ■ Cortadas ■ Proibidas

Gráfico 1

De acordo com o Gráfico 1, até 1963, o número de peças aprovadas sem cortes mantém-se estável, diminuindo o número de peças reprovadas, o que de acordo com Luiz Francisco Rebello, se ficou a dever a quem estava à frente do Secretariado Nacional de Informação (SNI) durante estes anos.

A censura também dependia muito de quem estivesse à frente do Secretariado Nacional. No caso de Eduardo Brazão que esteve lá entre 59/61, sabe-se que ele terá dado ordens para aligeirar os critérios. Por esta altura foram finalmente representadas obras que tinham estado proibidas como *O Gebo e a Sombra*, de Régio, *As seis personagens à procura de autor* de Pirandello e *A Ceia dos Cardeais* de Júlio Dantas.

(REBELLO, Cf.Anexo 1)

De algum modo, por toda a Europa este é um período de pós-guerra, otimista, de reconstrução e alguma prosperidade económica.

Portugal periférico e “orgulhosamente só”, manteve-se firme na sua política colonial assente num patriotismo que já só fazia sentido dentro das linhas de fronteira portuguesas, com um sector secundário e terciário em evolução, nas cidades do litoral, e que a emigração “a salto”, para a Europa, contribuiu em grande parte para a desertificação do interior que ainda hoje se faz sentir.

Observando no Gráfico 1, 1964 e 1965 são anos em que a Censura exerceu uma maior repressão sobre as peças que foram submetidas a exame, situação em boa parte explicada pela intranquilidade política que então se vivia no país.

A guerra colonial era um pesadelo para todas as famílias que, chegada a hora, viam os seus filhos varões incorporados à força no exército português. O país estava cada vez mais isolado em termos diplomáticos, com a ONU e os países africanos a pedirem mais autonomia. O descontentamento e a intervenção política mais ou menos sub-reptícia eram uma constante no nosso quotidiano. Quem mais terá contribuído para este clima de agitação terão sido os estudantes universitários que funcionavam solidariamente em associações de estudantes atirando o “barro à parede”, na subversão da juventude à flor da pele.

De 1966 a 1969, a censura interveio cada vez mais nas peças submetidas a exame. O ano de 1968 é o início da grande agitação laboral e estudantil e coincide com a “evolução na continuidade” de Marcelo Caetano. A agitação era tremenda, havia prisões de estudantes. Os artistas estavam quase todos conotados com a oposição e, mesmo os que não estavam, apresentavam ideias muito contaminadas pelos novos valores, pelas novas estéticas, que os censores pretendiam a todo o custo reprimir. Por isso, mesmo que não reprovassem o texto logo à partida, acabavam por fazer imensos cortes, extirpando a obra teatral de tudo o que pudesse fazer perigar as convicções em que o regime assentava. César Moreira Baptista era nestes anos o responsável pelo Secretariado Nacional de Informação e Turismo. Um homem feito à medida das necessidades do governo. Os padrões da censura eram estabelecidos por convicções muito pessoais e pouco objectivas. Eram feitos cortes e reprovações por razões completamente absurdas como as que Luiz Francisco Rebello refere:

*O auto L'annonce fait à Marie*, de Paul Claudel que era um sujeito de um catolicismo extremo apesar de ter tido uma atitude muito ambígua durante a Segunda Grande Guerra, foi proibido durante muito tempo porque numa entrevista, o autor falava dos horrores que lhe causavam as ditaduras e referiu a ditadura em Espanha e naquele outro país vizinho cujo nome do ditador lhe estava a escapar. Esta foi a razão porque a peça foi proibida pela censura. Tinha tudo. Tinha o beneplácito do Vaticano, etc...

A tradução da peça *O Dispensário* de Sean O'Casey, em 1966, para o Teatro Experimental do Porto (TEP) foi logo proibida. Só foi representada depois do 25 de Abril. A censura viu na peça uma poderosa sátira às Caixas como eram chamados os Centros de Saúde na época. Até havia uma revista no Parque Mayer que gozava com isso. Havia uma mulher que entrava grávida e quando saía de lá, o filho já tinha bigode.

O Centro de Cultura Teatral do Porto órgão executivo do TEP conseguiu contornar muita coisa - mas esta não.... Por exemplo, *A morte de um caixeiro -viajante* tinha todos os aspectos para ser censurado mas eles lá conseguiram contornar...

(REBELLO, Cf.Anexo 1)

Pelo número de traduções registadas na Inspeção de Espectáculos, 866, durante a década de sessenta, apercebemo-nos da realidade da dramaturgia portuguesa. Mas a crise da produção dramática nacional não é específica dos anos 60, ou mesmo de todo o Estado Novo. Já Ramalho Ortigão, na sua época, falava da inexistência de uma burguesia instruída e amante de teatro, competente para exigir uma dramaturgia nacional.

Na actualidade, Carvalho (1999:58) reflecte sobre esta mesma questão:

Independentemente de muitas das evoluções hesitantes que têm marcado a história recente da dramaturgia portuguesa, o facto é que a nossa cultura teatral é ainda caracterizada pela produção de um número muito reduzido de textos dramáticos portugueses, o que coloca na tradução para teatro uma responsabilidade que não encontra ainda um reflexo equilibrado nem por parte de alguns agentes teatrais nem daqueles que acompanham a criação teatral.

Remetendo esta questão da insuficiente dramaturgia portuguesa para o período do Estado Novo, na perspectiva de alguns escritores portugueses, a censura teria maior tolerância na apreciação de obras literárias assinadas por autores estrangeiros, como defende José Cardoso Pires em artigo publicado no *Diário de Notícias*, (Azevedo, 1997:202):

Para isso usavam de larga tolerância em relação às obras estrangeiras e ao mesmo tempo dissecavam com empenho os textos nacionais.

Seria este o critério adoptado pela censura também para as peças de teatro?

E não seria a estratégia da tradução, uma solução adoptada por poucos empresários de teatro que havia neste Portugal macrocéfalo, uma forma de cativar o público português? Seria a maioria dos autores nacionais competente

e livre para dramatizar questões com interesse e em sintonia com outros valores que não fossem o da Pátria, Deus e Família?

É um facto que o espartilho imposto pela censura aos autores não deixava muita margem para escrever teatro que se destinasse a ser representado. Se o teatro reflecte a realidade envolvente...Era muito fácil resvalar para uma qualquer situação proibida.

O actor Rui de Carvalho considera que a “lição de Gil Vicente ficou perdida” porque a época de ouro do teatro espanhol coincidiu com o reinado dos Filipes em Portugal o que levou o público português a ver o que as companhias espanholas traziam a Lisboa: Lope de Veja, Calderon de la Barca e Tirso de Molina. (<http://spautores.pt>, 26/12/07).

Curiosamente, após a restauração da liberdade de expressão, em Abril de 1974, julgou-se que ia haver uma explosão de obras teatrais, finalmente, expostas à luz do dia, fora das gavetas onde os seus autores as tinham aferrolhado receosos da censura, mas tal não aconteceu.

O espartilho da autocensura foi talvez o que mais amputou a criatividade dos portugueses.

Ninguém escreve uma peça de teatro para ser representada, sabendo de antemão que vai ter *problemas*.

Houve anos em que não se estreou uma única peça portuguesa como em 1973. Os autores eram quase todos conotados com a esquerda mas a direita também não era poupada: Joaquim Paço D’Arcos, Guilherme de Oliveira.

(REBELLO, *cf. Anexo 1*)

E talvez traduzir seja mesmo uma herança cultural dos portugueses. Traduzir o que lá fora já fez furor. Num país onde desde sempre os empresários de teatro se queixa (ra) m das fracas plateias, apostar na dramaturgia nacional sempre foi pouco atractivo.

Nunca em Portugal as companhias de teatro prestaram grande atenção ao teatro português. Havia alguns dramaturgos em quem a Censura não se atrevia a tocar como era o caso do Alfredo Cortez, Carlos Selvagem, Vasco Mendonça Alves, Leitão de Barros ou Ramada Curto.

Apesar de gostar bastante de encenar teatro português contemporâneo, nem sempre era fácil porque os autores estavam sempre a intrometer-se e eram muito relutantes com a minha encenação. Davam mais ouvidos a actores como Alves da Costa ou a uma Brunilde, do que a mim que era um jovem encenador.

(COUTO VIANA, Anexo 1)

O Fundo de Teatro também obrigava o empresário a assumir grandes responsabilidades na rapidez com que tinha de actuar. E era muita a burocracia por que tinha de passar...

Se o público não fosse o suficiente, nós tínhamos de fechar o teatro imediatamente e no prazo de uma semana tínhamos de reabrir com uma nova estreia. Passados dois dias após a estreia de uma peça tínhamos de começar a ensaiar outra.

Como já foi aqui abordado neste trabalho, o critério geral dos empresários era o da rentabilidade comercial. E não estou apenas a referir-me ao teatro comercial. Também as companhias mais independentes e de vanguarda só avançavam com projectos que acreditavam que seriam aprovados.

Em 1950, pelo Decreto - Lei 2041 de 16 de Junho foi criado o Fundo de Teatro que subsidiava as companhias segundo critérios previamente estabelecidos. Aparentemente, o subsídio foi bem -vindo mas tornou o teatro refém do julgamento governamental, do que devia ou não ser criado.

Art.8º As empresas que concorrem aos subsídios deverão assumir o compromisso de fazer representar em cada época 25 por cento, pelo menos de obras dramáticas portuguesas, em três ou mais actos, inéditos

ou em repetição», só serão beneficiados os que anteriormente tenham realizado «os seus trabalhos com dignidade, agrado público e manifesta vantagem para a arte e para a literatura nacional.

Jogava-se, portanto, uma enorme autocensura, em que a escolha das palavras e das ideias era cuidadosamente manipulada para não haver problemas com a Comissão de Exame. Era também muito frequente, os censores deixarem a decisão de aprovação até ao ensaio de censura, para perceber melhor o significado e os vários significantes de todo o texto.

### 3.1 OS AUTORES TRADUZIDOS

Em termos de conteúdos, os autores de teatro traduzidos na década de 60 são dramaturgos, que na grande maioria, viveu a Segunda Grande Guerra, em que a sua única e possível estratégia de sobrevivência foi a escrita sobre melhores condições de vida. Embora criando sob a capa de vários tipos de dramaturgias, estes autores queriam basicamente afastar o espectro da guerra, das câmaras de gás, das perseguições, criaram a imagem do homem inadaptado perante uma sociedade desumanizada, vencido por ela, ou lutando pela mudança social.

Relativamente às novas formas de fazer teatro, já nos finais dos anos 40, e durante os anos 50, o Teatro Estúdio do Salitre, tinha iniciado uma grande reflexão sobre o teatro, criando novas expectativas, novas técnicas de encenação, quebrando o cansaço e a morte lenta que se afigurava no panorama do teatro português. A técnica de Sabotai, em articulação com a teoria de Fernando Amado, tornou-se uma verdadeira escola de renovação da cena teatral portuguesa.

O teatro dos anos 60 tentou autonomizar-se relativamente ao poder oficial, passando a ser um teatro que procurava as novas técnicas, os novos experimentalismo, as novas encenações. A figura do encenador começava nesta época a ser apreciada.

A Censura redobrava de atenção relativamente à encenação. Já não são só as palavras, mas tudo o que rodeava a cena que era preocupante.

A sociedade estava motivada. O teatro amador vivia uma época de ouro. Nesta época, as Colectividades, os Grupos Dramáticos, os Empregados de Comércio, os da Fábrica da Cerveja, a Sociedade Recreativa dos Plebeus ou a dos Modestos no Porto, foram de grande influência em termos culturais, nesta época de renovação e preparação para o 25 de Abril.

O Teatro Universitário assumiu posições de grande contestação na cena portuguesa, e nesta época revelou uma dinâmica extraordinariamente importante para a grande mudança social e política em Portugal.

...(Era um tempo de) baldas e as músicas de protesto e de intervenção. Havia aqueles espectáculos com o Zeca Afonso, o Adriano, e mesmo pequenas sessões, mais restritas, nas Repúblicas. E depois a actividade teatral era intensa com o TEUC e o CITAC.

Nós nem éramos um grupo de teatro com pretensões vanguardistas. O que defendíamos era fazer coisas novas, não era repetir, repor, repor... O que é certo é que o Paulo Quintita sai, entra o Luís de Lima, e o TEUC ganha outro fôlego. Inclusivamente, com a *Ilha dos Escravos* de Maridais, consegue ludibriar o Ministro da Educação, o José Hermano Saraiva.

Quando o texto foi à censura, o ministro olha para aquilo e diz: «sempre quero ver o que é que eles conseguem fazer com este texto». Viu e não gostou. Tanto que a PIDE expulsou o Luís de Lima do país.

Portanto, era possível fazer coisas e nós provámos que era possível.

(CRUZEIRO e BEBIANO, 2006:124-128)

Os grupos de teatro universitários pouco preocupados com o gosto do público ou em fazer grandes bilheteiras foram os responsáveis pela divulgação de algum do melhor teatro de vanguarda. Na década de 60, o teatro universitário apresentou Unesco em perfeita contemporaneidade com o resto da Europa Ocidental.

A Censura não tinha mãos a medir, por isso, os cortes e as inúmeras interferências em todas as peças que lhe eram submetidas era enorme em finais dos anos sessenta.

Os autores que a mudança desta década de 60 vai buscar são os autores estrangeiros que criam novos valores, investigam as razões para o teatro, experimentam os novos estilos; surrealismo, expressionismo, teatro de Brecha, teatro documenta, apeninos, teatro de rua, improvisações colectivas, teatro da crueldade...

Na lista que consta no Anexo 5 desta dissertação, encontramos uma tabela com os nomes de todos os autores que foram traduzidos durante a década em estudo.

Para um maior relacionamento do nome do autor com a sua obra, data, tradutor, empresa e decisão da Comissão, podemos verificar a Tabela Sinóptica no Anexo 2.

Passo a apresentar o quadro com os autores mais traduzidos ao longo de toda a década.

**AUTORES DE TEATRO MAIS TRADUZIDOS PARA PORTUGUÊS NA  
DÉCADA DE 60**

<b>AUTORES</b>	<b>NACIONALIDADE</b>	<b>Nº PEÇAS MAIS TRADUZIDAS</b>
Alexandro Casona	Espanhol	5
Alfonso Paso	Espanhol	5
Alfonso Sastre	Espanhol	4
Anton Tchekov	Russo	6
Arrabal	Espanhol	4
Barilet e Gredy	Francês	5
Bernard Shaw	Inglês	5
Charles Cordier	Francês	16
Eugène Labiche	Francês	5
Goldoni	Italiano	11
Ionesco	Romeno	8
Jaime D`Armiñan	Espanhol	4
Jean Anouilh	Francês	5
Jean Marsus	Belga	29
Max Frisch	Alemão	4
Molière	Francês	8
Musset	Francês	4
Nicolai Gogol	Russo	5
Pirandello	Italiano	9
Shakespeare	Inglês	7
Strindberg	Sueco	8
Tennessee Williams	Inglês	4
Terence Rattigan	Inglês	4
William Saroyan	Inglês	4

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Quadro 2

### 3.2 QUEM ERAM OS TRADUTORES ?

Conforme os depoimentos presentes neste trabalho, havia muita gente a traduzir sob pseudónimo por razões políticas em boa parte.

As minhas relações com os tradutores eram boas na qualidade dos textos, mas uma perfeita dor de cabeça na altura da sua entrega. Alguns tradutores entregavam o 1º e o 3º actos e demoravam muito tempo a terminar o 2º.

No caso do pagamento aos tradutores, fazia-se uma combinação logo no começo da tradução e eu pagava logo, nunca ficava à espera da bilheteira. No princípio de cada ano indicava os nomes das peças que queria traduzir. O Goulart Nogueira era um excelente tradutor que conhecia muito bem a língua portuguesa, para além de conhecer muito bem os meandros da Companhia porque trabalhava comigo. Estava sempre a traduzir porque precisava de dinheiro. Penso que ele traduzia também sob pseudónimos.

Claro que mexíamos muito nos textos traduzidos na tentativa de tornar as frases mais maleáveis para os actores. Pequenos acertos...

(COUTO VIANA cf. Anexo 1)

Quem traduzia para teatro era na sua maioria gente que conhecia a linguagem do palco.

Eram actores de teatro na sua generalidade. O Vasco Morgado tinha horror a fazer contratos. Só a título de exemplo, o Vasco pagou 10.000\$00 a um actor para lhe traduzir uma peça que foi um êxito retumbante e que lhe encheu a casa durante um ano.

Havia lá uns secretários a quem ele encarregava das traduções. E às vezes pedia-me para eu fazer umas revisões. Lembro-me de uma em que a personagem dizia par a outra: “e vamos aos sítios onde fizemos a nossa lua-de-mel – Nice, Riviera Italiana, Venezuela...”. Venezia foi traduzida por Venezuela...às vezes era assim!

Na minha opinião acho que deve ser um autor de teatro, alguém muito conhecedor da linguagem do teatro que deve traduzir para teatro.

(REBELLO, cf. Anexo1)

Ninguém traduzia sabendo de antemão que o seu trabalho ia ser reprovado pela Comissão. Não era bom para o empresário, nem para o tradutor que deixava de ter trabalho. Portanto, a tradução para teatro durante o período de vigência do Estado Novo, era à partida muito contida, muito auto manipulada ainda antes de chegar à Comissão de Censura:

Para escrever e publicar em Portugal era preciso fazer acrobacias geniais. A Censura é uma prática. As pessoas automutilavam-se. Precisávamos todos de conhecer bem os códigos. O Batista Bastos foi correspondente de alguns jornais portugueses enquanto esteve no estrangeiro. Escrevia semanalmente textos primorosos mas que eram todos cortados. Como estava fora já não se mostrava tão vigilante, já estava com outros azimutes e outras apetências.

(RAUL SOLNADO, cf. Anexo 1)

A tradução sob pseudónimo era um subterfúgio que, por vezes, resultava bem, como aconteceu no caso da peça *A Casa de Bernarda Alba*, de Lorca, onde foi a estratégia utilizada para conseguir levar à cena esta peça de cariz tão forte, quase revolucionário.

Quem traduziu sob pseudónimo foi o Manuel Mendes e o José Gomes Ferreira. Tudo gente da oposição. E foi assim que se conseguiu furar a censura, conseguindo iludi-los...

(MARIA BARROSO, cf. Anexo1)

No Anexo 4 apresento a longa lista de tradutores em relação com as empresas para quem traduziam. Há os tradutores imortais, que são os poetas, os grandes romancistas e dramaturgos que nos anos 60 já se lhes reconhecia

grandeza. Outros são actores. Alguns ainda estão entre nós, outros que já cá não estão. Muitos que reconhecidamente pertenceram a uma época. E muitos outros que o seu nome, verdadeiro ou falso, já foi esquecido pelas próprias empresas para quem trabalharam.

## **CAPÍTULO 4**

### **O TEATRO DA RTP**

O Teatro da RTP merece um especial destaque, quer pela sua importância, enquanto único meio de dar a ver a arte teatral à maior parte dos portugueses, criando-lhes o gosto pelo teatro, como também, pela qualidade do trabalho que foi efectuado durante a década em estudo.

Uma grande parte do repertório das Noites de Teatro, julgo que terá sido composto por teatro traduzido no departamento de tradução da RTP ou encomendado a tradutores em regime de “free lancer” para o mercado nacional.

Todas as traduções para teatro apresentadas, quer pelos “tradutores da casa”, quer pelos tradutores em regime de “free lancer”, eram obrigatoriamente submetidas à Comissão de Exame da Inspeção dos Espectáculos. Apesar de ter sido criado, em 1964, o Gabinete de Exame e Classificação de Programas a nível interno da RTP, as peças de teatro continuavam a ser enviadas para a Inspeção de Espectáculos, a solicitar autorização de transmissão e/ou de produção. De 1960 até 1969 foram apresentadas à Comissão de Exame e Classificação da Inspeção dos Espectáculos 276 traduções de peças de autores estrangeiros.

## IDIOMAS TRADUZIDOS PARA O TEATRO RTP

IDIOMA DO AUTOR	Nº DE PEÇAS TRADUZIDAS	Nº DE PEÇAS REPROVADAS	Nº DE PEÇAS TRANSMITIDAS
Francês	133	7	13
Inglês	68	11	9
Espanhol	29	0	2
Italiano	22	2	2
Russo	14	0	1
Grego Latino	3	2	0
Alemão	2	0	1
Sueco	2	0	0
Checo	2	0	1
Dinamarquês	1	0	0
	<b>276</b>	<b>23</b>	<b>29</b>

**Quadro 3**

Segundo o catálogo organizado pela Direcção de Novos Projectos e Arquivo da RTP, *Memórias dos Arquivos da RTP*, dedicado ao teatro, pode-se ler que a década de 60 foi uma das mais produtivas: «por décadas, a mais produtiva foi a de 80, com 96 peças, seguida da década de 60, com 82 peças.».

Os número referidos no Catálogo não são coincidentes com o número de peças apresentadas na minha tabela, pelo motivo destas 82 peças referidas no catálogo estarem incluídas as peças que a RTP gravava noutros palcos e posteriormente adaptava para a televisão: «produzidas originalmente para teatro e posteriormente adaptadas para estúdio, quer ainda das gravadas directamente em palco».

No entanto, considerando as 276 peças que foram traduzidas e submetidas ao exame da Comissão de Espectáculos, teria de haver registo de muitas mais peças apresentadas ao público, mas como já foi referido aqui neste trabalho, há muita documentação que se perdeu, ou dispersou logo a seguir ao 25 de Abril e há a questão do material gravado que se danifica com o passar do tempo, perdendo-se muitas vezes a única memória registada.

Prosseguindo nesta amostragem, verifica-se que durante os anos 60, o francês era a língua de tradução mais utilizada. Tanto no que refere a tradução directa de autores de língua francesa muito apreciados, como de traduções de idiomas como o russo, checo ou das línguas escandinavas, feitas a partir de edições francesas.

Nesta época, a RTP contava com a colaboração de Jorge Listopad de nacionalidade checa e que era realizador na empresa, mas só tenho a confirmação deste ter traduzido Tchekov, conforme o quadro 4.

#### AUTORES MAIS TRADUZIDOS PARA O TEATRO RTP

AUTORES	PEÇAS DE TEATRO	TRADUTORES
Aleksandr Ostrovski	O bosque	Manuel Lerenó (1964)
Anton Tchekov	Trágico à força	António Carlos (1963)
Anton Tchekov	Ivan, o Secretário	Jorge Listopad (1965)
August Strindberg	Páscoa	João A. Oliveira (1961)
August Strindberg	O holandês errante	Ricardo Alberty (1963)
Dostoyevski	Cartas de amor	Correia Alves (1962)
Dostoyevski	Um ladrão honesto	Manuel Lerenó (1964)
Esquilo	Prometeu agrilhado	Eduardo Scarlatti (1961)
Eurípedes	Medeia XX	Luis Loyce (1968)
Hans Christian Anderson	A bola de fogo	Jorge Filgueiras (1966)
Ivan Turgueniev	Uma senhora da província	Ricardo Alberty (1961)
Ivan Turgueniev	Um mês no campo	Ricardo Alberty (1964)
Karel Kapek	RUR	Lima de Freitas (1966)
Leon Tolstoi	As três verdades	Luis Moreno (1962)
Nicolai Gogol	Os jogadores	Correia Alves (1963)
Nicolai Gogol	A briga entre os dois Ivans	Ramos Ribeiro (1961)
Nicolai Gogol	Os jogadores	Virginia Mendes (1963)
Nicolai Gogol	Diário de um louco	Virginia Ramos (1966)
Puchkin	A dama de espadas	Jorge Filgueiras (1968)
Slawomir Mrokec	A casa fronteira	J. Salazar Sampaio (1969)
Terêncio	Formin	Leopoldo Araújo (1967)
Vladimir Korolenko	Yom – Kipur	Andrade e Silva (1963)

Quadro 4

No intuito de fornecer algumas pistas para melhor perceber qual a ligação dos tradutores à empresa, apresento o quadro 5 onde incluí apenas os nomes dos tradutores que assinam mais de cinco traduções, dado haver uma lista extensa de nomes de tradutores que fizeram apenas uma tradução.

## TRADUTORES PARA O TEATRO RTP

TRADUTOR	PROFISSÃO	IDIOMAS DE TRABALHO	Nº TRADUÇÕES
<b>Alice Ogando</b>	Tradutora	Francês	5
<b>Ana Luisa Pais da Silva</b>	Funcionária da RTP	Francês/Italiano/Espanhol	5
<b>Armando Vieira Pinto</b>	Escritor	Espanhol/Italiano	5
<b>Botelho da Silva</b>	Cenógrafo da RTP	Inglês	24
<b>Correia Alves</b>	Realizador da RTP	Inglês/Francês/Espanhol	11
<b>Eurico Lisboa (Filho)</b>	Escritor	Francês/ Espanhol	6
<b>Francisco Mata</b>	Realizador da RTP	Francês/Inglês	5
<b>Jorge Filgueiras</b>	Artista	Inglês/Francês	5
<b>Manuel Lerenó</b>	Artista	Francês/Espanhol/Italiano	17
<b>M<sup>a</sup> Ana Pereira da Silva</b>	Tradutora RTP	Francês	20
<b>Nuno Fradique</b>	Realizador RTP	Inglês/Francês/Italiano	8
<b>Odette Saint-Maurice</b>	Escritora	Francês	5
<b>Ricardo Alberty</b>	Escritor	Inglês/francês	11
<b>Rui Ferrão</b>	Realizador da RTP	Italiano/Espanhol	5
<b>Rui Pilar</b>	Tradutor da RTP	Francês	47
<b>Virginia Mendes</b>	Tradutora	Francês/Espanhol	7

**Quadro 5**

As preocupações com a incapacidade interpretativa da maioria do público e ainda os cuidados a ter com a língua portuguesa é referido por Marcelo Caetano em carta enviada a Ramiro Valadão, em 14/1/72, de que apresento um pequeno excerto:

Já mais de uma vez tenho pedido a sua atenção para o telejornal. O comentário ontem acrescentado à nota da Direcção-Geral de Segurança era, decerto, muito bem - intencionado: mas era também a negação do jornalismo televisivo. «Os bombistas é que têm razão», dito para milhões de ouvintes, na maioria incapazes de subtilezas interpretativas, é de uma falta total de inteligência e senso.

Depois...o irritante «enquanto isto» já nem chegou a irritar-me. Todas as noites tenho esperança de que haja alguém na RTP com gosto pela língua portuguesa que ponha termo a tais aleijões. Mas não há.

*Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, A Política de Informação no Regime Fascista, 1984:249*

Na resposta de Ramiro Valadão apercebemo-nos das suas preocupações com a formação de pessoal qualificado:

Dado a falta de tempo não pude ler – e ainda menos escrever – aquele comentário. (...) O problema da revisão das legendas dos programas que as tenham vai ser resolvido mercê de contacto a fazer com quem para tal tenha categoria e tempo bastantes. (...) A gente mais nova não tem preparação bastante e, por isso, estou a procurar que a R.T.P. consiga formar os seus próprios quadros. Trata-se porém de uma tarefa que não dará frutos a prazo muito curto mas apenas a longo prazo.

*Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, A Política de Informação no Regime Fascista, 1984:253*

Também a questão «de milhões de ouvintes, na maioria incapazes de subtilezas interpretativas», levava a que a Comissão de Exame lesse com um extremo cuidado tudo o que era escrito, de modo a não deixar dúvidas nos telespectadores. Havia uma vigilância e um grande controlo sobre tudo o que era discurso conotativo e as figuras de estilo exigiam cuidados redobrados.

As peças de teatro estrangeiro traduzidas e reprovadas durante a década de sessenta são-no em parte, devido às temáticas que se prestam a interpretações que os censores consideram ruinosas para a moral tradicional.

O poder do tradutor ao serviço de uma empresa como a RTP era inexistente, dada a apurada filtragem feita pela ideologia dominante. Os requisitos do tradutor eram os da sua aptidão técnica para o ofício. A sua responsabilidade era nula em termos da sua manipulação interventiva na mensagem.

As traduções, neste caso de teatro, numa empresa como a RTP, eram censuradas pelo tradutor que se auto-vigiava para não ter deslizes técnicos e interpretativos e conseguir assegurar o seu trabalho. No entanto, embora passando por vários censores a nível interno, quem tinha a última palavra era sempre a Comissão de Exame da Inspeção dos Espectáculos.

Este exercício do poder está patente no caso que passo a apresentar e que junto no Anexo 6.

Em 1965, o Director de Serviços de Programas da RTP enviou um ofício ao Inspector Chefe dos Espectáculos, juntando dois exemplares da tradução de uma peça de Harold Pinter, *Chá de Aniversário*, programada para ser transmitida num programa especial da Eurovisão – O Maior Teatro do Mundo - do qual a televisão portuguesa era parceira.

A peça que foi enviada pelo Comité da Eurovisão e traduzida por Maria Teresa Ataíde, tradutora da RTP, explora a frustração sexual de um homem de meia – idade, que inventou a cegueira para satisfazer o seu desejo de tocar na secretária, o objecto dos seus lúbricos desejos. Com o passar do tempo a cegueira acabou por tornar-se realidade.

Conforme o ofício enviado pela RTP, a tradução foi vista e revista e já tinham sido eliminadas as situações que no original ofereciam problemas para o público português.

Contudo, a deliberação da Comissão de Exame da Inspeção dos Espectáculos, após a leitura da referida tradução «deliberou aprovar a peça “CHÁ DE ANIVERSÁRIO”, para Maiores de 17 anos, pelo que a mesma não pode ser transmitida.»

A Comissão de Exame recorria a esta decisão sempre que queria reprovar as decisões feitas a nível interno da RTP

Este era o eufemismo habitual considerando o art. 36 do Decreto –Lei nº 42660, que regulava os horários e tipos de programa, havendo apenas programas «para todos» e «para maiores de 12 anos».

## **CAPÍTULO 5**

### **A CENSURA NA PRÁTICA**

No corrente capítulo apresento o estudo da apreciação de alguns comentários dos censores, observados em 30 peças seleccionadas aleatoriamente de entre as 866 peças que constam na Tabela Sinóptica no Anexo 2.

Estes comentários organizei -os em três categorias de factores de censura: factores de natureza moral, política e religiosa.

Desde já podemos observar no Gráfico 2 a classificação dos factores de natureza política, moral e religiosa, em que uma grande parte dos cortês e proibições se devem a factores de natureza moral – enquadra-se nesta categoria 55% dos casos enquanto 27% são de ordem política e 18% religiosa.

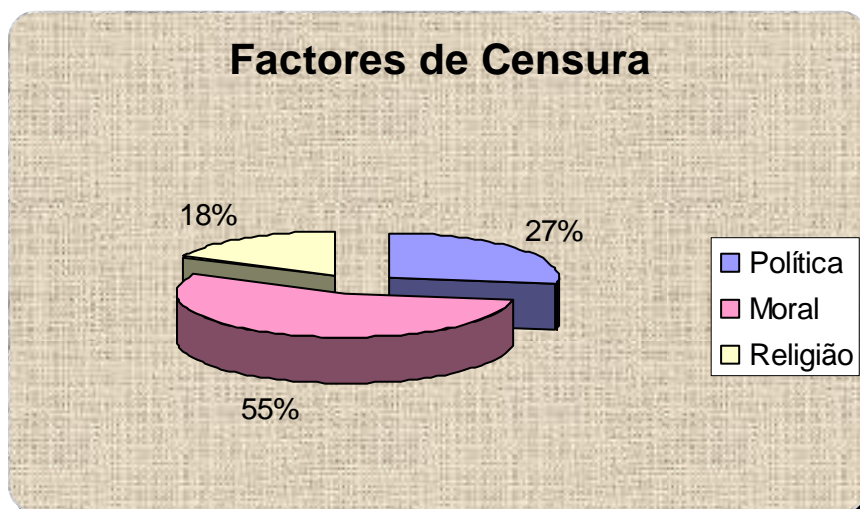
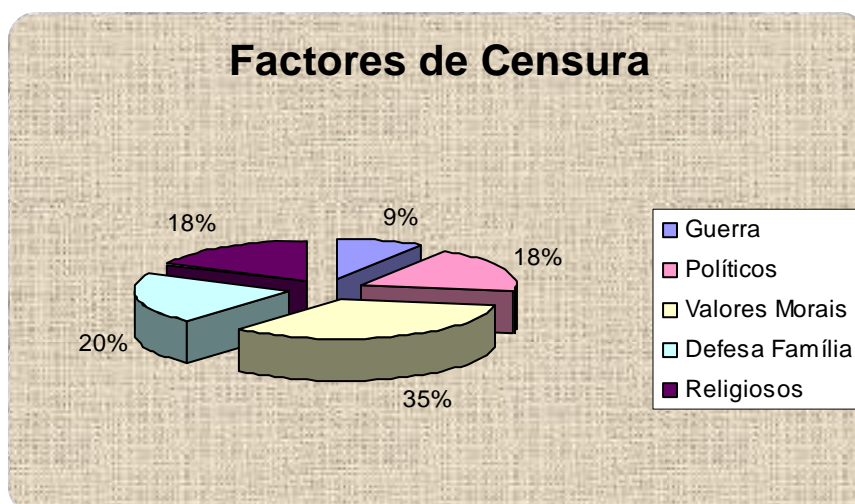


Gráfico 2

Os factores que são apresentados vão ser uma constante ao longo de toda a década de 60. Observa-se, contudo, que em finais dos anos 60, algumas situações mais conotadas com a comédia de costumes começam a ser permitidas conforme as palavras do próprio censor da peça *Milionários sem vintém* em 1969: «a verdade é que a bitola a usar agora é outra, a evolução dos temas cinematográficos criou precedentes (...)»



**Gráfico 3**

Numa observação mais fina, Gráfico 3, podemos concluir que nos factores políticos foi incluída a guerra, pois o pacifismo era mal visto pelo Estado. Os jovens portugueses eram desde muito cedo iniciados no dever patriótico, quer com a Mocidade Portuguesa, quer com a obrigatoriedade de cumprir o serviço militar. Com a guerra em África a decorrer, eram poucos os que escapavam à carnificina, sendo as razões na maioria dos casos, devido a fragilidades físicas que os dispensavam, o que era visto como falta de masculinidade, ou incorriam no grave crime político da deserção. Nos factores morais foi incluída a defesa da família, numa época em que o próprio conceito de família já estava a mudar, diligenciando os censores para manter inalterável o conceito familiar burguês, do século XIX: adultério, homossexualidade, liberdade sexual, eram situações altamente reprimidas e determinantes para o estabelecimento de uma bitola da censura em Portugal e para a manutenção do *status quo*

Os cortes e as proibições das obras em análise devem-se fundamentalmente à instrumentalização da censura enquanto forma de reproduzir simbolicamente uma sociedade criada artificialmente de costas voltadas para o mundo em mudança baseada num sistema de valores e em máximas gerais imutáveis. Para aqueles que não queriam reconhecer as normas vigentes eram aplicadas as sanções.

## FACTORES DE CENSURA NAS PEÇAS DE TEATRO

PEÇA TEATRO	FACTORES DE CENSURA		
	POLÍTICOS	MORAIS	RELIGIOSOS
Andorra	Guerra. Especulações acerca do militarismo		
A Cantora Careca			
O casamento do Senhor Mississippi	Nomeação de nomes inimigos do estado	Defesa da família	Desrespeito pela Igreja
Criado de dois anos		Feminismo	
Cucurucu		Defesa da família	
Cyrano de Bergerac		Desrespeito pelas coisas da Igreja	
Do alto da Ponte	Fraqueza da autoridade	Linguagem de mau gosto	
O Escurial			Desrespeito pelas figuras da igreja
Ferida do tempo		Linguagem política	
A Construção de um Império ou schmurz	Depreciação da política, estado	Adulterio	
Formion			
Li Sing		Visão pessimista da realidade social	
Limpeza geral			Utilização imprópria de títulos religiosos
A Mandrágora		Adulterio	Desrespeito pelas figuras da igreja

PEÇA TEATRO	FACTORES DE CENSURA		
	POLÍTICOS	MORAIS	RELIGIOSOS
Milionários sem vintém		Defesa da família Linguagem brejeira	
Piquenique em campanha	Valores militares postos em causa		
O Respiradouro		Linguagem de mau gosto. Libertinagem Dissolução da ordem social	
Romeu e Julieta		Linguagem figurada dos órgãos sexuais – moral pública	
O sol e o chapéu de chuva		Defesa da família moral pública	
As Tetas de Tirésias		Alteração do título de mau gosto.	
A Tia de Charley		Linguagem brejeira Moral pública	
O Tinteiro	Especulação política	Crueldade social	
Um certo Senhor Smorzick		Defesa da família moral pública	
Uma estrangeira na ilha	Política internacional		
A vida e sonho	Conotações sobre a autoridade	Moral pública	
A 3200 metros	Guerra		Desrespeito à palavra de Deus
Menina Júlia		Dissolução da ordem social Moral pública	

PEÇA TEATRO	FACTORES DE CENSURA		
	POLÍTICOS	MORAIS	RELIGIOSOS
O tempo e a Ira		Dissolução da ordem social Mau gosto da linguagem Moral pública	Desrespeito à hierarquia religiosa
Saudades de Berta		Moral pública Libertinagem	
Ópera, Òpera	Anti-militarismo		

Quadro 6

## 5.1 OS FACTORES POLÍTICOS

Podemos observar que em 30 casos, 10 estão relacionados com a política. Sendo que 5 dizem directamente respeito à guerra.

Durante toda a década de 60, o Estado está em plena campanha de sensibilização militar dos jovens portugueses para a guerra em África. O discurso anti-militarista dos autores do pós –guerra era muito mal recebido.

**SNI/DGE/ 6507 - *Li Sing*** de Dorian Stevenson, traduzida por Manuel Lerenó, em 1961, para a RTP, foi reprovada pelas «frases terroristas sobre a guerra, que particularmente nesta altura teriam de ser eliminadas».

**SNI/DGE/6170 - *Ópera, Ópera*** de William Saroyan, traduzido por Artur Ramos, em 1960, para a Sociedade Guilherme Coussull. Todas as frases de índole pacifista são cortadas.

p. 45 – Ópera, não sendo menos absurda do que a guerra ou o assassinato, a ópera está sempre fora de moda e, contudo, tal e qual como a guerra ou o assassinato vai existindo sempre.

**SNI/DGE/ 6383 – *A 3.200 metros de Altitude***, de Julien Luçaire, traduzida e adaptada para a RTP por Eurico Lisboa (Filho), em 1961.

p. 11 – A guerra; a pátria é um rebanho de fanáticos, aqui está o que tu queres fazer de um povo moderno: regressar à barbárie. A ideologia nacionalista leva-nos à guerra. Escolher entre três sistemas: democracia, fascismo e comunismo. A sociedade foi feita para os homens e não os homens para a sociedade, somente para que uma grande massa deixe de sofrer em proveito de alguns é preciso uma revolução. Nunca impedirão um francês de dizer mal do seu país. Era preciso que uma nação fosse forte sem ser agressiva. E livre sem ser fraca.

**SNI/DGE/6769 - *Andorra*** de Max Frisch, traduzida por Ilse Losa em 1962, para o Teatro Moderno de Lisboa, foi reprovada pelo discurso anti-militarista.

**SNI/DGE/7497 - *Piquenique em Campanha*** de Francisco Arrabal, traduzido por Maria de Lourdes Assis, para o CITAC em 1964, foi reprovada porque apresentava um discurso demasiado pacifista.

**SNI/DGE/6402 - *O Escurial***, peça em um acto de Michel Ghelderod, traduzida por Júlio Gesta para o TEP, em 1961, é reprovada por apresentar a autoridade de um modo decrépito. O rei está febril, macilento, com roupas imundas e pedrarias falsas no pescoço e nas mãos.

**SNI/DGE/6185 - *Cucurucucu***, peça de Alfonso Paso e traduzida por Henrique Santana e Francisco Ribeiro, em 1960, para o Teatro Variedades. Estes dois veteranos do teatro português propõem um discurso despudorado e até de alguma loucura, ainda que considerando o ambiente de teatro de revista, obviamente, foi cortado.

*p. 102 - José: Vivam as cubanas!*

*Jorge: (ri-se) Viva Fidel Castro!*

**SNI/DGE - *A Ferida do tempo*** de Priestley para o Teatro Nacional em que se fala do direito à greve e é apenas cortada a fala de Madge que diz:

*p.63 - Tenho vergonha da maneira como a classe*

*média se volta contra o proletariado*

**SNI/DGE/6548 – *O Tinteiro*** de Carlos Muniz, para o Teatro Moderno de Lisboa. A peça foi aprovada com inúmeros cortes mas foi um êxito nacional e, ironia do destino, representou o Teatro Português num certame Internacional de Teatro em Paris.

A personagem Crock é completamente trucidada pelo sistema burocrático. Crock é a imagem real do pequeno empregado de escritório vindo

da aldeia que acorre à cidade por uma vida melhor, mas em vez disso, acaba por morrer de fome. Os cortes são primorosos e a ambiguidade instala-se entre o público. O protagonista é vítima da sociedade, e das condições que o estado promove, mas também da sua própria inadaptação a uma sociedade desumanizada. Os cortes são inúmeros. Aqui fica um exemplo:

p.12 - *Crock*: Proibir dá sempre uma grande sensação de autoridade... Pois tens razão, proibam tudo o que quiserem, mas o que não podem proibir é o riso, nem os vendedores de balões para crianças...

p.23 - *Frank*: este escritório antigamente era ...uma anarquia...uma anarquia ... E foi por isso que me nomearam para o cargo de Chefe de Pessoal...para acabar com a desordem...

p.32 *Livi e Crock*: (falando entre eles) Rebelde. Passar fome e protestar é rebeldia.

p.34 - *Livi* - O Sr. Director de ti, só sabe que és rebelde. E os tipos rebeldes incomodam-no.

**SNI/DGE/6832 - *A Vida é Sonho*** de Calderon de la Barca e traduzida em 1962 para a RTP foi aprovada com cortes. As várias personagens tiveram cortes nas respectivas falas. Por exemplo, a fala de Segismundo é cortada no momento exacto em que ele põe em dúvida a própria lei: «quando não é forte a lei...» p.13.

**SNI/DGE/6832 - *Uma estrangeira na ilha***, de Georges Soria, em 1962, foi traduzida para ser apresentada pelo TEP, mas foi reprovada porque na opinião do censor, a temática passa-se em Chipre antes da independência e pode prejudicar a cordialidade entre Portugal, a Grécia e o Reino Unido, «não me parece oportuna a sua representação».

**SNI/DGE/6895 - A Construção de um Império ou Schmurz** de Boris Vian, *foi* traduzida por Fernando Seabra em 1961, para o TEP, mas processo foi de imediato reprovado. O TEP interpôs recurso muito bem fundamentado, argumentando que com o seu público restrito e evoluído tinha necessidade de recorrer a peças intelectualmente estimulantes para ultrapassar a crise do teatro em Portugal e ainda com uma tradução que só valorizava a língua portuguesa. Apesar do argumento a peça foi de novo reprovada.

## 5.2 OS FACTORES MORAIS

Relativamente aos factores morais a acção instrumental da censura estava orientada para manter os costumes da sociedade, dominando a todo o custo as modificações sociais que estavam em marcha desde o final da Segunda Grande Guerra. Foi esta racionalidade apoiada no saber empírico do quotidiano que determinou as estratégias implementadas na Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos.

Deus Pátria Família era a tríade em que assentava o programa político do Estado Novo, portanto, a defesa da família era dentro dos factores morais e sociais a primeira grande preocupação da censura.

**SNI/DGE/ 7336 - *O casamento do Senhor Mississippi*** de Durrenmatt foi traduzida para o TEP por Júlio Gesta em 1963 e, de imediato, foi vista como um atentado contra a moral. O censor refere que «nada puro lhe resiste: a moral, a família, a lei, a religião. Nada tem que não seja um ataque a todas as estruturas morais do indivíduo e da sociedade».

o censor acusa ainda a peça de ser a mais nihilista de quantas tinha lido e refere-se-lhe como sendo uma «peça cheia de interesse e de originalidade, à parte as asneiras da tradução». A tradução é de Júlio Gesta, um dos fundadores do TEP e figura proeminente da cultura no norte do país.

**SNI/DGE/6185 - *Cucurucucu***, peça de Alfonso Paso e traduzida por Henrique Santana e Francisco Ribeiro, em 1960, para o Teatro Variedades.

A peça foi aprovada mas sofreu vários cortes. Nesta cena foi cortada porque os dois maridos estavam encantados por se verem livres das respectivas mulheres que estavam nas termas:

*p. 102 – José: Vivam as mulheres!*

*Jorge: Dos outros! Que as nossas estão em Caldelas!*

**SNI/DGE/8418 - A Mandrágora** de Maquiavel, traduzida por Carlos de Guimarães, para o TEP e reprovada pelos censores porque a peça «no plano moral, ultrapassa em muito a bitola da nossa Comissão. Voto por isso a sua reprovação».

**SNI/DGE/8566 - Formion** de Terêncio, traduzida por Leopoldo Araújo para a RTP, em 1967, sofreu igual reprovação com o seguinte argumento: «embora se trate de uma comédia cuja acção decorre fora da nossa época, não há dúvida que tira partido jocoso dum adultério e duma situação de bigamia».

**SNI/DGE/6164 - Os Milionários sem vintém**, de Barillet e Gredy, traduzida por Pinto Gonçalves para a Empresa Vasco Morgado, em 1960, apenas conseguiu ser aprovada em 1969.

Transcreve-se o comentário do censor em 1960:

**Repercussão para o público** Comédia estilo parisiense, livre e picante, apresenta os habituais inconvenientes das peças deste estilo, o valor que aqui se encontra menosprezado parece ser o da sociedade e sentido cristão do matrimónio – João e Luísa vivem em estado de adultério espiritual quase permanente, tal a liberdade com que se conduzem apesar de se amarem e acabam por se divorciar. O facto de novamente se juntarem para oferecer o “happy end” que se impõe, não obsta a que se considere a peça dissolvente dos bons costumes e vote pela sua reprovação.

A 14 de Janeiro de 1969, a Censura acaba por revogar a reprovação, depois de anos de insistência de Vasco Morgado.

Transcreve-se a revisão de classificação:

**Repercussão para o público:** Como se verifica do processo já em 1960, li esta peça tendo votado então pela sua reprovação. Relendo-a julgo possível encontrar solução mais generosa, sem contudo negar a crítica que então fiz. A verdade é que a bitola a usar agora é outra, a evolução

dos temas cinematográficos criou precedentes, e o tom de farsa que se recomendaria à empresa diminuirá os inconvenientes que a peça contém. Nestes termos voto pela aprovação, julgando desnecessário efectuar cortes. É para maiores de 17 anos.

**SNI/DGE/ 6690 - *O Sol o Chapéu de Chuva***, de Leon Deutsch, traduzida para a RTP, em 1962, foi reprovada porque o censor considerou que «a falta de alusão à hipótese de um casamento entre António e Francine poderia levar os telespectadores a considerar a relação imoral.»

**SNI/DGE/6439 - *Um Certo senhor Smorzick***, de Charles Cordier, traduzida por Rui Pilar para a RTP, em 1961, levou o censor a fazer uma longa prelecção a propósito desta peça que reprovou. Escrevendo no relatório que a peça é dissolvente e imoral, dizendo que é «a própria essência da organização da sociedade que é atingida pelo romantismo da sensibilidade e da paixão que sacrifica ao individualismo. Toda a disciplina e regra moral em que se apoia e fortalece a família»

**SNI/DGE/8217- *O Tempo e a Ira*** de John Osborn, traduzido por José Palla e Carmo só conseguiu ser aprovado em 1966, conforme se pode verificar na análise de caso, capítulo V deste trabalho.

A Comissão de Exame tinha uma particular atenção a todas as temáticas que abordassem a falência do casamento, da prostituição e da homossexualidade.

**SNI/DGE/7866 - *O Encontro*** de Charles Dyer, traduzida por Jacinto Aires, em 1965, para o Teatro Estúdio de Lisboa, o censor escreveu: «a acção passa-se em casa duma prostituta, com um freguês que é palerma. Nestas condições é muito difícil que uma peça se salve»

A empresa pediu a revisão do processo mas a peça foi de novo reprovada pela sua temática estar ligada à prostituição «este cancro permanente que existe desde que há homens e mulheres».

**SNI/DGE/ 6375 - *Saudades de Berta*** de Tennessee Williams, traduzida por Luiz Francisco Rebello, para a Sociedade Guilherme Coussul, em 1961, a peça é simplesmente reprovada sem ter qualquer risco ou corte, só porque decorria num quarto de uma prostituta que estava doente. O censor refere-se ironicamente ao tradutor como «ilustre comediógrafo».

**SNI/DGE/6635 - *Ferida do Tempo***, de J.B. Priestley, traduzida por Redondo Júnior, para a Companhia Amélia Rey Colaço. Apesar da enorme indignação com a linguagem «que peca por excessivo realismo plebeu» o censor cortou a palavra homossexual, substitui a palavra maricas por menino e cortou filho da mãe e na cama.

**SNI/DGS/6215 - *Do alto da ponte*** de Arthur Miller, traduzido por Natércia Freire, em 1960, para o TNDMII, foi submetida à Comissão de Exame, que a aprovou com muita relutância. Passo a citar as palavras do censor:

a linguagem que estes personagens usam peca por excessivo realismo plebeu, sobretudo no caso do insulto deles, e é um susto para a minha sensibilidade que a vejo empregada num palco com as responsabilidades da do nosso teatro oficial. Reconheço, todavia, que esta tem a função de carácter artístico e que não pode sacrificar à ignorância total dos plebeísmos e expressões de rua, a missão divulgadora do bom teatro contemporâneo.

**SNI/DGE/6608 - *Romeu e Julieta*** de Shakespeare, traduzido por Luís de Sousa Rebelo, em 1961, para a Companhia Amélia Rey Colaço. A conversa entre Mercúrio e Benvolio levou os seguintes cortes:

*p. 2 - Mercúrio:* O quê? O cabaço das raparigas?

*Benvolio:* Sim, a cabeça ou o cabaço

p. 32 - *Mercúrio*: Pelas coxas frementes e pelos domínios adjacentes

p. 33 - *Mercúrio*: Se ela fosse uma nêspêra aberta e tu uma pêra pontiaguda

**SNI/DGE/6359 - *A tia de Charley*** de Georges Abbot, traduzida por Sérgio de Guimarães, em 1961, para a Empresa Vasco Morgado. O censor comentou: «arrevistada de tal maneira que se impõem vários cortes de expressões e trocadilhos»:

p.11 - *Ma filha di... Napoli...*

p.13 - Julgavas que a flor de laranjeira era de ida e de volta?

p.17 - Nunca o feminino pode ter a mais  
nunca o masculino pode ter a menos

**SNI/DGE/ 6832 - *Vida é Sonho***, de Calderon de La Barca, traduzida por Ricardo Alberty para a RTP, em 1962. Na fala de Estrela é cortada a palavra amante na «meu grosseiro, amante, vilão» (p.19)

**SNI/DGE/8957 - *Respiradouro*** de Adolf G. Schwarzlein, traduzida por José Osório, para o Cénico de Direito em 1969. Foi muito mal recebida pela Comissão que a reprovou; pelo calão utilizado, pelas cenas lúbricas, pela simbologia do ambiente claustrofóbico e irrespirável.

**SNI/DGE/ 5978 - *Menina Júlia*** vai sofrendo cortes à medida que a década vai avançando. Para a primeira representação, em 1960, no Teatro Nacional pela Comp<sup>a</sup> Amélia Réu Colaço – Robles Monteiro, o censor quer que seja aligeirada a cena de sedução nas p.p 13,14, «sem que Júlia esteja entre as pernas de João e todas as frases indicadas nas páginas 28 e 49»

p.28 - João: e uma prostituta é uma prostituta

p.49 - Júlia: (...) e o teu sexo a nadar num mar de sangue como esta pobre coisa! (...) e tu julgas que te amo porque o meu ventre precisa da tua semente?

Em 1965, a peça *A Menina Júlia* é de novo submetida à Comissão de Exame, supõe-se que seja com a mesma tradução de Redondo Júnior já com mais cortes:

*p. 4 - Cristina: e fizeram asneiras...*

*p.16 - João: Nós não costumamos servir-nos desse termos... possuir aquela...*

*p.24 - João: Só há que abalar para outro país onde se viva em república, onde as pessoas se curvem até ao chão diante da libré de um porteiro. É preciso uma pessoa saber curvar-se até ao chão, mas EU nunca o farei (...).*

*p.28 - João: e uma prostituta é uma prostituta*

*p.36 - Júlia: O prazer, dois dias, oito dias, tanto tempo quanto pudermos gozá-lo e, depois, morrer.*

*p.44 - Cristina: Ela que queria abater a pobre Diana só porque andou com o rafeiro do guarda*

*p.48 - Júlia: maldita a hora em que a minha mãe me trouxe no ventre*

*p.49 - Júlia: o teu sexo todo a nadar num mar de sangue, como esta pobre coisa! (...) e tu julgas que te amo porque o meu ventre precisa da tua semente?*

*p.59 - João: (...) e já é demasiado tarde... e a polícia vem...*

Em 1965 o TEP apresenta uma tradução diferente e é reprovada pelo censor que escreve «entendo que esta tradução oferece mais dificuldades do que a anterior»

Em 1968 o Centro Cultural e Recreativo dos Empregados e Operários da Sociedade Central de Cervejas em Lisboa submete uma nova tradução, que julga-se que foi baseada na tradução de Ana Maria Patacho Fernando Midões, e que acabou por ser aprovada mas com mais seis cortes.

*p.25 - João: (...) Julga que nunca tinha experimentado?*

*p.26 - João: e uma puta é uma puta*

*p.27 - João: nunca vi nada semelhante a não ser entre os animais ou as prostitutas.*

p.33.- *Júlia*: não, o prazer, dois dias, oito dias, o maior tempo possível que o pudermos gozar, e depois, morrer...

p.42 - *Cristina*: Ela estava prestes a abater a pobre Diana porque andou com o cão do guarda

p.43 - *Júlia*: e todo o teu sexo (...) porque o meu ventre necessitou da tua semente

Destes quatro momentos em que a peça *Menina Júlia* foi submetida à Comissão de Exame foi sendo cada vez mais censurada.

Dois dos cortes foram constantes e são os que têm a ver com a nomeação explícita prostituta/puta e o sexo (do João) e o ventre (da Júlia) a precisar da semente. São cortes ligados a factores morais como é referido neste trabalho e que pretendem impedir a emergência da emancipação da mulher e da revolução sexual em curso.

**SNI/DGE/6440 *O Criado de Dois Anos*** de Carlo Goldoni, traduzido por Pedro Lemos, em 1961, para o Sindicato Nacional dos Empregados de Comércio de Lisboa. Foi cortado o discurso feminista de Esmeraldina:

p.19 - *Esmeraldina*: Sim, se fôssemos como os homens! Digo, como diz o provérbio: nós temos as vozes e os homens as nozes. As mulheres têm fama de se infiéis e os homens cometem as infidelidades. Só se fala das mulheres e dos homens não se diz nada. Nós somos criticadas e aos homens tudo se perdoa. E sabes porquê? Porque as leis foram feitas pelos homens. Ah, que se eu governasse mandava que todos os homens infiéis andassem com um ramo de árvore na mão. Todas as cidades se transformavam em bosques.

**SNI/DGS/6745 - *As tetas de Tirésias*** de Appolinaire, só foi aprovada depois de os tradutores Goulart Nogueira e Lopo de Carvalho terem alterado o título simplesmente para ***Tirésias***.

### 5.3 OS FACTORES RELIGIOSOS

A Igreja e o regime caminhavam lado a lado. Com uma ideologia marcadamente conservadora, o Estado Novo orientava-se segundo os princípios consagrados pela tradição: Deus, Pátria, Família, Autoridade, Hierarquia, Moralidade, Paz Social e Austeridade.

**SNI/DGE/6005 - A Cantora Careca**, de Ionesco, o único corte acontece quando a protagonista refere «por entre as patas do bispo» (p.27).

**SNI/DGE/6592 - Cyrano de Bergerac** de Edmond Rostand e traduzido por Maria Resende e Manuela Reis para a Noite de Teatro, na RTP, em 1961, sofreu um corte nos três últimos versos. Com as coisas da igreja não se brinca...O corte é feito quando Cyrano admira o gesto poético de Lignéres, o poeta bêbado:

*p 12 :Cyrano - "Porque esse bebedolas  
Que ao ver a água, foge até gastar as solas,  
Teve um gesto bonito! Eu não posso esquecer!  
Na pia d'água benta, ele viu a mulher  
Que amava, mergulhar a mãozita rosada...  
Sorveu a água toda até não ficar nada!*

**SNI/DGE/6402 - O Escurial** de Michel Ghelderod, traduzida por Júlio Gesta para o TEP, em 1961. Foi reprovada. O monge é negro e tuberculoso, e o diálogo é demasiado violento.

*P.23 - Padre: violastes mulher?  
Sim, eu próprio engoli, sem experimentar grandes  
emoções, todas as histórias da carochinha sobre o  
Padre Eterno, Jesus Cristo e o Espírito Santo.*

*Ferrer: E aqui estou com uns cornos tão grandes que não  
posso entrar pela porta da Igreja sem me curvar.*

**SNI/DGE/6443 - *Limpeza Geral*** de Jean Marsus, traduzida por Rui Pilar para a RTP em 1961. Corte na frase:

p.8 - Oh treta! “ A Introdução à Vida Devota”

**SNI/DGE/8418 - *A Mandrágora*** de Maquiavel, traduzida por Carlos de Guimarães, para o TEP, foi reprovada por causa da figura do padre colaborar activamente com o adultério.

**SNI/DGE/6383 – *A 3.200 metros de Altitude***, é uma peça de Julien Luchaire, traduzida e adaptada para a RTP por Eurico Lisboa (Filho), em 1961. Esta peça sofreu alguns cortes entre os quais o discurso que se inicia com: vocês não têm confiança em Deus! (p.9)

**SNI/DGE/5981 - *A Menina Júlia*** de Strindberg. Foi aprovada em 1968, para a Grupo de Teatro da Fábrica da Cerveja, com mais cortes. Em 1968, é cortada toda a fala de Cristina relativamente à sua fé em Cristo, a ida à missa e a comunhão. (p.37)

**SNI/DGE/ 8217 - *O Tempo e a Ira*** de John Osborn é toda uma crítica cerrada ao anglicanismo.

Em 1965, a Comissão aprova a peça para exposições especiais propostas por Artur Ramos para o Teatro de Arena, substituindo e cortando expressões.

p.49 - Substituir cristãos por cordeiros

p.50 - cortar Bispo de Bromley não será o pseudónimo literário (do teu paizinho)

p.129 - cortar livro de oração

p.134 - cortar igreja e orações

p.185 - cortar os sinos da igreja

Os cortes baseados em factores religiosos mantêm-se ainda nos pedidos que são feitos à Comissão de Exame em 1966 para o TEP, e 1968 para o Teatro Experimental de Cascais.

## **CAPÍTULO 6**

**ESTUDO DE CASO:  
A TRADUÇÃO PARA TEATRO DA PEÇA  
*LOOK BACK IN ANGER* DE JOHN OSBORN**

## 6.1. BREVE SINOPSE

Look Back in Anger foi pela primeira vez apresentado em Londres no Royal Court Theatre, a 8 de Maio de 1956. Trata a temática do quotidiano de um casal com as suas dificuldades económicas, a acelerada mudança da sociedade inglesa após a Segunda Grande Guerra Mundial, constituindo-se ainda como uma crítica aberta à igreja, ao governo e às classes privilegiadas.

A peça explora ainda os sentimentos de raiva e de desespero de Jimmy Porter, um jovem oriundo da classe trabalhadora a quem a universidade não deu passaporte para a subida social. O seu casamento com Alison, filha de um coronel que fez carreira na Índia imperial e que é uma rapariga de boas maneiras, dócil, silenciosa, feminina, só encoraja a rebeldia de Jimmy. Alison é a Nemesis de Jimmy. Ele ama-a e contudo odeia-a. Alison vingava-se no silêncio e numa aparente indiferença que só exaspera Jimmy.

Há duas personagens coadjuvantes: Cliff, amigo e sócio de Jimmy no mercado onde ambos subsistem vendendo guloseimas, e Helena, amiga de Alison, também ela uma representante da classe privilegiada. Na cena II, do Acto II, surge ainda o Coronel Redfern, o pai de Alison e por quem Jimmy aparentemente nutre uma vaga piedade.

O espaço onde o drama se desenrola é um quarto - sala alugado num prédio vitoriano, algures na região das Midlands, parcamente mobilado, onde os dois homens lêem jornais, discutem, riem-se, brincam e as mulheres, primeiro Alison e depois Helena, engomam e preparam o chá e as refeições.

Em Inglaterra este tipo de drama foi apelidado de “kitchen sink drama”, um tipo de teatro em que a temática assenta nas pequenas banalidades que compõem o dia-a-dia das pessoas comuns, as suas pequenas alegrias e os seus desalentos.

A linguagem utilizada é a do homem comum, diálogos de grande intensidade dramática; a falta de patriotismo, a crítica à religião, a problemática do sexo e da autonomização feminina em linguagem corrente.

Esta peça é emblemática dos anos 60, tendo já cumprido integralmente, o seu objectivo, ao acordar consciências e alterar formas de fazer teatro. Já não choca ninguém no mundo ocidental. Na Grã - Bretanha, *Look Back in Anger* é um marco do teatro inglês. Em Portugal, foi traduzido e encenado sob

o título de *O Tempo e a Ira* e marcou sobretudo as décadas de 60 e 70. Actualmente, mesmo num país como Portugal, *O Tempo e a Ira* já não traz grandes novidades. Muito rapidamente, entre 1974 e anos 80, Portugal conquistou as áreas sociais, como a autonomia feminina e a liberdade sexual abordadas nesta peça. Também em Portugal *O Tempo e a Ira* já faz parte da história do teatro social.

Esta obra foi traduzida em Portugal, em 1960, por José Palla e Carmo, sob o título *A Dor e a Fúria*, para o Círculo de Cultura Teatral do Porto (TEP). Foi esta Companhia de teatro que a submeteu pela primeira vez ao Exame da Censura. Curiosamente, o relatório do censor revelou-se bastante inofensivo, baseando-se todo ele na malignidade da personagem de Jimmy Porter, aparentemente não referindo qualquer perigosidade social desta obra para o «establishment» português.

Apesar da Censura ter chegado a alvitar a hipótese de poder reorganizar o guião da *Dor e a Fúria*, e apresentá-lo ao público português com cortes, a peça acabou por ser reprovada.

## 6.2. A Peça *LOOK BACK IN ANGER* e a Comissão de Censura Inglesa

O dramaturgo John Osborn oriundo do Norte de Inglaterra, Merseyside e da classe trabalhadora, pertence à geração dos “angry men” que surge no pós-guerra e onde se incluem Arnold Wesker, Harold Pinter e John Arden que contestam a sociedade pós-imperial britânica.

Quando em 1956, Osborn apresentou *Look Back in Anger*, Jimmy Porter, a personagem principal (e seu alter-ego) cheio de angústia e desespero, utiliza a linguagem do dia-a-dia, que veio a constituir o primeiro grande momento de mudança na cena britânica. O teatro realista de Osborn não pactuava nem com as peças sociais de Terence Rattigan e muito menos com as comédias efeminadas de “bodoir” de Noel Coward que dominavam os teatros de West End nesta época.

De acordo com Stephen Lacey, (Lacey, 1995:29) «o grande choque social, teve a ver com o impacto provocado pelo cenário em que a peça se desenrolava».

Conforme a tradução portuguesa de Palla e Carmo o cenário era:

Uma sala esconsa, bastante grande – um sótão -, no último andar dum grande prédio de estilo vitoriano. O tecto é muito inclinado, descendo da Esquerda para a Direita. A Direita Baixa: duas pequenas janelas, a pouca altura do chão. Em frente delas, uma mesa de toucador, em carvalho escuro. A maior parte da mobília é simples e bastante velha. À Direita Alta uma velha cama de casal encostada à parede, que ocupa quase totalmente; o resto da parede é preenchido por uma prateleira de livros. À Direita Baixa, para cá da cama, uma cómoda, coberta de livros, gravatas e objectos diversos (...), um roupeiro pequeno, um fogão de gás, um armário de madeira onde se guarda a comida – sobre o qual está pousada uma telefonia portátil (...) próximo do proscénio, dois velhos maples de couro.

(PALLA e CARMO, s/d:41,42)

No Reino Unido, à imagem do que sucedia em Portugal, funcionou até 1968, uma Comissão de Censura, chamada de “Lord Chamberlain`s Office”, que tinha como missão emitir as licenças de representação e vigiar a linguagem e os bons costumes. Osborn teve de submeter a sua peça ao exame da dita Comissão, tendo esta sido representada pela primeira vez, como já foi referido, a 8 de Maio de 1956, no Royal Court Theatre, em Londres.

Podemos verificar no relatório da Comissão, ao trabalho de Osborn, não foram reconhecidas grandes qualidades, conforme podemos verificar no relatório da Comissão de exame, (Shellerd & Nicholson with Miriam Handley, 2004: 223,2249), que passo a traduzir:

#### Relatório de Exame é de 1-3-56

Esta impressionante e deprimente peça inicia um novo estado no campo psicológico, acerca de um tipo de homem que creio já ter desaparecido há 20 anos, mas que ainda é um tipo suficientemente aceite para se escrever a seu propósito. É acerca daquele tipo de intelectual que se lança apaixonadamente na procura de uma causa. Normalmente casa com uma rapariga de boas famílias, questiona todos os parentes e amigos, e aborrecem-se de morte em locais esqueléticos como Pimlico ou Poplar onde têm filhos e gastam todo o tempo livre a assobiar durante os encontros fascistas. Nesta peça o ponto de encontro é uma cidade grande de província onde Jimmy e a sua mulher Alison, partilham uma toca bolorenta com Cliff, o amigo de Jimmy. Os dois homens trabalham numa loja de doces no mercado principal – os dois frequentaram a universidade. Cliff é um apaixonado platónico por Alison. Mas Jimmy vencido pelos seus demónios mais íntimos – o seu complexo de inferioridade social e intelectual, o sentimento de irritação que tem face à velha ordem que considera de algum modo responsável pela ferocidade do mundo presente, a sua determinação em chocar “les bourgeois” a qualquer custo e a fixação inconsciente na mãe de um dos seus amigos pela sua bondade e caridade (uma mulher a dias que casou com um artista, completamente iletrada, de maneira que Jimmy inconscientemente, a defende enquanto elogia toda a sua bondade) – atira toda a sua raiva contra Alison, insulta os pais dela, troça do seu passado com bastante raiva, comprazendo-se num grande alarde caprichoso que só difere do das crianças porque tem o sabor dos desejos de um adulto. Alison ainda não disse a Jimmy que está grávida, mas convida uma amiga (uma rapariga correcta da sua classe que tinha entrado para o teatro) para ficar com eles durante algum tempo. Jimmy sai completamente fora dele para caprichar no modo como podia ofender melhor as

duas raparigas. Helena telefona ao pai de Alison para a vir buscar. O pai chega imediatamente a seguir a Jimmy ter saído a correr para acompanhar os últimos momentos da mãe do seu amigo. Quando regressa pesaroso cheio de amargura infantil, dá-se conta de que a mulher se tinha ido embora e que Helena tinha ficado com coragem para o enfrentar. Uma coragem muito próxima na paixão não desejada que sentia por ele. Tornaram-se amantes. A seguir Alison regressa, a criança tinha morrido e Helena retira-se, deixando-os aos dois para começar tudo de novo. É usual que estes laços inquebráveis da atracção entre eles sejam realçados por gestos amorosos incómodos. O interesse da peça, de facto, patenteia-se na observação cuidadosa da antecâmara do inferno.

Acto I

p.23 cortar a referência à retrete

p.41 cortar a referência homossexual

pp.43/44 todo o discurso deve ser consideravelmente mais aligeirado, especialmente na metade final

p.15 alterar a referência “pêlo púbico”

p.16 ditto a referência a inversão

p.19 cortar o discurso marcado

Acto II,

P2, p.14 cortar touro querido, exagerado

Acto III,

P1, p.14 cuzinho

p.16 alterar as excessivas referências a fazer amor

Sem mais objecções

Aprovado para licença

C.D. Heriot

Nota de rodapé: as personagens de Jimmy e Alison podem bem ser Giles Romely e a sua mulher. Romely morreu durante a guerra e a sua biografia foi projectada num livro com o título de “ Friends Apart” de Philip Toynbee em 1954.

Muito se tem escrito sobre esta peça e ainda recentemente, em 2008, passou no canal televisivo da BBC2. A opinião geral do público inglês é a de que Look Back In Anger marcou definitivamente uma época e foi, de facto, a grande pedrada no charco do Teatro Britânico, mas está definitivamente ultrapassada.

### **6.3. As traduções portuguesas de *Look Back In Anger***

Como já foi referido no ponto 5.1., a primeira tradução desta peça encontra-se sob a forma de guião arquivada na Torre do Tombo, nos processos da Direcção-Geral de Segurança / Secretariado Nacional de Informação, (DGS/SNI6096), sob o título *A Dor e a Fúria*. O seu autor é José Palla e Carmo e o pedido de exame para licença de representação foi apresentado pelo TEP- Círculo de Cultura Teatral do Porto em 1960, e ficou registado na DGS/SNI como Processo N° 6096.

A Comissão reprovou a peça e emitiu o parecer que passo a transcrever:

#### Informação da Comissão em 20 /II /60

Jimmy Porter está casado com Alison Porter. Em sua casa vive Cliff Lewis, seu amigo dilecto.

Jimmy é de uma psicologia complicada, duro, inflexível, teimoso, brigão, amoral, faz da vida da mulher um inferno. Cliff vive entre os dois, procurando ser um mediano sem conseguir quaisquer resultados.

Alison tem uma amiga, Helena Charles, que o marido odeia. Quando Jimmy e ela se encontram, questionam sempre.

Alison está grávida, mas tem medo de o confessar ao marido.

Perante as brutalidades a que assiste, Helena, implora Alison a abandonar o marido.

Alison parte e Helena, que no fundo admirava Jimmy, fica como amante deste.

Cliff continua em casa mas acaba por sair por causa do feitio de Jimmy.

Mais tarde, perdido o filho que morreu ao nascer, Alison volta. Helena sente que está a mais naquela casa e na vida dos Porter e parte, deixando a Alison o lugar que lhe pertencia.

#### Valor literário

A peça é de elevado valor literário

### Valor dramático

Trata-se de uma excelente peça teatral, bem construída e de grande valor dramático.

### Valor moral

Porter e Alison são dois símbolos, a fúria e a dor.

O conflito desenvolve-se à margem dos valores morais. A situação é, por norma tipicamente amoral.

### Repercussão sobre o público

A peça não se destina ao chamado grande público. Todavia, está eivada de uns conceitos impróprios para a nossa maneira de viver e está fora dos nossos mais caros valores morais. Considero-a, por isso, inaceitável para o nosso meio. É certo que se poderiam fazer cortes. Mas seriam tantos e afectariam de tal modo a peça que lhe roubariam carácter e a mutilariam completamente.

Nestes termos, voto pela sua reprovação.

O censor

Ass. Ilegível

Mais tarde, em 1961, a Editora Minotauro, em Lisboa, publicou uma segunda versão desta peça, assinada também por José Palla e Carmo, sob o título *O Tempo e a Ira*.

Para além do título, não se verificam outras diferenças entre estas duas traduções, havendo apenas a registar algumas pequenas alterações relativamente à pontuação apenas em alguns passos.

No que refere à tradução propriamente dita, irei reportar-me no ponto 5.4 deste trabalho a alguns dos seus aspectos, limitando-me neste passo, a enumerar a informação que recolhi na Torre do Tombo sobre os vários pedidos de licença de representação que faziam parte do arquivo de peças de teatro da DGE/SNI.

Em 29 de Novembro de 1961, o Director do Teatro Nacional de D. Maria II, Gustavo Matos Sequeira, quis fazer representar esta peça, e enviou com o ofício nº 098/61 dirigido ao Inspector–Chefe da Inspeção de Espectáculos, o

livro editado pela Minotauro, para este ser examinado e assim obter a respectiva licença de representação.

O pedido ficou registado com o DGE/SNI 6646 que foi reprovado, tendo a Comissão elaborado o relatório e oficiado ao Teatro D. Maria II, a 14 de Dezembro que passo a citar:

Decisão do censor proposta a 4 -12-61

Se for expurgada das poses ordinárias, aliás quase todas assinaladas no texto e forem eliminadas as referências menos respeitosas à religião, entendo que a mesma poderá ser aprovada e classificada para maiores de 17 anos.

O censor

Ass. Ilegível

Decisão da Comissão a 13-12-61

A Comissão entende que lhe é indispensável conhecer o texto definitivo da peça, para se pronunciar. Não há qualquer objecção em absoluto quanto à sua representação, sendo certo que esta comissão já se pronunciou sobre determinada tradução, reprovando-a.

Significa-se, porém, que só poderá vir a ser autorizada uma tradução que não contenha muitas das expressões violentas que existem no original e todas as que sejam afrontas aos valores morais que cumpre garantir.

Ass. Ilegível

Ao longo de toda a década de sessenta até 1974, várias companhias de teatro solicitaram autorização à Comissão de Exame para autorizar a representação desta peça; TEP (Círculo de Cultura Teatral do Porto), TEBOS – Teatro de Bolso - Teatro Villaret, Teatro Arena encenado por Artur Ramos, Teatro Experimental de Cascais.

Os pedidos foram sendo consecutivamente recusados até 1966, data em que a Comissão autorizou o pedido de Artur Ramos que passo a citar:

Artur Ramos solicita ao Ex. mo Senhor Presidente da Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos Públicos, (...)que seja revisto pela Comissão a que V. Exa preside o caso da peça "O Tempo e a Ira" ("Look

back in anger”, de John Osborne) que não está actualmente aprovada para espectáculos de teatro comercial. Trata-se de uma peça prestigiosa, que contribuiu decisivamente para a actual renovação do Teatro Inglês e à qual os seus dez anos de idade já amaciaram certas asperezas então julgadas escandalosas.

Se se entendesse usar de um critério mais benevolente para a classificação de “O Tempo e a Ira” em vista à realização do espectáculo TEATRO DE ARENA, prestar-se-ia um assinalável serviço de difusão de uma forma de Teatro que tem florescido nas pequenas comunidades dos Estados Unidos e que parece especialmente adequada a obviar à escassez de salas de teatro em Portugal – certamente um dos factores que impedem o alargamento entre nós do interesse pelo Teatro.

Pede deferimento

Lisboa, 29 de Junho de 1966

A Comissão de Exame autorizou a encenação da peça tendo para isso informado Artur Ramos pelo ofício 1799/CV - 66, de 23 de Julho de 1966, comunicando-lhe o seguinte:

Aprovada a peça *O Tempo e a Ira*, para maiores de 17 anos, devendo ser observados os cortes indicados nas páginas:

49,59,60,61,68,76,78,89,108,114,120,121,122,123,125,129,132,134,148,158,161,170,174,177,180 e 188».

Ainda no ano de 1966, o TEP – Círculo de Cultura Teatral do Porto - voltou a pedir autorização para encenar *O Tempo e a Ira*, peça que tinha sido recusada seis anos antes sob o nome *A Dor e a Fúria*. Desta vez a peça foi aprovada mas com cortes mais rigorosos do que aqueles que tinham sido impostos a Artur Ramos, cortes estes que chegavam a eliminar falas completas.

Pelo ofício 2046/66 – CV de 22 de Agosto de 1966, O Inspector–chefe dos Espectáculos informa o Delegado da Inspeção dos Espectáculos no Porto que a peça está classificada para adultos e com os cortes efectuados a vermelho nas páginas (acima) indicadas.

A 15 de Fevereiro de 1967, o Círculo de Cultura Teatral com sede no Porto, escreve em papel selado ao Inspector-Chefe dos Espectáculos em Lisboa, a comunicar que deseja efectuar o Ensaio Geral, no dia 26 de Fevereiro e, para o efeito, requer a comparência de um Membro da Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos no referido dia pelas 21.30.

A 16 de Fevereiro, a Inspeção dos Espectáculos da Delegação do Porto por ofício 250/67 Ref<sup>a</sup> 50-DP, assinado por Miguel Castelo Branco, escreve ao Inspector Chefe dos Espectáculos em Lisboa, a enviar o pedido acima mencionado de 15 de Fevereiro do Círculo de Cultura Teatral do Porto e um vale postal de 500\$00 para as despesas de deslocação da Comissão.

A três dias do Ensaio Geral e ainda sem resposta de Lisboa, a 23 de Fevereiro de 1967, o Círculo de Cultura Teatral do Porto dirige-se por carta ao Inspector Chefe dos Espectáculos, remetendo o exemplar de “O Tempo e a Ira”, e solicitando um membro da Comissão para estar presente no mais curto espaço de tempo no Ensaio Geral marcado para 26 daquele mês, argumentando com o facto de a Companhia não poder estar parada mais do que sete dias, apenas o tempo necessário para retirar uma peça e estrear outra, uma vez que, por cada dia que a Companhia não trabalhasse, o Conselho de Teatro descontaria mensalmente no subsídio de Teatro a importância de 3300\$00 por dia.

O censor Cruz Filipe deslocou-se ao Porto para assistir ao Ensaio Geral apresentando depois disso uma nota de despesa no valor de 522\$00. A 14 de Março, o Círculo de Cultura Teatral do Porto informou que enviou um vale de correio no valor de 22\$00 que se destinava ao pagamento do excesso gasto pelo Membro da Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos, que foi para além dos 500\$00 previstos.

Passo a transcrever o comentário do Censor sobre o Ensaio Geral:

Comentário do Censor Cruz Filipe, enviado ao Porto, em 26 de Fevereiro de 1967

Vi o ensaio geral que decorreu com perfeita normalidade. Apenas tenho a observar o seguinte:

- a) Os “shires” do início deverão ser reduzidos, ficando no máximo de quatro – dois deles da explosão atómica;
- b) Deve ser respeitado o corte da p.120 – e que não estava assinalado no exemplar da peça enviado ao Círculo de Cultura Teatral.

Em 1968, o Teatro Experimental de Cascais (TEC) é autorizado a encenar esta peça e a 17 de Abril de 1968, Artur Ramos, o encenador do TEC, escreve ao Presidente da Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos Públicos a solicitar substituições e o levantamento de alguns cortes feitos em 1966.

O censor José Cabral verifica as alterações propostas e dá o seu veredicto de acordo com o Ofício 1011/CV-68, datado de 26 de Abril, de 1968, aceitando dez das vinte e três substituições sugeridas por Artur Ramos.

O ensaio de apuro realizou-se no dia 18 de Junho de 1968 pela Companhia do Teatro Experimental de Cascais, no Teatro Gil Vicente, e esteve presente o censor José Cabral, que informou do seguinte, e cito:

Horas a que terminou o ensaio – 2.30 da manhã. O ensaio de apuro teve início com uma hora e meia de atraso, o que é de lamentar.

19-Junho-1968

Depois do ensaio de apuro, a 20 de Junho de 1968, foi enviado pelo ofício 1609/CV - 68 ao Delegado da Inspeção dos Espectáculos, em Cascais, a informação de que a Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos tinha deliberado efectuar mais um corte a fls. 122 das seguintes frases “...que davam direito a uma quota parte” e “velhas crenças”.

A peça *O Tempo e a Ira* foi representada sem cortes, exactamente como foi traduzido por José Palla e Carmo, só após o 25 de Abril de 1974.

#### 6.4. O TEMPO E A IRA - Teatro para edição

A tradução da peça, para além de ter sido primeiramente editada em livro, supõe-se que, por volta de 1961, pois, como era costume naquela época, as edições nem sempre eram datadas, foi representada muitas vezes, (quatro antes do 25 de Abril) e ficou sempre associada à necessidade de “passar a mensagem”, de teatro social, e com uma aréola de rebeldia pois desafiava as convenções sociais instaladas no poder.

Contudo, a vigilância da censura em Portugal levou a que esta dramaturgia fosse apenas consentida em livro, durante a primeira metade da década de sessenta, destinando-a à secção dos livros de teatro sem finalidade teatral. Como já foi referido foi editado pela Editorial Minotauro que dedicava muitas das suas edições ao teatro.

As intenções do tradutor quanto ao destino a dar à tradução estão bem expressas no longo prefácio que escreve a propósito da sua tradução do original inglês. E embora já tivéssemos entendido que o tradutor não teve outro remédio senão o de dar a conhecer a obra teatral através da edição e não da representação, aqui ficam as palavras do tradutor a comprová-lo:

Foi contudo a obra (*Look Back in Anger*) que depois, de ler (ou sem ler) este extenso prefácio, o público português vai finalmente conhecer – embora apenas em letra de forma - , que abriu fragorosamente uma brecha no tranquilo drama inglês convencional.

(PALLA e CARMO s/d: 31)

O seu resultado enquanto texto dramático literário é quase nulo, considerando a sua abordagem pragmática e muito livre, orientada para a representação e pouco interessada numa perspectiva mais literária.

Enquanto o original inglês está impregnado de referências culturais, sociais e políticas, de difícil ou impossível transposição para a língua portuguesa, o tradutor foi muito redutor e limitou-se a eliminar algumas delas, concentrando-se na tradução da mensagem essencial para ser apreendida pelo público durante um tempo muito curto que é normalmente o tempo de um espectáculo.

Julgo que na sua literariedade, esta tradução só ganharia se facultasse ao leitor as notas necessárias para melhor compreender o texto.

### 1º Exemplo

***Look Back in Anger p.29 –***

**Jimmy** A randy little mouse.

**Cliff** (dancing round the table and squeaking) I'm a mouse, I'm a mouse, I'm a randy little mouse. That's a mourris dance.

**Jimmy** A what?

**Cliff** *A Mourris Dance.* That's a Morris Dance strictly for mice.

***O Tempo e a Ira p.79***

**Jimmy.** – um ratinho atrevido

**Cliff - dançando à volta da mesa e soltando guinchos.** Sou um ratinho, sou um ratinho, sou um ratinho atrevido. E isto é uma dança da *rota*

**Jimmy.** – Uma quê?

**Cliff -** Uma dança de rota. Então...Uma dança de rota para ratos. Rato...rota.

Neste diálogo inocente mas muito irreverente também, o tradutor não tinha grandes opções: Morris Men são os bailarinos da Morris Dance, uma dança folclórica que é equivalente aos Pauliteiros de Miranda. No entanto, Cliff, dança uma mourris dance e não uma morris dance. A fonética de "Mourris" soa idêntica ao nome Maurice, de Maurice Béjart. Um bailarino e coreógrafo mundialmente conhecido que revolucionou o mundo do bailado e foi muito popular em Inglaterra onde viveu e trabalhou nas décadas de 50 e 60.

Quando Osborne escreveu este pequeno diálogo na sua peça, colocou a sua personagem Cliff a ironizar consigo próprio porque os Morris Dancers também são conhecidos por - Border Morris – uma bando de dançarinos que evoluiu justamente a partir do País de Gales, de onde Cliff é natural, e que pintam a cara de negro e dançam selvaticamente, sendo por vezes muito inconvenientes para os ingleses.

José Palla e Carmo na sua tradução não se conseguiu aproximar de nada disto e conseguiu apenas jogar infantilmente com as palavras rato / rota que não traduzem rigorosamente nada do que o original implica.

## **2º Exemplo**

### ***Look Back in Anger* p.3**

**Jimmy** (...) Or does the White Woman's Burden make it impossible to think?

### ***O Tempo e a Ira* p. 48**

Jimmy. – (...) Ou será que o fardo da vida de dona de casa te impossibilita de pensar?

White Women's Burden é uma ironia de Osborne relativamente ao poema de Kipling The White Man's Burden " (1899) : "Take up the White Man's burden/ Send forth the best ye breed/ Go bind your sons to exile/ to serve your captive's need ",(1) "Agarra nesse teu Fardo, Homem Branco/ Dá-lhe o melhor que conseguires criar/ Vá, manda os teus filhos para o exílio/ Para servirem as necessidades daquele que é cativo".

Na sua essência este poema referia-se à teoria que durante o século XIX e princípios do século XX justificou o colonialismo (britânico), que dizia que as pessoas brancas tinham a obrigação de civilizar as pessoas de cor.

---

(1) A presente tradução é da autora deste trabalho

Foi óbvio que o tradutor ou desconhecia o poema de Kipling, ou preferiu ignorar esta situação porque lhe poderia trazer dissabores por estar demasiado colado à situação tabu do colonialismo português, optando pelo estereótipo da dona de casa a engomar, qual Penélope que tecia um interminável tapete.

### 3º Exemplo

#### ***Look Back in Anger p.34***

Jimmy (...) I've just about had enough of "this expense of spirit" lark, as far as women are concerned.

#### ***O Tempo e a Ira p.85***

Jimmy. – (...) Mas agora, realmente, já começo a ficar farto, farto, de fazer estas brilhantes demonstrações do meu espírito – pelo menos diante das mulheres... Elas não percebem

Osborne escreve **I've just about had enough of "this expense of spirit" lark**, e está a acoplar dois versos de dois sonetos dos Sonetos de Shakespeare, sendo que um deles está grafado entre parênteses, no seu original, "this expense of spirit", o primeiro verso do soneto CXXIX, "Th`expense of spirit in a waste of shame/ is lust in action ..." ,(2) "Desperdício do espírito em perda da vergonha/é luxúria em acção..." e ainda lark –cotovia, que foi buscar ao 11º verso do XXIX "Like to the lark at break of day arising/ From sullen earth...", "como na terra escura se eleva a cotovia /ao romper da manhã...".

---

(2) Tradução de Vasco Graça Moura, 50 *Sonetos Completos de Shakespeare*, ed. PRESENÇA Lisboa 1987

Apesar de o autor não fazer referência aos sonetos de Shakespeare, a sua perspectiva foi a mesma de Osborne, a de que não vale a pena a um homem ser brilhante para conquistar uma mulher porque ela não percebe. É a perspectiva de um homem cansado das querelas com mulheres, que se atreve a declarar um sentimento misógino relativamente à pouca estima que estas lhe inspiram.

#### **4º Exemplo**

##### ***Look Back in Anger p. 90***

**Jimmy** Get yourself glammed up, and we'll hit the town. See you've put a shroud over Mummy, I think you should have laid a Union Jack over it.

##### ***O Tempo e a Ira p. 172***

Jimmy. – Põe um vestido janota e vamos é para a paródia

Palla e Carmo não traduziu a fala de Jimmy na totalidade por uma questão de autocensura. Poderá ter sentido receio do Exame de Censura, porque seria impossível procurar uma equivalência com a Bandeira Portuguesa, completamente sacralizada pelo antigo regime. Outra hipótese poderá ser a de ter considerado um pormenor marginal, dentro daquela funcionalidade e pragmatismo própria do texto dramático. A verdade é que este é um aspecto importante da peça no seu original, na medida em que revela o típico humor dos britânicos. Jimmy não gostou da túnica (a que já tinha feito referência como roupa da Dior num outro momento) que Helena tinha vestido e brincou com ela, dizendo-lhe que tinha envergado a envolta da Múmia, uma temática muito popular dos filmes de terror que passavam naquela época no cinema em Inglaterra. Tendo em conta as cores da bandeira Unjo Jack – sugere-lhe que a coloque por cima da roupa que trazia e que a fazia parecer uma múmia. Há falta de fogo patriótico que Jimmy refere em vários momentos da peça, pois que a “Union Flag”, o símbolo da união de várias nações (Escócia, Inglaterra, País de Gales e Irlanda do Norte) sob o domínio de um monarca inglês, aqueça uma das protagonistas que também anda por ali perdida.

## 5º Exemplo

### **Look Back in Anger p. 157**

**Jimmy** Yes, it's an idea. (pointing to Cliff) Just for a start, we could roast him over the gas stove. Have we got enough shillings for the meter?

### **O Tempo e a Ira p. 157**

Jimmy. – É uma ideia. (Apontando para Cliff) Para começar podemos assá-lo em fogo lento no fogão de gás - se não faltar o gás.

Este é um aspecto da cultura urbana inglesa que o tradutor resolveu bem, considerando a inexistência deste tipo de contadores de energia nas casas portuguesas. Nas grandes cidades inglesas, em muitas casas de tipo vitoriano, que foram transformadas em, digamos, “aparthotéis”, pequenos apartamentos quarto – sala com casa de banho comunal, geralmente um lavabo por piso e duas casas de banho com banheira para todo edifício, há utensilagem comum, como a máquina de lavar, o fogão, o aquecimento nos quartos, tudo pago através de contadores de energia, onde cada um dos utentes introduz o pagamento em moedas à medida dos seus gastos.

## 6º Exemplo

### **Look Back in Anger p.34**

**Jimmy** (...) No, as far as the Michelangelo Brigade's concerned, I must be a sort of right – wing deviationist. If the Revolution ever comes, I'll be the first to be put up against the wall, with all the other poor old liberals.

### **O Tempo e a Ira p.86**

Jimmy (...) Não, não há dúvida, quanto a essa brigada dos Miguéis Ângelos sintéticos, eles devem considerar-me um transviado, um das direitas. Se a Revolução chegar a chegar, serei o primeiro a ser encostado à parede de execução, logo seguido pelos velhotes liberais.

O público português não entende o que o tradutor traduziu. Ninguém percebe porque a alusão a esta “Michelangelo brigade” não era conhecida do público português, nem provavelmente, do tradutor. Por isso, inventou os “brigada dos Miguéis Ângelos sintéticos”.

“The men of the old brigade” é uma canção tradicional da Irlanda republicana que celebra os combatentes que morreram na luta pela Independência da Irlanda contra a Inglaterra, entre 1919 e 1921.

É típico dos ingleses ironizarem com os seus próprios desaires. E o uso desta expressão popularizou-se a partir de uma famosa frase de Churchill, aquando um jantar da Royal Academy, em 1949, quando este se referia aos antigos pintores ingleses como “the boys of the old brigade”

Esta situação foi transposta por Osborne para esta peça adequando-a ao discurso de Jimmy, que apesar de ter a pose de um idealista e ser adepto da igualdade entre os homens, é de facto, um conservador homofóbico, que seria julgado como um indivíduo politicamente de direita, exactamente como os “velhotes liberais”, como Churchill, caso houvesse uma revolução. A revolução a que o autor se refere é a que está em marcha, a revolução dos costumes, mas que aqui é transposta para o Juízo Final pintado por Michelangelo na Capela Sistina, com toda a sua galeria de figuras masculinas nuas.

## **7º Exemplo**

### ***Look Back in Anger p.97***

**Alison** - He wants something quite different from us. What it is exactly I don't know – a kind of cross between a mother and a Greek courtesan, a henchwoman, a mixture of Cleopatra and Boswell. But give him a little longer –

### ***O Tempo e a Ira p. 182***

**Alison.** - Ele quer qualquer coisa que nem tu nem eu lhe podemos dar. Não sei exactamente o que é – talvez um cruzamento entre mãe e cortesão grega, uma mistura de escrava e de Cleópatra... Mas ao menos não o deixes já, espera mais algum tempo.

De novo, o pragmatismo do tradutor passou em frente, sem se deter na tradução completa da fala de Alison. O tradutor considerou que tentar uma qualquer equivalência com esta tentativa de definição da mulher ideal para Jimmy era uma situação marginal à temática central e desinteressou-se, rematando com “uma mistura de escrava e Cleópatra...” Mas não é assim. Falta-lhe a tradução de henchwoman (confidente, protectora), e Boswell, que é sem dúvida uma referência a Lady Boswell, a mãe calvinista de James Boswell.

## **8º Exemplo**

### ***Look Back in Anger p.34***

**Jimmy** Honestly, it's enough to make you become a scoutmaster or something isn't it? Sometimes I almost envy Gide and the Greek Chorus boys. Oh, I'm not saying that it musn't be hell for them a lot of time. But at least, they do seem to have a cause – not particularly a good one, it's true. But plenty of them do seem have a revolutionary fire about them, which is more than you can say for the rest of us.

### ***O Tempo e a Ira p.85***

Jimmy. - (...) Mas agora, realmente, já começo a ficar farto, farto, de fazer estas brilhantes demonstrações do meu espírito – pelo menos diante das mulheres...Elas não percebem. Com franqueza – é um caso para apetecer a um tipo ser escuteiro, ou coisa no género, não achas? Às vezes quase que tenho inveja do velho Gide e dos rapazinhos neo gregos. Oh, é claro, não nego que às vezes a vida deva ser um inferno para eles. Mas, pelo menos, parecem ter um objectivo – que não me parece particularmente bom, é certo. Contudo, muitos deles aparentam um certo fogo revolucionário, que é mais do que pode dizer-se de nós.

Esta declaração de Jimmy está próxima da vontade do homem se tornar também ele um “escuteiro, ou coisa no género”, e vai mais longe, declara que quase tem “inveja do velho Gide”, reconhecido escritor homossexual e ainda dos “rapazinhos neogregos”. Toda a gente percebe quem são estes

rapazinhos. Mas não existem pessoas neogregas. É rudimentar esta apressada tradução. Talvez porque queria torná-la a mais insípida possível para a Censura não a cortar.

Julgo, no entanto, que Greak Chorus boys merecia uma nota explicativa, informando o leitor português que estes rapazinhos eram os 50 rapazes ou homens vestidos de sátiros que cantavam ditirambos em honra da vida de Dionisus. Dryden, poeta inglês e um dos primeiros teóricos da tradução, traduziu estes ditirambos para inglês. Este poderá ser um dos factores que terá levado Osborne a referir-se-lhes, uma vez que enquanto escritor e tendo frequentado a universidade tinha a obrigação de conhecer os clássicos.

A referência ao fogo revolucionário teve ser muito abreviada, não fosse a censura ler melhor nas entrelinhas. De qualquer modo, o leitor ou o público de teatro não entende o que está escrito e dito em português. A tradução não é suficientemente clara.

A fala grandiloquente de Jimmy a propósito do fogo revolucionário de conhecidos homossexuais que apesar de não lhe parecer “particularmente bom, é certo” (Jimmy assume toda a sua virilidade contra o estereótipo da cultura efeminada da “society” inglesa), termina no reconhecimento da sua impotência, da sua impossibilidade de revolucionar seja o que for, até porque a sua verdadeira ocupação é vender chocolates no mercado central.

## 6. 5. A tradução como representação de teatro

Considerando com bastante probabilidade que qualquer autor ou tradutor de teatro tem a esperança de ver o seu texto à luz da cena, José Palla e Carmo traduziu *O Tempo e a Ira* também com essa intenção, vejamos no seu prefácio, p.88: «Foi contudo a obra que, depois de ler (ou sem ler) este extenso prefácio, o público português vai finalmente conhecer - embora apenas em letra de forma (...)»

O tradutor refere "embora apenas" como algo insuficiente. Dir-se-ia que Palla e Carmo andou desde 1960, quando lhe surgiu uma primeira oportunidade de traduzir esta obra para o TEP, que foi reprovada pela Censura e logo percebeu, que a peça só chegaria ao conhecimento do público português se a editasse. Por isso, alterou o título da peça, de *A Dor e a Fúria* para *O Tempo e a Ira* incluindo-lhe um prefácio sobre o teatro inglês e a proposta de Osborne, com o objectivo de situar o leitor português na grande questão que era a necessidade de desafiar o *status -quo*. Activar a mudança na sociedade. Dessacralizar o poder.

A tradução mantém-se dentro dos cânones próprios da tradução para teatro. Falas curtas, pausas, silêncios... aquilo a que STEINER 2002:74 se refere como «o deixar por dizer, (...) toda a espécie de modulações que vão da mentira consumada ao silêncio»

O original está eivado de uma ironia e um sarcasmo tipicamente inglês, que faz pouco sentido para o público português, por isso, o tradutor tentou encontrar situações equivalentes que raramente foram conseguidas.

O sarcasmo rebuscado no original foi vertido no português, na coloquialidade brejeira, de tipo "(...) com vocês dois para aí nessa marmelada", que não existe na versão original.

As cantigas foram muito bem conseguidas, revelador do à - vontade com que Palla e Carmo se movia no palco.

### 1º Exemplo

***Look Back in Anger* p. 49**

**Jimmy**

I'm so tired of necking,

Of pecking, home wrecking,  
Of empty bed blues –  
Just pass me the booze  
I'm tired of being hetero -  
Rather ride on the metro (...)

***O Tempo e a Ira p. 112***

**Jimmy. –**

Já estou farto de beijos...  
De desejos...de despejos...  
A cama é câmara – ardente.  
Passa a aguardente.  
Já estou farto de ser hetero  
Com mulheres ao quilo, a metro.(...)

**2º Exemplo**

***Look back in Anger p. 85***

*The two men do a Flanagan and Allen, moving slowly in step, as they sing.*

Now there's a certain little lady,  
and you all know who I mean  
She may have been  
To Roedean, but to me she's still a queen.  
Someday I'm goin`to marry her,  
When times are not so bad

***O Tempo e a Ira p. 165***

*Jimmy e Cliff, de braço dado, começam um bailado muito lento, avançando e recuando alguns passos, erguendo e baixando as pernas, etc, enquanto cantam:*

**Jimmy e Cliff. –**

Eu gosto de uma menina,  
Sabem muito bem quem é.  
É de gente muito fina,  
Eu é que sou da ralé.  
Eu hei-de casar com ela  
Quando tiver dinheirama

Palla e Carmo fornece indicações aos actores, como se estivesse a encenar a peça “ Jimmy e Cliff de braço dado, começam um bailado muito lento, avançando e recuando alguns passos, erguendo e baixando as pernas, etc, enquanto cantam”. No original, Osborne escreve “the two men do a Flanagan and Allen, moving slowly in step, as they sing.”

Mesmo que Palla e Carmo soubesse de quem se tratava, e quisesse explicar algum tique habitual na forma de trabalhar deste dueto Flanagan and Allen, muito popular na comédia musical durante a Segunda Grande Guerra, a didascálica citada, não informa o leitor.

## 6.6. Os condicionalismos da Censura nas duas representações que decorreram em 1966

O Exame da Comissão aprovou a peça para ser representada, no Salão da Academia das Belas Artes, em Lisboa, pelo Teatro de Arena, mas obrigou Artur Ramos a alterar algumas palavras, passo a apresentar os cortes e alterações obrigatórias:

p.49 – crístãos é substituído por *cordeiros*;

p.59 – cortada toda a frase: “Bispo de Bromley” não será o seu pseudónimo literário?”

p.68 – épocas de cio é substituído por *preciso acasalar-me*

p.76 – ser virgem é substituído por *ele ser o primeiro*

p.78 – ir para a cama é substituído por *vão-se deitar*

p.89 – cortar meu coirão

p.148 – pegazita é substituído por *miúda*

p.174 – aquela primeira noite de amor é substituído por *nossa primeira noite de amor*

p.177 – já deixei há muito de acreditar nos direitos divinos do casamento é substituído por *já deixei há muito de confiar nos direitos divinos do casamento*

p.180 – aquela cama é substituído por *vida em comum*

p.188 – corrupta e fútil é substituído por *natural*

Ainda em 1966, o TEP conseguiu autorização para encenar esta peça mas dado o seu público ser mais alargado, a Censura impôs ainda mais cortes:

p.49 – cortar toda a fala de Jimmy sublinhada: Eu devia era enviar ao bispo um donativo... Vejamos o que ele diz mais. Pois. Está aborrecido porque alguém sugeriu que ele apoia os ricos contra os pobres. E declarar que, na prática não existem distinções de classe: “ Isso de distinção de classes é uma ideia que tem sido constantemente e malevolamente propagada pelas... classes trabalhadoras”!

- p.60 – Cortar a fala de Jimmy sublinhada: Há-de acabar no Ministério, podem ter a certeza – uma medalha com a inscrição: “Por vaguear no campo de batalha”. Ele é mesmo patriota, um autêntico inglês.
- p.61 – Cortar a fala de Jimmy sublinhada: A única maneira de manter as coisas tanto quanto possível como eram é transformar qualquer alternativa numa coisa incrível, numa coisa demasiadamente complexa para ser apreendida pelo seu pobre cérebro em miniatura. (referindo-se ao cunhado Nigel)
- p.76 – cortar a fala de Alison sublinhada: É engraçado, mas nunca tínhamos dormido juntos antes de nos casarmos pelo facto de eu ser virgem.
- p. 78 – vão para a cama é substituído por *experimentam*.
- p.89 – cortar a fala de Jimmy sublinhada: “Sabes Cliff, que nunca conheci o prazer do amor físico com esta menina a não ser quando me apetecia a mim próprio.”
- p.108 – coirão é substituído por *corpanzil*.
- p.114 - Cortar todas as referências de Helena ir à Igreja.
- p.120 – cortar ansiávamos pelo suicídio
- p.121 – Fala de Jimmy sublinhada e feitas as necessárias modificações: “era um amigalhaço do paizinho, e nós sabíamos que ele iria a correr contar tudo ao coronel – é essa a patente do referido paizinho.” Foi encurtado para contar(-lhe) e final da frase.
- p.122 – cortar a economia do sobrenatural.
- p.123 – Cortar tudo o que está no plural na fala de Jimmy sublinhada: “Bem vês, eu conheço tão bem a Helena e a sua gente! Para falar verdade, a sua gente está em toda a parte: tão apinhados à nossa volta que não nos deixam mexer. É uma malta romântica – Passa(m) a vida a confiar antecipadamente no passado.
- p.123 - Cortar todo o resto sublinhado. A única época de onde lhes vem a luz é a Idade das Trevas. A Helena mudou-se há muito tempo para o lindo chalé da alma isolado dos problemas desagradáveis deste século vinte. Prefere privar-se de todo o progresso que durante anos lutámos por atingir.”
- p.125 – Cortar na fala de Jimmy o sublinhado: “O meu pai voltara de Espanha, da guerra, onde alguns cavalheiros tementes a Deus o tinham posto tinha ido combater pelos seus ideais e voltara.”
- p. 129 – cortar livro de oração.

- p.134 – cortar referências a igreja e orações.
- p. 148 – cortar toda a cena da pegazita.
- p. 161 – Cortar a fala de Jimmy sobre Alison e Cliff sublinhada  
“Naturalmente, vocês terão descoberto que possuem muitas afinidades, muitos gostos em comum....Achas que essa receba um tratamento intenso de sobrealimentação espiritual?”
- p.158 – vida sexual é substituída por *vida amorosa*.
- p.158 - Cortar toda a parte sublinhada em que Jimmy fala sobre o engano que é as pessoas levarem uma vida de sacrifício.
- p.162 – cortar era um doente magrizona, romântico, liberal.
- p. 170 – cortar a fala de Jimmy sublinhada: “a nossa geração já não tem oportunidade de morrer por causas nobres. Tivemos quem o fizesse por nós, há vinte ou trinta anos, quando éramos crianças. (Reassumindo o seu tom normal, meio sério e meio a brincar). Para nós não sobraram causas nobres, já não há causas elevadas.”
- p.180 – a cama para os reconciliar é substituído por *o resto para os reconciliar*.
- p.185 – cortar os sinos da igreja.
- p. 188 – cortar “quero ser corrupta e fútil”

## 6.7. O mecanismo da autocensura

Interpretar, traduzir e publicar esta peça, à luz do discurso da moral pública vigente durante os anos sessenta em Portugal, não foi tarefa fácil porque eram muitas as condicionantes embora não fossem suficientemente desmoralizadores para o trabalho não se fazer.

Muito do que aqui já foi referido reporta – se às opiniões e perspectivas que foram veiculadas pelo tradutor no momento de fazer opções. E esta coragem, esta capacidade de manipular o texto com um objectivo, também é sinónimo de poder: «rewriting is manipulation, undertaken in the service of power» (BASSETT,1992:VII).

Contudo houve limites que o autor/tradutor preferiu não ultrapassar e adoptou uma estratégia de silenciamento ou até mesmo de indefinição para que a censura não se detivesse muito, ou até não percebesse bem para não ter de cortar.

Como é o caso da auto-vigilância da própria linguagem. Na fala de Jimmy, p. 7: “(...) Olha: há aqui uma rapariga, na secção das consultas de amor, que pergunta se o namorado lhe perderá o respeito se ela lhe der aquilo que ele lhe pede. Estúpida!”. No original, p.5, Jimmy diz: “(...) Girl here wants to know whether her boyfriend will lose all respect for her if she gives him what he asks for. Stupid bitch.”

Nas temáticas tabu da cultura portuguesa, o tradutor preferiu manter um *low profile*, digamos, não explorando essas áreas, talvez até, traduzindo mal, de modo a deixar a ideia penetrar, mais ou menos nas entrelinhas, como foi a situação da temática da homossexualidade, quando traduziu incorrectamente os “Miguéis Ângelos sintéticos”, e “os rapazinhos neogregos”.

Uma outra situação idêntica, passa-se na pág.13, quando Jimmy ironicamente começa a enunciar o seu poema: “Haverá lavandarias no Camloja?”. No original, p.50, lê-se: “There are no dry cleaners in Cambodia”. Camboja era um país na esfera política da China maoísta, portanto, um obstáculo político desnecessário na sua perspectiva pragmática de tradução.

## 6.8. Os condicionalismos do código linguístico do português

Começo por citar Barthes (2007:13) na sua referência a Jakobson quando escreve «que um idioma se define menos por aquilo que permite dizer do que por aquilo que obriga a dizer».

É do conhecimento geral que os verbos: estar e ser, são traduzidos em inglês por be. Esta particularidade do português não permitiu a indefinição no diálogo que no original, tem o efeito da ambiguidade. Neste caso “obrigou” Palla e Carmo a optar por explicitar a situação que, apesar de tudo, acabou por não ser cortada pela Censura.

### ***Look Back in Anger pp. 25, 26***

**Alison** You see – (*hesitates*) I’m pregnant.

**Cliff** What are you going to do?

**Alison** I have no idea.

**Cliff** (*having cut her bandage, he starts tying it*) That too tight?

**Alison** Fine, thank you. (*She rises, goes to the ironing board, folds it up, and leans it against the food cupboard R.*)

**Cliff** Is it... Is it...?

**Alison** Too late to avert the situation? (*places the iron on the rack of the stove*) I’m not certain yet. Maybe not. If not, there won’t be any problem, will there?

**Cliff** And if it is too late?

*Her face is turned away from him. She simply shakes her head.*

### ***O Tempo e a Ira, p.p 74,75***

Alison. - É que ((*Hesita*)... Estou grávida.

Cliff. - Que vais fazer?

Alison. - Não sei.

Cliff. - (*acabando de lhe cortar a ponta da ligadura e começando a atá-la.* –  
está muito apertado?

Alison. - Está ótimo, obrigada.

*Ergue-se, dirige-se à tábua de engomar, dobra-a e encosta-a ao armário da comida, à Direita.*

Cliff. - E é tarde demais para ...para...

Alison. - Para remediar a situação? (*Arruma o ferro na prateleira do fogão*)  
Não sei ainda. Talvez não. Se não for, então não haverá problema, não é isso?

Cliff.: - E se for tarde demais?

*Ela tem a cara voltada para o lado oposto a ele. Limita-se a negar com a cabeça.*

Neste diálogo entre Alison e Cliff aborda-se de uma forma muito clara a questão do aborto, que foi legalizado em Inglaterra em 1961, portanto, era proibido na data em que Osborne escreveu a peça.

A fala de Cliff é determinante. O tradutor optou por esta solução porque era uma mensagem demasiado importante para não fazer uso dela.

Quando no final o tradutor assume que ela se limita a negar com a cabeça. O tradutor assume que ela está a negar. Porquê negar? De novo o tradutor está a encaminhar-nos para uma direcção. Se ela nega que seja tarde, então é porque vai remediar a situação.

Na verdade, no original, apenas lemos que Alison abana a cabeça. Ela pode estar a abanar a cabeça afirmativamente, a responder-lhe que sim, que é tarde. Que vai ter de dizer ao marido.

No último acto ficamos a saber que a criança morre. Morreu no parto? Morreu durante o resto da gravidez enquanto Alison se encontrava a viver na casa dos pais? Ou será que Alison abortou mesmo? O texto no final, apenas nos diz que a criança morreu. Percebemos que para o equilíbrio da peça a criança morreu porque era necessário restabelecer o equilíbrio entre aquele casal.

Outra situação curiosa é forma como as pessoas se tratam entre elas. O tradutor vai alterando de acordo com a maior ou menor familiaridade que as personagens vão ganhando umas com as outras, situação que no inglês nunca se põe, pela simples existência do democrático pronome pessoal: you

**Look Back in Anger p. 50**

**Helena** (*to Jimmy*) Do you have to be so offensive?

**Jimmy** You mean now? You think I'm being offensive? You underestimated me.

**O Tempo e a Ira p. 113**

Helena, *para Jimmy*. – você precisa mesmo de ser tão ofensivo?

Jimmy. – Refere-se ao que eu estava a dizer agora? Acha que aquilo é ser ofensivo? Então é porque ainda não sabe do que eu sou capaz.

O tradutor optou por usar o tratamento de você entre Helena e Jimmy quando eram inimigos.

No diálogo que se segue, Jimmy e Helena já são amantes e, por isso, já se podem tutear:

**Look Back in Anger p. 90**

**Jimmy** Oh, don't frown like that – you look like the presiding magistrate!

**Helena** How should I look?

**O Tempo e a Ira p.p. 171, 172**

Jimmy. – Não faça essa cara – pareces um juiz.

Helena. – Então que cara queres tu que eu faça?

Entre Helena e Cliff não há intimidade apesar de partilharem a mesma casa, tratam-se sempre cerimoniosamente por você:

**Look Back in Anger p. 90**

**Helena** Here you are, Cliff. (*handing him the shirt*)

**Cliff** Oh, thanks, Helena, very much. That's decent of you.

**O Tempo e a Ira p.p. 171, 172**

Helena. – Aqui tem, Cliff.

*Entrega-lhe a camisa.*

Cliff. – Muito obrigado, Helena. Desculpe a maçada.

## 6.9. A tradução de José Palla e Carmo – a tradução de uma época

*O tempo e a Ira* é uma tradução dos anos sessenta segundo a perspectiva e as preocupações sociais e políticas dessa época e, muito importante, sob as condicionantes que escrever implicava nesse tempo.

Perante as questões difíceis de resolver no aspecto da traduzibilidade de algumas palavras, deu a sua própria interpretação, ou silenciou-a, perfeitamente possível na tradução para teatro onde há uma economia de palavras e maior possibilidade de nacionalização das acções.

Interessava-lhe sobretudo a problemática geral da peça e suas potencialidades em termos cénicos. E esta peça era o que de mais moderno se fazia no estrangeiro, naquela época. Interessava-lhe a possibilidade de fazer este teatro sem “glamour”, um teatro naturalista e banal, próximo da realidade do quotidiano, e que desafiava discretamente o *status – quo*, dessacralizando a família, a religião e a ideia de pátria.

Tudo o que era marginal a este quadro social caiu porque o tradutor não achou necessário.

Talvez *Look Back in Anger* não se tenha esgotado na tradução de José Palla e Carmo. Há com toda a certeza material de sobra para explorar nesta peça de teatro nos tempos que correm.

Talvez os netos de Jimmy e Alison continuem à procura do sagrado nas relações humanas. Talvez as palavras de Jimmy proferidas em 1956 sejam, afinal, palavras de 2008.

Jimmy. - Quando não temos um mundo próprio, nosso mesmo, é agradável ter saudades pelo desaparecimento do mundo de outrem.

*Pausa*

Parece-me que estou a ficar sentimental. Mas sempre vos quero dizer que isto de viver na Idade Americana é desconsolador – excepto para os americanos evidentemente. Pensamento profundo, hem?

(PALLA e CARMO, s/d: 55,56)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estabeleci como principal objectivo do meu estudo determinar a "bitola" usada pelos censores da Comissão de Exame e Classificação da Inspeção dos Espectáculos e como isso influenciava a tradução de teatro.

Através da análise transversal dos 30 casos seleccionados aleatoriamente, concluí que 55% dos casos devem-se sobretudo a factores de natureza moral, enquanto 27% são de natureza política, e 18% de natureza religiosa.

Esta tripartição de factores corresponde à tríade portuguesa: *Deus Pátria Família* - em que assentava a ideologia do Estado Novo.

As peças de teatro estrangeiro traduzidas e reprovadas durante a década de 60 são-no em parte devido às temáticas que se prestam a interpretações que os censores consideram ruinosas para a moral tradicional.

Em Portugal, como o puritanismo exercia o seu poder, anulando qualquer pensamento que pusesse em risco a moral tradicional da linguagem, do casamento, da igreja e dos valores militares e da pátria, os zeladores estavam sempre atentos, dissecando os textos à espera de encontrar ideias perversas.

Os censores que tinham o poder de reprovar, cortar, ou aprovar os textos eram pessoas que tinham ideias muito banais sobre a arte e desconheciam tudo o que lhes era contemporâneo, estando, portanto, desfasados da realidade.

As companhias de teatro sofriam nas mãos da censura. Mas na verdade, esta é uma época em que até as pequenas princesas do teatro infanto-juvenil morriam de calor, obrigadas que eram a usar um lençinho para cobrir o decote dos seus vestidos longos e cheios de brilhantes (COUTO VIANA, cf. Anexo 1).

Os anos em que a censura aprovou maior número de traduções foram os anos de 1961, 1963 e 1966. Em contrapartida, o ano mais trágico em termos de reprovações foi o ano de 1965.

À medida que nos vamos aproximando do fim da década, vamos observando um maior número de cortes. Por exemplo, no ano de 1967, houve 89 peças submetidas a exame da Comissão, sendo que 56 foram aprovadas, 19 foram aprovadas com cortes, 10 foram reprovadas e 4 foram aprovadas depois de terem sido revistas. Este panorama agudiza-se em 1969, quando há apenas 58 peças submetidas a exame. Voltou-se ao princípio da década.

O ano de 1960 foi fulcral para o desenvolvimento teatral dado haver uma vontade política que tinha sido formada por António Ferro até meados dos anos 50, em que vigorou a «Política do Espírito e do Bom Gosto» e que fez sair três Decretos-Lei normativos, 42660, 42 661, 42 662, que pretendiam regular todo o acto teatral, desde a sua logística até à vigilância dos conteúdos e representação.

O final dos anos 50 com a criação do Fundo de Teatro e o aparecimento da Fundação Gulbenkian vieram dar um potente arranque, sobretudo esta última ao teatro universitário e independente.

Em 1960, foram submetidas a exame apenas 57 peças. Como se poderá explicar este número tão baixo em 1969, quando há uma nova dinâmica social com o início da explosão dos cineclubes, dos grupos de teatro independente saídos do teatro universitário, em boa parte, das associações. Há como que um fervilhar de criatividade, de agitação, de algo que tem de ser feito...

Nos arquivos da Torre do Tombo a partir dos anos 70 são cada vez menos as peças registadas, o que é indicativo da incapacidade da Censura controlar tudo o que se fazia.

Provavelmente, também, o regime já próximo do seu epitáfio, não atribuiria tanta importância ao registo burocrático dos processos na Inspeção dos Espectáculos, e muitas autorizações seriam dadas oralmente, ou os processos terão sido entregues pessoalmente, a um ou outro censor mais permeável à mudança. Que também os havia, conforme pode ser verificado nos comentários dos censores no anexo 6.

Também temos de considerar a hipótese de terem desaparecido. Como é do conhecimento público muitos registos oficiais do período do Estado Novo

foram vandalizados imediatamente após o 25 de Abril, perdendo-se assim uma boa oportunidade de reconstituir esta época tão nossa contemporânea e, contudo, já tão estranhamente anacrónica aos olhos da maioria dos portugueses.

Mas a história é também feita de muitas probabilidades.

Neste trabalho também se pesquisou no sentido de saber quem eram os tradutores desta década e que autores eram os mais trabalhados. Concluiu-se que a Fundação Gulbenkian criada, em 1956, foi a principal responsável pela intensa actividade do teatro universitário e aparecimento dos primeiros grupos independentes como o Teatro Moderno de Lisboa.

Havia muitas empresas com uma enorme apetência para o teatro de vanguarda e para as comédias de "boulevard" que faziam furor entre o público das cidades de Lisboa e Porto, e eram uma dor de cabeça para a Comissão de Exame que as tinha de reprovar frequentemente pela sua licenciosidade, pela perversão da moral tradicional.

Contudo havia também espaço para os eternos clássicos; Shakespeare, Molière, Goldoni. Os grandes dramas de Strindberg e Tchekov eram altamente apreciados com encenações que os libertavam das roupagens da sua época naturalista.

Vimos também como a RTP teve um papel importante na divulgação do teatro e que apesar do seu poder interno de sancionar, cortar textos, também estava submetida a mais altos poderes.

As traduções, neste caso do teatro RTP, eram censuradas pelo tradutor que se auto-vigiava para não ter deslizes técnicos e interpretativos, e conseguir assegurar o seu trabalho, passava depois por vários censores até que no caso do teatro era a Comissão de Exame da Inspeção dos Espectáculos a ter a última palavra.

Por último, analisei a peça de John Osborne, *O Tempo e a Ira*, na tradução de José Palla e Carmo, e extraí dessa análise de caso, algumas importantes ilações.

Concluí que a tradução de Palla e Carmo pecava pelo facto de ter sido editada em livro pela Minotauro, quando na realidade continuava a ser a peça de teatro traduzido em 1960 para o TEP intitulado *A Dor e a Fúria* e que tinha sido proibida pela censura.

Palla e Carmo prefaciou esta sua tradução com um texto magnífico sobre o teatro britânico, deu-lhe um título diferente *O Tempo e a Ira* e a Minotauro editou-a.

A tradução de Palla e Carmo é um guião sem notas de rodapé, mas sem criar no leitor a ira que Osborne trabalhou na sua obra *Look Back in Anger*.

O leitor português fica apenas com uma linha de acção da temática central, em que até algumas das didascálicas são dirigidas aos actores em palco.

Na época, a edição do livro *O Tempo e a Ira* terá tido bastante impacto, pelo facto da peça abordar várias perspectivas que punham em causa o puritanismo da censura: a temática do casal em crise, da vitimização da mulher, da emancipação feminina, ou o problema de ascensão social.

E aqui é que reside a essência da questão. Se a Comissão de Exame tivesse autorizado a representação da peça, em 1960, a tradução tinha cumprido o seu objectivo. Os erros de interpretação, as falas que o autor salta, e não traduz, a intraduzibilidade de algumas situações foram com toda a certeza supridas, pelo movimento em cena, pelos gestos, pela especificidade da arte de representar aquando das representações em 1966 e 1968.

Como texto literário não conseguiu elucidar o leitor e ficou-se pelas interjeições das personagens, pelo *nonsense de algumas falas*, pela adaptação que não traduz nada do que está no original.

Fala-se muito da morte do autor, do texto de origem «ser uma fonte inesgotável de variações», como Christine Zurbach defende para a tradução teatral, mas estas são posições que se adaptam à situação do teatro encenado. Num texto dramático com pretensões a ser lido, as palavras belíssimas de Sophia de Mello Breyner dizem o essencial: «Quero traduções mas que deixem em branco o vazio entre duas línguas».

## **BIBLIOGRAFIA**

## **BIBLIOGRAFIA ACTIVA**

OSBORNE, John

O TEMPO E A IRA. Editorial Minotauro. Lisboa s/d

OSBORNE, John

A Dor e a Fúria, SNI/DGE/6096, 1960

OSBORNE, John

LOOK BACK IN ANGER, Faber and Faber. London 1960

## BIBLIOGRAFIA PASSIVA

AALTONEN, Sirkku

*SPACE AND PLACE IN THEATRICAL CONTACT ZONES: HOW TO FIND AUDIENCES FOR UNTAPPED RESERVOIRS OF CONTEMPORARY DRAMA FROM SMALL CULTURES: 53-75*, Teatro e Tradução, Palcos de Encontro, Act 15, Org. Maria João Brilhante e Manuela Carvalho, Centro de Estudos Comparatistas, ed. Campo das letras, Porto 2007

AZEVEDO, Cândido de

*A CENSURA DE SALAZAR E MARCELO CAETANO – IMPRENSA, TEATRO, CINEMA, TELEVISÃO, RADIODIFUSÃO, LIVRO*, Editorial Caminho, Lisboa 1999

*MUTILADAS E PROIBIDAS*, Editorial Caminho, Lisboa 1997

BARRENTO, João et al

*“TRADUÇÃO: A PANELA, O COZIDO E O CALDO”* in Manuel Rosa (dir) e José Alberto Oliveira (coord. ed.) *A Phala 1 # 2007* de S. Jerónimo a Cesariny. Lisboa: Assírio & Alvim: 65-90, 2007

BARTHES, Roland

*A Lição*, Edições 70, Lda, Lisboa 2007

BASSENETT, Susan,

*Translating for the theatre: Textual Complexities. Essays in Poetics*,  
15,1, April, 1990

BRISSET, Annie

TRANSLATION, THEATRE AND SOCIETY: QUEBEC'S AMERICAN DREAM, pp 31-51, Teatro e Tradução, Palcos de Encontro, Act 15, Org. Maria João Brilhante e Manuela Carvalho, Centro de Estudos Comparatistas, ed. Campo das letras, Porto 2007

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

*A CENSURA NA ICONOGRAFIA PORTUGUESA E CARICATURA*. Humorgrafe Museu da República e Resistência. Lisboa 1997

CAMPOS, Tânia Filipe

A RECEPÇÃO DE FROKEN JULIE DE STRINDBERG EM PORTUGAL: UM MOSAICO DE TEXTOS, pp 335-348, Teatro e Tradução, Palcos de Encontro, Act 15, Org. Maria João Brilhante e Manuela Carvalho, Centro de Estudos Comparatistas, ed. Campo das letras, Porto 2007

CARVALHO, Paulo Eduardo

«PÉROLAS, ESFERAS E CÍRCULOS»: A TRADUÇÃO DE TEATRO, p.p 50-70, Revista de Ensaio e Ficção – Teatro Escrito (s), IPAEL – Cotovia, ed. Cotovia, Lisboa 1999

CASTILHO PAIS, Carlos

A VERNACULIDADE NA TRADUÇÃO DE TEATRO OU...«VERTEM DRAMAS CAVALHEIROS», p.p 127-138, Apuntes de história de la traducción portuguesa VERTERE, MONOGRAFICOS DE LA REVISTA HERMENEUS, Núm.7-2005 ed. Província de Soria 2005

*TEORIA DIACRÓNICA DA TRADUÇÃO PORTUGUESA – ANTOLOGIA (SÉCULO XV-XX)*. Universidade Aberta, Lisboa 1997

COMISSÃO NACIONAL DO LIVRO NEGRO SOBRE OS FASCISMO

*A POLÍTICA DE INFORMAÇÃO DO REGIME FASCISTA*, Lisboa 1980

COSTA, Brunilde Júdice da

*ESPECTÁCULOS E DIVERTIMENTOS PÚBLICOS*, B. Júdice da Costa; José Fernandes Lebre, Lisboa, (s.n.), 1960

CRUZEIRO, Maria Manuela e Rui Bebiano

*ANOS INQUIETOS, VOZES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM COIMBRA (1961 - 1974)*, Edições Afrontamento, Porto, Junho 2006

DACOSTA, Fernando,

*MÁSCARAS DE SALAZAR*, ed. Casa das Letras, 13ª edição, Lisboa 2006

RTP, Direcção de Novos Projectos e Arquivo

*Memórias dos Arquivos da RTP, 2004*

DIÁRIO DE GOVERNO

I SÉRIE – NÚMERO 268, dia 20 de Novembro de 1959

ECO, Umberto

*DIZER QUASE A MESMA COISA SOBRE A TRADUÇÃO* Trad. José Colaço Barreiros. Difel, Algés, 2005

GRAÇA MOURA, Vasco

*50 SONETOS DE SHAKESPEARE, PRESENÇA*, Lisboa, 1987

GUSMÃO, Fernando

*A FALA DA MEMÓRIA*, SPA ESCRITOR, Lisboa, 1997

JÚDICE, Nuno

*“POESIA E TRADUÇÃO” in As Máscaras do Poema*. Arion Publicações. 243 - 259, Lisboa 1998

LACEY, STEPHEN

British Realist Theatre. New York, London:Routedge,1995

LAKOFF, G

*WOMEN, FIRE AND DANGEROUS THINGS. WHAT CATEGORIES REVEAL ABOUT THE MIND.* The University of Chicago Press, Chicago/London. 1987

LISTOPAD, Jorge

*PORTUGAL 45-95 NAS ARTES NAS LETRAS E NAS IDEIAS*, Coord. de Vítor Wladimiro Ferreira. Centro Nacional de Cultura. Lisboa 1988

MELO, Jorge Silva

*SÉCULO PASSADO.* ed. Cotovia, Lda, 1ª ed. Lisboa 2007

MIRANDA, José Bragança

ELEMENTOS PARA UMA TEORIA DA CENSURA, p.p. 1-26, <http://.cecl.com.pt/rcl>

PRINCIPE, César

*OS SEGREDOS DA CENSURA*, ed. Caminho, Lisboa 1979

REBELLO, Luiz Francisco

*COMBATE POR UM TEATRO DE COMBATE*. Seara Nova. Lisboa 1977

“É VERDADE.MAS...” DUAS PROPOSIÇÕES SOBRE A CENSURA, p.p 47-52,  
Sinais de Cena, APCT, ed. Campo das letras. Porto 2007

*O PASSADO NA MINHA FRENTE MEMÓRIA*. Parceria A.M. Pereira. Livraria  
Editora Lda. Lisboa 2004

RODRIGUES, Graça Almeida

*BREVE HISTÓRIA DA CENSURA LITERÁRIA EM PORTUGAL*, Biblioteca Breve,  
vol. 54, 1ª ed. Instituto da Cultura e da Língua Portuguesa, Lisboa 1980

SANTOS, Graça dos

*O ESPECTÁCULO DESVIRTUADO: O TEATRO PORTUGUÊS SOB O REINADO DE  
SALAZAR (1933-1968)*. Editorial Caminho, S.A Lisboa 2004

STEINER, George

*Depois de Babel*, Relógio D`Água, 2003, Lisboa

SHELLARD, Dominic et al

*THE LORD CHAMBERLAIN REGRETS... A HISTORY OF BRITISH CENSORSHIP*,  
The British Library, London 2004

TAMEN, Pedro

“TRADUÇÃO: DEPOIMENTOS” in Manuel Rosa (dir) e José Alberto Oliveira (coord. ed.) *A Phala 1 # 2007* de S. Jerónimo a Cesariny. Assírio & Alvim. 108, Lisboa 2007

TENGARRINHA, José

*DA LIBERDADE MITIFICADA À LIBERDADE SUBVERTIDA – UMA EXPLORAÇÃO NO INTERIOR DA REPRESSÃO PERIÓDICA DE 1820-1828*. Edições Colibri. Lisboa 1993

VIEIRA, Joaquim

*PORTUGAL SÉCULO XX: CRÓNICA EM IMAGENS: 1930-40*. Círculo de Leitores. Lisboa 1999

ZURBACK, Christine,

“DA EFEMERIDADE DAS TRADUÇÕES TEATRAIS”, p.p.46-49, *Revista de Ensaio e Ficção – Teatro Escrito (s)*, IPAEL – Cotovia. ed. Cotovia.Lisboa 1999

“TRADUZIR O INTRADUZÍVEL: ATALHOS E DESVIOS NOS PERCURSOS DO TRADUTOR”, *Babilónia* nº 5, pp 177-185, <http://www.ciencia.info/pt>

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 – DEPOIMENTOS

### Depoimento de António Manuel Couto Viana

A propósito da peça *As mulheres também perderam a guerra* de Curzio Malaparte, traduzida por Amândio César, sugeri o título: *Viena 1945*, já que o problema maior era o título. Na altura, lembro-me de ter ido falar com o próprio Chefe Inspector dos Serviços de Censura, o Dr. João Duque, para interferir junto do censor, mas de nada valeu porque o censor que era o Dr. Alambre dos Santos opôs-se à peça e a sua decisão foi irredutível.

Mais tarde, em 1969, a peça foi finalmente aprovada e levei-a à cena.

Comecei a ensaiar a peça *Encontro em Senlis*, de Jean Anouilh, com o Álvaro Benamor, a Lígia Teles e a Ana Paula, na altura, uma dama galã, e ainda o Alves da Costa e a Brunilde Júdice que eram contratados para o papel de empregados. A peça é uma delícia. Foi proibida porque eram amantes. Era uma coisa que nem se podia dizer o nome. Aqueles pudores do Estado Novo eram absurdos.

Deixavam passar imensas coisas que do ponto de vista deles deviam proibir. Quanto a mim, havia muita estupidez na censura em geral. Muita estupidez. Salazar entregou a censura ao Exército. Já vinha da própria censura da ditadura militar. Eram oficiais de baixa patente que faziam a censura. Pessoas que não tinham nível cultural suficiente. Não ligavam ao sentido das coisas mas apenas à palavra. Não sabiam o que ela podia significar dentro de um contexto. Não tinham categoria mental, nem intelectual.

A primeira peça infanto-juvenil do Gerifalto foi classificada para 17 anos. Era o romance juvenil *A Ilha do Tesouro*.

Levei lá o meu amigo Baltazar Rebelo de Sousa porque aquilo era impossível. Como podia eu gerir uma companhia de teatro infanto-juvenil para 17 anos? Acabaram por baixar para 12 anos. E tudo porque os sitiados davam tiros...

Por causa de um pudor completamente absurdo, até as meninas vestidas de princesas tinham de usar um lençinho em volta do pescoço para ocultar o decote do vestido.

A relação entre os empresários e os censores era nenhuma. Sei que o Vasco Morgado estava permanentemente a ir à Censura para pedir para o deixarem levar a palco as peças que a Censura proibia. Mas, para isso, apresentava-se com uma barba por fazer de muitos dias, levantava a gola do sobretudo, e pedia por misericórdia para o deixarem levar a peça a ser representada. E colava!

Eles adoravam isto e diziam-lhe:

- «E vai lá, não voltes a fazer isso»..

- «Sim, prometo. Não volto a fazer.»

E Vasco lá fazia a sua rábula e ia por diante.

A Censura umas vezes deixava passar umas coisas e proibia outras que eram um absurdo.

Nunca em Portugal as companhias de teatro prestaram grande atenção ao teatro português. Havia alguns dramaturgos em quem a Censura não se atrevia a tocar como era o caso do Alfredo Cortez, Carlos Selvagem, Vasco Mendonça Alves, Leitão de Barros ou Ramada Curto.

Apesar de gostar bastante de encenar teatro português contemporâneo, nem sempre era fácil porque os autores estavam sempre a intrometer-se e eram muito relutantes com a minha encenação. Davam mais ouvidos a actores como Alves da Costa ou a uma Brunilde do que a mim, que era um jovem encenador. Havia situações em que as sugestões apresentadas pelos actores eram de ter em linha de conta, mas outras eram absolutamente impensáveis. Lembro-me da encenação do *Pai* de Strindberg, em que o conflito entre o marido e a mulher é terrível de suportar. Num ambiente perfeitamente burguês, o marido a

insultar a mulher e, ela calada, quieta, austera. Os dois extraordinários! Entretanto, a Brunilde veio perguntar-me se não podia ficar sentada a descascar ervilhas. « É que eu não tenho nada para fazer... ». Respondi-lhe: «Oiça, minha senhora!».

Havia encenadores que não permitiam interferências e apresentavam-se a todos como era o caso do Ribeirinho e da Amélia Rey Colaço.

Também na peça “A rapariga do bar” acabei por um dia pôr fora a autora que passava a vida a interferir com tudo.

Na minha passagem pelo Teatro Estúdio do Salitre, tive dois mestres extraordinários. Na prática aprendi muito com Saviotti, quer na marcação, quer na própria encenação. Na teoria tive o Fernando Amado. E Saviotti confiou em mim e deixou-me fazer os cenários e a encenação da peça *Contrabando* de David Mourão Ferreira.

As minhas relações com os tradutores eram boas na qualidade dos textos, mas uma perfeita dor de cabeça na altura da sua entrega. Alguns tradutores entregavam o 1º e o 3º actos e demoravam muito tempo a terminar o 2º. Também as primeiras leituras com os actores eram muito difíceis. Já para não falar da leitura da Censura para aprovação dos textos. E tudo tinha de acontecer com grande rapidez. Se o público não fosse o suficiente, nós tínhamos de fechar o teatro imediatamente e no prazo de uma semana tínhamos de reabrir com uma nova estreia. Passados dois dias após a estreia de uma peça tínhamos de começar a ensaiar outra.

No caso do pagamento aos tradutores, fazia-se uma combinação logo no começo da tradução e eu pagava logo, nunca ficava à espera da bilheteira. No princípio de cada ano indicava os nomes das peças que queria traduzir. O Goulart Nogueira era um excelente tradutor que conhecia muito bem a língua portuguesa, para além de conhecer muito bem os meandros da Companhia porque trabalhava comigo. Estava sempre a traduzir porque precisava de dinheiro. Penso que ele traduzia também sob pseudónimos.

Claro que mexíamos muito nos textos traduzidos na tentativa de tornar as frases mais maleáveis para os actores. Pequenos acertos...

## Depoimento de Raul Solnado

Os textos chegavam aos actores já muito cortados pelo exame de censura. Alguns sem nenhuma razão. A censura era feita por funcionários públicos afectos ao regime que assim ganhavam uns dinheirinhos para completar o ordenado. Cortavam por margens de segurança. O Chefe também cortava por margens de segurança. A peça *Old Couple* de Murray Schisgal e que foi traduzida em português para *Amor às Riscas* foi proibida por abordar a questão da homossexualidade.

No programa da televisão, o *Zip Zip*, o censor cortou a cena em que uma das nossas convidadas, a cantora Maria Clara, disse em público que devia haver uma escola em Portugal que nos ensinasse a agradecer...

Os censores eram licenciados mas toda a gente sabe que ser doutor não quer dizer coisa nenhuma. Era tudo um grande processo de compadrio. Os censores não tinham carácter. Hoje as coisas têm uma outra qualidade. Aquela gente era absolutamente medonha.

Nós tínhamos que participar nisto tudo porque era a única forma de termos trabalho. Quando decidi ir para o teatro já sabia que havia censura, mas eu queria representar...

Quando improvisei fui julgado. O Camilo de Oliveira e eu dissemos uma frase fora do contexto e apanhámos com um processo.

Com a minha história da guerra nunca imaginei que aquilo passasse. Estávamos em 1961 e tinha começado a guerra em África. Os diálogos tinham sido criados por um homem brilhante, o Nelson de Barros, que se lembrou de uma artimanha para aquilo passar, que era eu ir vestido de Cantiflas. E eu nem conseguia dormir nas vésperas do espectáculo. No ensaio da Censura apareci vestido com um fato normal e quando eles perguntaram porque não estava vestido de Cantiflas respondemos que o fato não estava pronto. O texto disse-o com tal rapidez que nem percebi o que tinha dito. No final disseram-me: «O seu trabalho passou todo mas olhe que aquilo não tem graça nenhuma».

No dia da estreia estava lá toda a gente, e eles também... E aquele que me tinha dito que o texto não tinha graça nenhuma, voltou-se para mim e disse-me: «Você bem me lixou com a história da guerra». Foram obrigados a deixar

passar porque era demasiado óbvio acabar com um espectáculo que acabou por correr o país.

Também no Monumental em 1972, tive problemas graves com aquela cantiga dos Malmequeres: “Malmequer, português em que terras foste semeado...” No ensaio de censura deixaram passar porque aquilo foi dito sem qualquer emoção. Mas na estreia aquilo deu um choro pegado. O público em lágrimas pediu bis uma data de vezes. O resultado foi que, no final, os censores proibiram-me de dizer a palavra português.

No dia seguinte, disse outra vez malmequer português. Veio uma comissão e disse: «O senhor disse outra vez a palavra português». E respondi-lhes: «O que querem, que faça? Eu esqueço-me...» E isto durante semanas. Até que desistiram. Matei-os de cansaço.

A responsabilidade dos textos era de todos. Era do empresário, do produtor, do actor.

A peça ia para a Censura já traduzida pois o que eles queriam era a versão portuguesa. E nós actores e tradutores fazíamos a nossa própria censura. A gente vivia condicionado.

Nos anos 60, numa viagem ao Brasil, Millor Fernandes entrevistou-me para um jornal famoso pelas suas entrevistas polémicas num jornal chamado *Pasquim*. E começou logo da seguinte forma: «Você está ou não de acordo com a guerra em África?» Tive de lhe dizer que não podia responder àquela pergunta porque se o fizesse já não poderia regressar a Portugal. Era um pavor permanente. Já tínhamos as respostas todas prontas.

Por outro lado, a Censura obrigava-nos a uma enorme invenção. A gente driblava a Censura com muita graça. Escrevíamos textos cheios de carga política mas com um cobertor por cima. Eram textos prodigiosos que tinham de ser lidos nas entrelinhas.

A revista gozava de alguma abertura e podíamos ir até ao nosso Santantoninho... Só se podia dizer merda uma vez pelo Carnaval.

O programa Zip Zip, em 1969, surgiu porque quis o acaso que me encontrasse com Ramiro Valadão, em Nova Iorque. Lembro-me de o ver com os olhos luminosos em relação à televisão americana. Quando lhe disse que nós também podíamos aquilo, respondeu-me: «Vocês são jovens...» Mas fizemos

mesmo. O Zé Fialho, o Carlos Cruz e eu. A RTP não nos fez contrato. A ideia era simples. Da parte deles era: «Se eles se portam mal... rual!». Da nossa parte era que «Se isto correr mal, damos o fora...». Era inacreditável. A Censura negociava uma noite inteira. Havia censura na RTP em todo o lado, até no carro de exteriores.

O Zip Zip foi uma circunstância. Convinha-lhes mostrar uma certa abertura como estandarte mas não tanto. E então aconselhavam-nos: “Vocês têm de dar uma no cravo e outra na ferradura”.

Para escrever e publicar em Portugal era preciso fazer acrobacias geniais.

A Censura é uma prática. As pessoas automutilavam-se. Precisávamos todos de conhecer bem os códigos. O Batista Bastos foi correspondente de alguns jornais portugueses enquanto estive no estrangeiro. Escrevia semanalmente textos primorosos mas que eram todos cortados. Como estava fora, já não se mostrava tão vigilante. Já estava com outros azimutes e outras apetências.

Abri o Villaret com um musical baseado numa peça de Gogol. Convidei toda a gente até o presidente Américo Tomaz. Esta foi a minha estratégia para a Censura não me fechar o teatro. Tínhamos de utilizar algumas maroscas para conseguir furar as práticas habituais da censura que eram comandadas por um senhor provinciano.

## Depoimento de Luiz Francisco Rebello

A peça *Saudades de Berta* não havia nenhuma razão para a terem proibido. Sim, passa-se numa zona de prostituição. Não riscaram nada! A peça *Laurinda* de Romeu Correia também foi proibida pela mesma razão. Armand Salacrou, um autor injustamente esquecido nos dias de hoje. Traduzi várias coisas dele. Traduzi *Um caso sem importância* porque me pareceu que tinha possibilidade de ser representado em Portugal. Vasco Morgado interessou-se. A peça foi publicada. Mas foi proibida a sua representação porque foi considerada imoral - fazia a apologia do adultério, disseram eles.

De facto, nunca soube que o Couto Viana tenha querido encená-la...

A peça *Dente por Dente*, em 1964, para o Teatro Moderno de Lisboa, foi de facto muito estranho ter sido autorizada sem cortes e sem problemas porque toda a peça é em torno do poder, da autoridade e da corrupção.

Foi curiosa a recepção que houve por parte da crítica relativamente a esta tradução/adaptação de *Measure for Measure* de Shakespeare. No *Jornal do Comércio*, o crítico de teatro falou da excelente tradução dos versos que não existiam na peça original para além da canção do salgueiro...E este era dos críticos mais informados que nós tínhamos naquela altura...

Mas a censura tinha destas coisas... *L'annonce fait à Marie* de Paul Claudel que era um sujeito de um catolicismo extremo apesar de ter tido uma atitude muito ambígua durante a II Grande Guerra. Este auto foi proibido durante muito tempo porque numa entrevista ele falava dos horrores que lhe causavam as ditaduras e referiu a ditadura em Espanha e no do outro país vizinho cujo nome do ditador lhe estava a escapar. Esta foi a razão porque a peça foi proibida pela censura. Tinha tudo. Tinha o beneplácito do Vaticano, etc...

A tradução da peça *O Dispensário* de Sean O'Casey, em 1966, para o Teatro Experimental do Porto (TEP) foi logo proibida. Só foi representada depois do 25 de Abril. A censura viu na peça uma poderosa sátira às Caixas como eram chamados os Centros de Saúde na época. Até havia uma revista no Parque Mayer que gozava com isso. Havia uma mulher que entrava grávida e quando saía de lá já o filho tinha bigode.

O Centro de Cultura Teatral do Porto, órgão executivo do TEP, conseguiu contornar muita coisa, mas esta não.... Por exemplo, *A morte de um caixeiro*

*viajante* tinha todos os aspectos para ser censurado mas eles lá conseguiram contornar...

Tinha todas as condições para ter um lugar no regime mas a partir de certa altura comecei-me a interrogar. Os meus pais católicos praticantes e eu também, até aos 20 anos. Um dia, dei por mim, a ouvir um padre fazer a apologia mais descarada do nazismo. E pensei: «Se o espírito evangélico é isto, então eu não o posso aceitar».

A minha peça *O Dia Seguinte* foi autorizada pelo Comissário do Governo no Teatro Nacional a ser encenada pela Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço. Nesse dia tinha saído no Diário da Manhã, um órgão do regime, um artigo onde se interrogavam como era possível haver um comunista no Teatro Nacional. Na véspera da estreia, sábado à tarde, Puga e Sá, o Comissário tomou-se de pânico. Ele tinha autorizado a peça...Mas eis que viu uma saída brilhante, e então veio dizer-me que uma coisa era um texto lido, outra era o mesmo texto representado. A encenação e a representação em lugar de disfarçar sublinhava o texto. Designadamente, nessa encenação, a visão do filho vestido de fato de ganga, potenciou a ideia de que o *Dia Seguinte* era a revolução do proletariado.

Mas porque? Disse-lhes para o porem com umas calças normais e um pulover. «Não o ponham é de fato e de chapéu». Mas o Comissário percebeu que mesmo que ele estivesse vestido de outra forma, o resultado seria o mesmo.

A censura também dependia muito de quem estivesse à frente do Secretariado Nacional. No caso de Eduardo Brazão que esteve lá entre 59/61, sabe-se que ele terá dado ordens para aligeirar os critérios. Por esta altura foram finalmente representadas obras que tinham estado proibidas como *O Gebo e a Sombra*, de Régio, *As seis personagens à procura de autor*, de Pirandello e *A Ceia dos Cardeais* de Júlio Dantas.

Relativamente à peça *O Dia Seguinte* não se justificava a reprovação. A peça tinha sido representada em Espanha por um grupo académico de um Universidade Católica em Madrid. E, finalmente, a interdição foi levantada. O Grupo Cénico Caldense queria fazer a peça mas foi – lhe recusada.

Fui então falar com Óscar de Freitas, filho de Vicente de Freitas. Óscar de Freitas inimizou-se com Salazar por este nunca lhe ter perdoado o erro crasso

que ele fez no Liceu Gil Vicente. Oscar de Freitas terá agradecido aos alunos comovidamente julgando que a homenagem feita por estes ao patrono do liceu se devia ao seu pai Vicente.

E eis que Óscar de Freitas solta mais uma pérola junto do Cénico Caldense: «Diz aqui que foi levantada a interdição mas não diz que está autorizada!»

De facto, repercussão da proibição da peça *O Dia Seguinte* foi tal, que foi traduzida em França ainda durante a sua proibição em Portugal.

À partida os empresários não iam pedir a tradução de uma peça que lhes parecesse que não havia possibilidade de ser representada. Logo à partida havia uma selecção limitativa. Quando se traduzia admitia-se mesmo a hipótese de ser representado. A não ser que houvesse a garantia de ser editada uma vez que não havia a censura prévia ao livro. Havia a apreensão dos livros à posteriori. Quando constava na censura que um determinado livro estava a ser impresso a censura corria a caçá-lo.

Enquanto no teatro era diferente, não havia possibilidade de subir o pano sem a censura se pronunciar sobre o texto e sobre o espectáculo.

A minha participação na RTP com o Programa Panorama do Teatro Português, na década de 60, foi muito bem até Almeida Garrett. Eu propunha apresentar o filme *Frei Luís de Sousa* e uma mesa redonda constituída por Jorge Listopad, Artur Portela (Filho) e Luso Soares sendo eu o moderador. Foi-me dito que não se podiam explicar certas coisas. Respondi-lhes então que se isso acontecia, não contassem mais com a minha participação.

O Teatro Municipal de S. Luís, em 1972, também foi um desafio que me foi proposto pelo Eng<sup>o</sup> Santos Castro, presidente da CML. Aceitei-o com a promessa de encenar todos os anos uma peça que estivesse reprovada.

Escolhi um repertório com duas peças portuguesas e duas estrangeiras: *Salvação do Mundo* de José Régio; *A Mãe* de Witkiewicz, *Fígados de Tigre* de Gomes de Amorim e *Platonov* de Tchekov.

O presidente da câmara aceitou e começaram os ensaios. Fui terrivelmente mal visto. Por um lado o meu comportamento era visto como uma transigência para branquear o regime, no Diário de Lisboa, enquanto, por outro lado, no Diário da Manhã, a minha actuação era vista maldosamente para desacreditar o regime.

Faz-se *A Salvação do Mundo*. Um horror de estreia!

Começaram de seguida os ensaios para *A Mãe*, teatro do absurdo muito *avant garde*. Caetano de Carvalho pede para falar comigo. E eu apresentei-lhe o programa. Sugeriu que o melhor era suspender os ensaios. Mas tudo continuou. Disse-me que a Comissão estava muito dividida e aconselhou-me a passar à peça seguinte. E a Comissão de Exame proibiu mesmo a peça. Havia a possibilidade de recorrer da decisão, interpondo o recurso. O espectáculo estava montado e a Comissão de Exame e Classificação foi convocada para o ensaio de censura.

Entretanto, eu tinha contactado toda a gente para assistir ao ensaio. Foi uma interpretação notável de Eunice Muñoz e de João Lourenço, com a encenação de Artur Ramos e a tradução do original feita pelo José Palla e Carmo.

Quando acabou demos uma conferência de imprensa no Centro Nacional de Cultura, ali mesmo ao lado da PIDE, e com eles à nossa procura dentro do teatro.

Saiu a notícia de que me tinha demitido por incompatibilidade com a censura. Aquilo deu uma grande celeuma. De repente a censura que antes era um problema escamoteado passou a ser muito falada. Quem acabou por apresentar este problema na Assembleia Nacional foi o deputado Magalhães Mota que ao colocar-se na posição ingénua do cidadão comum, que quer saber qual a razão porque a censura fecha um teatro só porque o director não se entende com a Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos foi absolutamente trucidado pelos ultras do regime.

Os tradutores eram actores de teatro na generalidade. O Vasco Morgado tinha horror a fazer contratos. Só a título de exemplo, o Vasco pagou 10.000\$00 a um actor para lhe traduzir uma peça que foi um êxito retumbante e que lhe encheu a casa durante um ano. Havia lá uns secretários a quem ele encarregava das traduções. E às vezes pedia-me para eu fazer umas revisões. Lembro-me de uma, em que a personagem dizia para a outra: “e vamos aos sítios onde fizemos a nossa lua-de-mel – Nice, Riviera Italiana, Venezuela...” Venezia foi traduzida por Venezuela...às vezes era assim!

Na minha opinião acho que o tradutor de teatro deve ser um autor de teatro. Deve ser alguém muito conhecedor da linguagem do teatro que deve traduzir para teatro.

Houve anos em que não se estreou uma única peça portuguesa como em 1973. Os autores eram quase todos conotados com a esquerda, mas a direita também não era poupada: Joaquim Paço D´Arcos, Guilherme de Oliveira..

## Depoimento de Maria Barroso

Comecei com Amélia Rey Colaço que era uma mulher muito inteligente, muito culta. Uma das peças que mais prazer me deu fazer foi *A Casa de Bernarda Alba* de Lorca. Estávamos em 1948. E a Bernarda Alba era a concretização da intolerância e do despotismo. Os censores deixaram passar. Só se aperceberam quando a representámos em Coimbra. Era a altura do Carnaval e a Companhia resolveu pôr em palco no Nacional coisas mais adequadas à época.

E fomos a Coimbra. Nessa altura, Coimbra era uma cidade de cultura. Havia muita gente da oposição, a começar pelo director do TEUC. Pedi-lhe para me arranjar uma colega que me ajudasse porque eu estava sozinha. Nessa altura havia uma camaradagem no teatro que não era a mais correcta. Quem ia para o conservatório só precisava de ter a 4ª classe. E nem sempre as coisas corriam bem....

A minha personagem era a da Adèle, a filha rebelde. Palmira Bastos era a Bernarda Alba.

Sá a ignorância de alguns censores, a falta de cultura é que permitiu não terem dado logo de início pela essência da peça.

Aquilo era a autêntica encenação da ditadura. A Adèle pegava na bengala da mãe e partia –a no joelho, dizendo: «veja o que eu faço à sua tirania». Este é um gesto de uma rebeldia, de quase revolução. A gente fazia aquilo com um grande gosto. Era a nossa revolta contra a prepotência e contra a ditadura.

Nesta sessão, em Coimbra, estava o Carlos de Oliveira. A oposição estava ali toda em cheio. Foi um delírio!

Quem traduziu esta peça sob pseudónimo foi o Manuel Mendes e o José Gomes Ferreira. Tudo gente da oposição. E foi assim que se conseguiu furar a censura, conseguindo iludi-los...

Representei quatro anos no Nacional. Entrei para a Faculdade de Letras e para O Teatro Nacional ao mesmo tempo, no ano histórico de 1944-45. O último ano da guerra. No dia 8 de Maio de 1945 os alunos da Faculdade de Letras de Lisboa juntaram-se a outras faculdades e fizemos uma grande manifestação.

Percorremos as embaixadas dos países aliados para os felicitar e despertar, de modo a poderem trazer alguma influência na mudança de regime em Portugal.

Sempre que estávamos em época de eleições Salazar dizia que promovia eleições livres, tão livres, como na livre Inglaterra. Dava aquele curto espaço de tempo para falar, para logo a seguir muitos dos que falavam serem presos.

Ao fim de quatro anos no Teatro Nacional, estávamos em Setembro, era a partir deste mês que se dava início às reuniões preparatórias entre a Companhia e os artistas, telefonei a Amélia Rey Colaço para saber se havia já alguma coisa marcada. Atendeu-me o marido, o Sr. Robles Monteiro que me disse muito aflito: « Mariazinha, Mariazinha, venha imediatamente falar com a Amélia».

O que se passava era que o governo tinha dado ordens para que eu saísse do Nacional. «Fiz tudo, mas não consegui demovê-los», foram as palavras desalentadas de Amélia Rey Colaço. Continuei sempre sua amiga e da filha de quem também gosto muito. Depois do 25 de Abril, houve gente que lhe voltou as costas, mas eu estive sempre ao seu lado.

Foi uma grande directora de teatro e montou alguns espectáculos de grande vanguarda. Era uma grande força e tinha imensa personalidade, capaz de feitos extraordinários.

Relativamente à *Voz Humana* de Jean Cocteau, em 1966, tudo aconteceu normalmente até ao último minuto. Comprei os direitos desta obra em Paris, aconselhada pela Maria Lamas que estava lá e que me disse: «você compre a *Voz Humana* porque é uma peça que está mesmo a calhar para si.» Eu comprei, Carlos de Oliveira traduziu, pedi licença à Comissão para representar, autorizaram-me, sem cortes, juntei mais uns poemas de Jaime Cortesão, Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, Sidónio Muralha. Tudo poetas do Novo Cancioneiro. Poetas que utilizavam a poesia para dizer da sua indignação com o regime.

Estava previsto apresentar a peça e o recital de poesia no S. Luiz, Apesar de ter sido tudo aprovado, não tinha licença, mas eu não disse nada e fui com o Fernando Gusmão ver o palco para ensaiar a peça. Apareceram-me os directores do Teatro que muito correctamente disseram-me que sem licença eu não podia representar. Mas nessa mesma tarde veio a tal licença.

Na véspera do espectáculo recebi uma carta com a interdição do espectáculo, onde me informavam de estar impedida de representar a *Voz Humana* e de dizer os poemas.

Ainda fui protestar mas não consegui demover ninguém. Responderam-me que Salazar estava muito zangado porque eu ainda recentemente tinha assinado uma petição contra o regime.

O meu marido aconselhou-me a telefonar para o teatro e a dizer que o recital e a peça tinham sido cancelados.

Peguei no telefone e perguntei para a bilheteira como estava o teatro. Responderam-me que a casa estava cheia. «Pronto, então até amanhã!», respondi-lhes.

Argumentei com o meu marido que aquilo assim ia ter força. E teve mesmo. “Eles” vieram ver e pensaram muito bem, que se proibissem, aconteceria uma grande manifestação. Aquilo era mesmo ao lado da PIDE. Havia pides por todo o lado. Disseram-me mais tarde que até mandaram garrafinhas de mau cheiro. Mas ninguém arredou pé. O espectáculo foi revogado, mas fez-se!

Primeiro fiz o recital, «Abafai-me os gritos com mordanças/maior será a minha ânsia de gritá-los, amarrai-me os pulsos com grilhetas/maior será a minha ânsia de quebrá-las/rasgai a minha carne, triturai os meus ossos/o meu sangue será a minha bandeira/meus ossos o cimento de outra humanidade/que aqui ninguém se entrega/isto é vencer ou morrer (...)» (excerto do *Prometeu*, de Joaquim Namorado). Depois representei a peça.

É claro que foram os poemas é que os fizeram revogar o espectáculo.

No dia seguinte de manhã, não havia uma única notícia nos jornais. O meu marido telefonou para o Urbano Tavares Rodrigues que estava no *Século* e que lhe respondeu que não tinham deixado sair a crítica que ele tinha escrito, com a argumentação de que a Maria Barroso tinha morrido e não houve nenhum espectáculo.

Era uma permanente oposição. Tínhamos de lutar tanto para fazer qualquer coisa.

Mas não tenho ódios nem raivas. Só quero que isto não se repita. Temos de mostrar a nossa diferença, sendo generosos, fraternos.

**ANEXO 2 – TABELA SINÓPTICA (1960-1969)**

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1960	Aldo Marini	Manuel Lereno	Coração não batas mais	Aprovada	RTP
1960	Alfonso Paso	Francisco Ribeiro e Henrique Santana	Cucurucucu	Aprovada com cortes	Teatro Variedades
1960	Alfred Musset	Carlos Wallenstein	Desta água não beberei	Aprovada	RTP
1960	André Toussin	Armando Cortez	Bobosse ou KI-KI	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1960	Anton Tchekov	Armando Bacelar	O tio Vânia	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1960	Anton Tchekov	Maria de Castro	A boda	Aprovada com cortes	Voz do Operário
1960	António Paso Filho	Luis Filipe de Freitas	Flausino, homem de letras	Aprovada com um corte	Teatro Avenida
1960	Arthur Miller	Natércia Freire	Do alto da ponte	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1960	August Strindberg	Redondo Júnior	A Menina Júlia	Reprovada	Círculo Cultura Teatral do Porto
1960	August Strindberg	Redondo Júnior	A Menina Júlia	Aprovada	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1960	Autor desconhecido	Jorge de Sampaio	O mistério da Paixão	Aprovada com cortes	Círculo de Arte e Recreio em Guimarães
1960	Balzac	Manuel Lereno	A bolsa	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1960	Barillet e Grédy	Pinto Gonçalves	Milionários sem vintém	Reprovada	Empresa Vasco Morgado
1960	Bertold Brecht	Geir Campos e António Bulhões	A alma boa de Setsuan	Reprovada	Teatro Popular de Arte do Brasil
1960	Carlo Goldoni	Luis de Lima	Arlequim, Servidor de Dois Amos	Aprovada	Empresa do Teatro Sá da Bandeira e Clube dos Fenianos Portuenses
1960	Carlo Goldoni	Manuel Lerenó	O avarento	Aprovada	RTP
1960	Claude Magnier	Armando Cortez	Blaise ou a criada modelo	Reprovada	Empresa Vasco Morgado
1960	Claude Magnier	José Galhardo (Filho)	Blaise ou a criada modelo	Reprovada	Empresa Francisco Ribeiro & Henrique Santana
1960	Eugène Ionesco	António Malaquias de Lemos e Maria Rosa Colaço	A lição	Aprovada com cortes	Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa
1960	Eugène Ionesco	Luis de Lima	A cantora careca	Aprovada com cortes	Grupo Cénico da Faculdade de Direito Lisboa
1960	Friedrich Durrenmatt	Olavo D'Eça Leal	A visita da velha senhora	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1960	Ingmar Bergman	Fernando Almeida Jardim	Pintura na madeira	Reprovada	Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa
1960	Jean Anouilh	Maria José e Correia Alves	O Baile dos Ladrões	Reprovada	RTP
1960	Jean Marsus	Rui Pilar	A Vingança	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1960	Jean Marsus	Rui Pilar	Bridge e Judo	Aprovada	RTP
1960	Jean Marsus	Rui Pilar	Dispensa de recolher	Aprovada	RTP
1960	Jean Marsus	Rui Pilar	Intimidade	Aprovada	RTP
1960	Jean Marsus	Rui Pilar	Os convidados	Aprovada	RTP
1960	Jean Marsus	Rui Pilar	Sabe pregar pregos?	Aprovada	RTP
1960	Jean Marsus	Rui Pilar	Tempestade	Aprovada	RTP
1960	Jean Sarment	Virgínia Mendes	Viagem a Biarritz	Aprovada	RTP
1960	John Osborne	José Palla e Carmo	A dor e a fúria	Reprovada	Círculo Cultural Teatral do Porto
1960	Jorge Pelayo	Armando Vieira Pinto	Torre de Babel	Reprovada	RTP
1960	Julia Moura	Manuel Lerenó	Chocolate à Espanhola	Aprovada	RTP
1960	Luís Bertrand	A. Cardoso	Mãe sublime	Aprovada	Instituto do Bom Pastor
1960	Max Reguier	Sérgio Guimarães e Artur Almada	Milionários sem vintém	Reprovada	Empresa Vasco Morgado
1960	Miguel Mihura	José Galhardo	Maribel e a estranha família	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1960	Molière	Jorge de Sampaio	Médico à Força	Aprovada	Grupo Cultural Recreativo Nuno Álvares em Fafe
1960	Molière	Tomaz Ribas	O burguês fidalgo	Aprovada	RTP
1960	Oscar Wilde	António Pedro	Quanto importa ser leal	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1960	Roger MacDougall e Ted Allan	Sérgio Guimarães	Eu não sou eu	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1960	Thornton Wilder	Carlos Gouveia Pinto	A nossa cidade	Aprovada	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1960	William Inge	Miroel Silveira	Tentação	Aprovada	Empresa Figueira de Gouveia - Lisboa
1960	William Saroyan	Artur Ramos	Os esfomeados	Aprovada	Sociedade Instrução Guillerme Coussul
1960	William Saroyan	Artur Ramos	Ópera, Ópera	Aprovada com cortes	Sociedade Instrução Guillerme Coussul
1960	William Saroyan	Artur Ramos	Resposta inútil	Aprovada com cortes	Sociedade Instrução Guillerme Coussul
1961	Achille Saita	Henrique Pongetti	Mulheres feias	Aprovada com um corte	Teatro Variedades
1961	Agustin Moreto Y Cabaña	Eurico Lisboa (Filho)	A confusão de um jardim	Reprovada para TV	RTP
1961	Albert Agramoot	Anísio Rosa	As solteironas dos chapéus verdes	Aprovada com corte	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1961	Albert de Musset	Ema Paul	Uma porta deve estar aberta ou fechada	Aprovada	RTP
1961	Alfonso Paso	José Andrade	Loucuras do Papá e da Mamã	Aprovada	Teatro Avenida
1961	Alfonso Sastre	Egito Gonçalves	A mordação	Aprovada	Círculo Cultural de Cultura Teatral do Porto
1961	Alphonse Daudet	Maria Pereira da Silva	Os Ausentes	Aprovada	RTP
1961	Anatole France	Eurico Lisboa (Filho)	A comédia do homem que casou com uma mulher muda	Aprovada	RTP
1961	André Bisson	Maria Ana Pereira da Silva	A castelã de Shentone	Aprovada	RTP
1961	André Charpak	Manuel de Lima	Humilhados e Ofendidos	Aprovada com cortes	Teatro Moderno de Lisboa
1961	Antonio Buero Vallejo	Correia Alves	A Irene ou o tesouro	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1961	Arthur Adamov	Luis de Lima e J.M. Sampaio Cabral	O professor Taranne	Aprovada	CITAC
1961	August Strindberg	Luiz Francisco Rebello	Credores	Aprovada com cortes	Teatro Moderno de Lisboa
1961	Autor desconhecido	Eurico Lisboa (Filho)	A chamada de toda a gente	Aprovada com cortes	RTP
1961	Barillet e Gredy	Francisco Mata	A nova vaga	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1961	Bem Johnson	Andrade e Silva	Volpone	Aprovada	RTP
1961	Bernard Shaw	Raimundo Magalhães Júnior	O homem e as armas	Aprovada com cortes	RTP
1961	Boris Vian	Fernando Seabra	Os construtores de um império ou Schmurz	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1961	Carlo Goldoni	Goulart Correia	O leque	Aprovada	RTP
1961	Carlo Goldoni	Pedro de Lemos	O criado dos dois amos	Aprovada com corte	Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório de Lisboa
1961	Carlos Muniz	António José Forjaz	O tinteiro	Aprovada com cortes	Teatro Moderno de Lisboa
1961	Charles Cordier	Rui Pilar	A aparição	Aprovada	RTP
1961	Charles Cordier	Rui Pilar	A casa à beira do cais	Aprovada	RTP
1961	Charles Cordier	Rui Pilar	O destino de um homem	Aprovada	RTP
1961	Charles Cordier	Rui Pilar	O Prisioneiro	Aprovada	RTP
1961	Charles Cordier	Rui Pilar	O passageiro das 8 e 8	Aprovada com cortes	RTP
1961	Charles Cordier	Rui Pilar	Velho amigo Barata	Aprovada com cortes	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1961	Charles Cordier	Rui Pilar	Um certo senhor Smorzick	Reprovada	RTP
1961	Charles Cordier	Rui Pilar	Os Menechmes	Reprovada para TV	RTP
1961	Claude Aveline	Alice Ogando	É verdade mas podem não acreditar	Aprovada	RTP
1961	D. Francisco de Rojas Zorrilha	Eurico Lisboa (Filho)	Entre bobos anda o jogo	Aprovada	RTP
1961	Dorian Stevenson	Manuel Lerenó	Li Sing	Aprovada com cortes	RTP
1961	Edmond Rostand	Maria Resende e Manuela Reis	Cyrano de Bergerac	Aprovada com cortes	RTP
1961	Eduardo De Filippo	Orlando Francisco Rebello	Os fantasmas	Aprovada com cortes	Teatro d`Arte de Lisboa no Teatro da Trindade
1961	Esquilo	Eduardo Scarlatti	Prometeu agrilhado	Aprovada	RTP
1961	Eugène Ionesco	Luiza Neto Jorge	O Mestre	Aprovada com um corte	Círculo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa
1961	Fanny Terber	Alina Guerreiro	Encontraram-se num domingo	Aprovada	RTP
1961	Fernando Martinez Beltran	Aníbal Anjos	Diálogo com a morte	Aprovada com cortes	Teatro de Ensaio de Lisboa
1961	George Abbott	Sérgio Guimarães	A tia de Charley	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1961	Georges Manoir e Armand Verhulle	Miroel Silveira	História Proibida	Reprovada	Teatro Avenida
1961	Henrich von Kleist	Goulart Nogueira	O Príncipe de Hamburgo	Aprovada	Teatro do Gerifalto
1961	Henry Guéon	Pisani Burnay	Natal na praça	Aprovada	Teatro Popular de Lisboa
1961	Ingmar Bergman	Júlio Gesta	O retábulo da peste	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1961	Ion Luca Caragiale	V.Buescu e R. Claro	Fatalidade	Aprovada	RTP
1961	Irmãos Quintero	Armando Vieira Pinto	Mexericos ou o reino das mulheres	Aprovada	RTP
1961	Irmãos Quintero	Armando Vieira Pinto	Zaragatas	Aprovada	RTP
1961	Irmãos Quintero	Armando Vieira Pinto	Felizardo	Aprovada com cortes	RTP
1961	Ivan Turgueniev	Ricardo Alberty	Uma senhora da província	Aprovada com cortes	RTP
1961	J.B. Priestley	Redondo Júnior	Ferida do tempo	Aprovada com um corte	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1961	Jean Cocteau	Alice Ogando	A águia de duas peças	Reprovada	RTP
1961	Jean Giradoux	Sérgio Guimarães	O Apolo de Bellac	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	A declaração de imposto	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Alegre São João	Aprovada	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Comunicado Especial	Aprovada	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Intimidade	Aprovada	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Madame Lambrósio	Aprovada	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Noite de Gala	Aprovada	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Primeira etapa: Salamanca	Aprovada	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Regresso à Natureza	Aprovada	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Tentativa de reconciliação	Aprovada	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Por medida	Aprovada com um corte	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Nos bastidores	Aprovada com cortes	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	O sol de Nápoles e a 7ª arte	Aprovada com cortes	RTP
1961	Jean Marsus	Rui Pilar	Limpeza geral	Aprovada com um corte	RTP
1961	Jean Tardieu	Fernando Seabra	O guiché	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1961	Jean Tardieu	Luis de Lima	Conversação Sinfonieta	Aprovada	CITAC
1961	Jena Marsus	Rui Pilar	Crime Perfeito	Aprovada	RTP
1961	John Osborn	José Palla e Carmo	O tempo e a ira	Reprovada	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1961	John Synge	Dinis Jacinto	A sombra da ravina	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1961	Jorge Llopis	Sérgio Guimarães	O diabo é um anjinho	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1961	Lady Gregory	Rui Sequeira	Espalhando notícias	Aprovada	RTP
1961	Luigi Pirandello	Ana Luisa	Laranjas da Sicília	Aprovada	RTP
1961	Lulien Luchaire	Eurico Lisboa (Filho)	A 3200 metros de altitude	Aprovada com cortes	RTP
1961	Marcel Pagnol	Maria Ana Pereira da Silva	Jazz	Aprovada com um corte	RTP
1961	Martial Piedchaud	Alice Ogando	Teresa Pascal	Reprovada para TV	RTP
1961	Max Frish	Sérgio Guimarães	A grande raiva de Filipe Hotz	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1961	Michel Gheldorod	Júlio Gesta	O Escurial	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1961	Miguel Cervantes	Manuel Lereno	A cova de Salamanca	Aprovada	RTP
1961	Molière	Maria Ana Pereira da Silva	O ciúme de Barbouillé	Aprovada	RTP
1961	Musset	Ema Paul	Carmogina	Aprovada com cortes	RTP
1961	Nicolai Gogol	Ramos Ribeiro	A briga entre os dois Ivans	Aprovada	RTP
1961	Norman Krasna	R. Magalhães e Francisco Dantas	Diabinho de saias	Aprovada com cortes	RTP
1961	Norman Lebesque	Luis de Lima	A descoberta do novo mundo	Aprovada com um corte	CITAC
1961	Paul Frank e Ludwig Hirschfuld	Galhardo Santana	Por causa do Lulu	Aprovada	RTP
1961	Raoux Praxy	Brício de Abreu	O Jogo das damas ou Empresta-me o teu apartamento	Reprovada	Companhia Brasileira André Villon no Teatro Variedades
1961	René Wachtausen	Ema Paul	O copo de vinho branco	Aprovada	RTP
1961	Samuel Beckett	Luis de Lima	Acto sem palavras	Aprovada	CITAC
1961	Samuel Beckett	Luis de Lima e Hugo Lopes	A última gravação	Aprovada	CITAC
1961	Stanley Houghton	João António	O saudoso defunto	Aprovada	RTP
1961	Strindberg	João António Oliveira	Páscoa	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1961	T. C. Thomas	José Monteiro	A arca de Davy Jones	Aprovada	RTP
1961	T.C. Thomas	João António e Correia Alves	O jantar de Davi Jones	Aprovada	RTP
1961	Tennessee Williams	Luiz Francisco Rebello	Saudades de Berta	Reprovada	Sociedade de Instrução Guilherme Coussol
1961	Walt Disney	Maria Alda Pimentel	Cinderella	Aprovada	Externato Infantil “Viveiro Infantil” em Lisboa
1961	William Butler Yeats	Fernando Almeida Jardim	A terra que o coração deseja	Aprovada	Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa
1961	William Shakespeare	Luís de Sousa Rebelo	Romeu e Julieta	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1962	Albert Husson	Francisco Ribeiro e Henrique Santana	A linha da sorte	Aprovada	Teatro Variedades
1962	Alejandro Casona	Rui Cerqueira	O segredo bem guardado	Aprovada	RTP
1962	Alfonso Paso	Henrique Santana	Os direitos da mulher	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1962	Alfonso Paso	Virgínia Mendes	Casualidade perigosa	Aprovada	RTP
1962	Alfonso Sastre	Egito Gonçalves	O corvo	Aprovada	Teatro Moderno de Lisboa
1962	Anatole France	António Botelho	Crainquebille	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1962	Antonio Buero Vallejo	Correia Alves	A Irene ou o tesouro	Aprovada	RTP
1962	Antonio Buero Vallejo	Mário Bonito	Madrugada	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1962	Apollinaire	Goulart Nogueira e Lopo de Albuquerque	As tetas de Tirésias	Aprovada com cortes	Empresa António Manuel Couto Viana
1962	Armand Salacrou	Luiz Francisco Rebello	Um caso sem importância	Reprovada	Empresa António Manuel Couto Viana
1962	August Strindberg	Goulart Nogueira	O Pai	Aprovada com cortes	Empresa António Manuel Couto Viana
1962	Balzac	Manuel Lerenó	O ilustre Gaudissart	Aprovada	RTP
1962	Bernard Shaw	Francisco Nicholson	Nunca se sabe	Aprovada com cortes	Empresa de António Manuel Couto Viana
1962	Calderon de la Barca	Ricardo Alberty	A vida é sonho	Aprovada com cortes	RTP
1962	Carlo Goldoni	Manuel Lerenó	Curioso acidente	Aprovada	RTP
1962	Carlo Goldoni	Maria Ana Pereira da Silva	O carrancudo bondoso	Aprovada	RTP
1962	Charles Cordier	Rui Pilar	O gorgulho	Aprovada	RTP
1962	Charles Cordier	Rui Pilar	O inspector visitante	Aprovada	RTP
1962	Charles Cordier	Rui Pilar	O menino e a lua	Reprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1962	Curzio Malaparte	Noel de Arriaga	As mulheres também perderam a guerra	Reprovada	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1962	D. T. Davies	Alexandra Maria	Filhos para o jantar	Reprovada para TV	RTP
1962	Diego Fabbri	Jerónimo Bragança	O sedutor	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1962	Dostoyevsky	Correia Alves	Cartas de amor	Aprovada	RTP
1962	Eden Phillpotts	José Baptista	Digno de ser contado	Aprovada	RTP
1962	Eugene O'Neill	Jorge de Sena	Desejo sob os ulmeiros	Desconhece-se a decisão	Desconhecida
1962	Eugène Scribe	Maria Ana Pereira da Silva	O copo de água	Aprovada	RTP
1962	Eugène Scribe	Maria Ana Pereira da Silva	O copo de água	Aprovada	RTP
1962	Fernand Millaud	Carlos Meleiro	Bom coração de criado	Aprovada	RTP
1962	Georges de Wissant	Ana Luisa	A gloria de ser representado	Aprovada	RTP
1962	Georges Feydeau	Armando Cortez	Não andes assim toda nua	Aprovada	Teatro Moderno de Lisboa
1962	Georges Neveux	Carlos Meleiro	O caso de Bengival	Aprovada com cortes	RTP
1962	Georges Soria	Fernando Seabra	Uma estrangeira na ilha	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1962	Gerhart Hauptmann	Becket de Assunção	A peliça do castor	Aprovada com um corte	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1962	Gino Pongetti	Ruy Ferrão	Uma rapariga para atravessar o oceano	Aprovada com cortes	RTP
1962	H. G. Wells	Rui Pilar	O segredo de um homem gordo	Aprovada	RTP
1962	Henri Lavedan	Maria Ana Pereira da Silva	O duelo	Aprovada com cortes	RTP
1962	Henry Marcel	Alice Ogando	Algemas	Aprovada com cortes	RTP
1962	Herman Wouk	José Galhardo e Luís Galhardo	Os revoltados do Caine	Aprovada	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1962	Jean Marsus	Rui Pilar	Diana, uma rapariga endiabrada	Aprovada	RTP
1962	Jean Marsus	Rui Pilar	Quarenta mil desaparecidos	Aprovada	RTP
1962	Jean Marsus	Rui Pilar	Diana e o esqueleto	Reprovada para TV	RTP
1962	Jean Marsus	Rui Pilar	O depósito de sombras	Reprovada para TV	RTP
1962	Jean Navarre	Ana Luisa	A máquina de rejuvenescer	Aprovada	RTP
1962	Jules Supervielle	João Belchior Viegas	A primeira família	Aprovada	Empresa António Manuel Couto Viana

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1962	Leon Tolstoi	Luís Moreno	As três verdades	Aprovada	RTP
1962	Luigi Pirandello	Desconhecido	O homem, a besta e a virtude	Reprovada	Empresa António Manuel Couto
1962	Luís Olive e Lafuente	Henrique Santos	Uma admirável decisão	Aprovada	RTP
1962	Mary Jane e Joseph Hayes	Carlos de Sampaio Garrido	Privilégio de ser mulher	Aprovada com cortes	RTP
1962	Max Frisch	Ilse Losa e Manuela Delgado	Andorra	Reprovada	Teatro Moderno de Lisboa
1962	Max Frisch	Júlio Gesta	O respeitável senhor e os seus hóspedes	Aprovada com um corte	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1962	Miguel Mihura	José Baptista	O caso do senhor vestido de violeta	Aprovada	RTP
1962	Molière	Guedes de Oliveira	Jorge Dandino	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1962	Nathaniel Hawthorn	Andrade e Silva	A experiência do Dr. Heidegger	Aprovada com um corte	RTP
1962	Óscar Wilde	Correia Alves	O príncipe feliz	Aprovada	RTP
1962	Osvold Dragun	Costa Ferreira	Histórias para serem contadas	Aprovada	Teatro Moderno de Lisboa
1962	Paul Gerald	Noel de Arriaga	Roberto e Mariana	Aprovada com um corte	RTP
1962	Paul Nivoix	Maria Ana Pereira da Silva	Entre dois amores	Aprovada com um corte	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1962	Philip Llade	Alexandra Maria	Almoço para dois	Aprovada	RTP
1962	Plauto	Agostinho da Silva	Aulularia	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1962	Robert Thomas	M. d'Oliveira	Oito mulheres	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1962	Sergio Vodanovic	Carlos Barroso	Deixa que os cães ladrem	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1962	Spranger Barry	A. Sampaio Garrido	O laço da casaca	Aprovada	RTP
1962	T. S. Eliot	Fernando Guedes	Cocktail party	Aprovada	Empresa António Manuel Couto Viana
1962	Tennessee Williams	Correia Alves	Uma carta de amor de Lord Byron	Aprovada	RTP
1962	Tullio Pinelli	Fernando Seabra	Gorgónio	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1962	W. Jacob	Correia Alves	A pata do macaco	Reprovada para TV	RTP
1962	William Gibson	Fred Coe	Milagre em Alabama ou o Milagre de Ann Sullivan	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1963	Albert Didonné	Virgínia Mendes	Eu sou Napoleão	Aprovada com cortes	RTP
1963	Alejandro Casona	Ana Luisa	A farsa do rapaz que casou com uma mulher brava	Aprovada com cortes	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1963	Alfonso Sastre	Egito Gonçalves	Fechados na floresta	Reprovada	Grupo Mérito Dramático Avintense
1963	André Bisson	Maria Ana Pereira da Silva	O rosário	Aprovada	RTP
1963	Anthony Hopkins	Filipe de Sousa	Three´s Company	Aprovada	Grupo Experimental de Ópera de Câmara de Lisboa
1963	Anton Tchekov	António Carlos	Trágico à força	Aprovada	RTP
1963	Armand Guilbert	Mª Aliete Galhoz	O homem multiplicado	Aprovada com cortes	RTP
1963	August Strindberg	Ricardo Alberty	O holandês errante	Aprovada	RTP
1963	Autor francês anónimo do séc. XV	Júlio Gesta	A farsa de Mestre Pathelin	Aprovada	Círculo Cultura Teatral do Porto
1963	Bernard Shaw	Nuno Fradique	Candida	Reprovada	RTP
1963	Bernard Shaw	Nuno Henrique	O senhor do destino	Aprovada com cortes	RTP
1963	Caillavet e Robert de Fleurs	Nuno Fradique	Primerose	Aprovada	RTP
1963	Carlo Goldoni	Armando Vieira Pinto	As mulheres de bom humor	Aprovada	RTP
1963	Carlo Goldoni	Pedro Bom	A locandeira	Aprovada	RTP
1963	Charles Cordier	Rui Pilar	Luta contra a noite	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1963	Charles Cordier	Rui Pilar	Quarteto para Paulina	Aprovada	RTP
1963	Charles Cordier	Rui Pilar	As cobaias	Aprovadas com cortes	RTP
1963	Charles Cordier	Rui Pilar	Sereia	Aprovada com cortes	Teatro Variedades
1963	Charles de Peyret-Chappuis	Brício de Abreu	Frenesi	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1963	Claude Roger-Marx	Maria Ana Pereira da Silva	O passeio de domingo	Aprovada	RTP
1963	Concha Becerra	L. R. Silva	A noiva da Costa Azul	Aprovada	RTP
1963	Dan Brett	Manuel Lerenó	Nocturno de Chopin	Aprovada	RTP
1963	Dário Nicodemi	Ruy Ferrão	O grande amor	Aprovada com um corte	RTP
1963	Diego Fabbri	Ruy Ferrão	Qualcuno tra voi	Aprovada com alterações	RTP
1963	Ésquilo	Ana Paula Quintela	Prometeu Agrilhado	Aprovada	Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra
1963	Ettore Dominici	Maximiliano de Azevedo	Purgatório de casados	Aprovada com um corte	Sociedade Democrática União Barreirense
1963	Eugène Labiche	Maria Ana Pereira da Silva	A Gramática	Aprovada	RTP
1963	Eugene O'Neill	António José Forjaz	Óleo	Desconhecido	Desconhecido

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1963	Florence Howell	Nuno Fradique	A sentença final	Aprovada	RTP
1963	Friedrich Durrenmatt	Júlio Gesta	O casamento do senhor Mississippi	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1963	Gabriel d'Hervilliez	Maria Ana Pereira da Silva	A renda vitalícia	Aprovada	RTP
1963	Gabriel d'Hervilliez	Virgínia Mendes	A casca de banana	Aprovada	RTP
1963	Henry Meillac e Ludevic Halévi	Nuno Fradique	O brasileiro	Aprovada com cortes	RTP
1963	Hugues Delormes e Leon Abric	Luís Cajão	Canção de amor	Aprovada com um corte	FNAT no Teatro da Trindade
1963	Jean Cocteau	Carlos Brant	Os pais terríveis	Reprovada	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1963	Jean Jaques Bernard	Maria Ana Pereira da Silva	Oito cavalos, quatro cilindros e trutas... nem uma	Aprovada	RTP
1963	Jean Marsus	Rui Pilar	Amico di Sandro	Aprovada	RTP
1963	Jean Marsus	Rui Pilar	Dois corações na balança	Aprovada com cortes	RTP
1963	Jerome Kilty	Luís de Sttau Monteiro	Adorável mentiroso	Aprovada com cortes	Jacinto Ramos e Eunice Muñoz
1963	Léon Ruth	Rui Pilar	O sim das raparigas	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1963	Luigi Pirandello	Nuno Fradique	O diploma	Aprovada	RTP
1963	Marc Camoletti	Armando Cortez	Caiu do Céu uma noiva	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1963	Marcel Pagnol	Maria Ana Pereira da Silva	Mário	Aprovada	RTP
1963	Marcel Pagnol	Ramada Curto	Topaze	Aprovada	Academia Instrução Familiar Almadense
1963	Marie Louise Villiers	Odette de Saint- Maurice	Desta água não beberei	Aprovada	RTP
1963	Marivaux	Aurélio Loureiro dos Santos	O legado	Aprovada com um corte	RTP
1963	Marivaux	Odette de Saint- Maurice	A colónia	Aprovada	RTP
1963	Maurice Druon	Bernardo Santareno	A Condessa	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1963	Miles Malleson	Nuno Fradique	A aposta	Aprovada	RTP
1963	Molière	Maria Ana Pereira da Silva	Escola de mulheres	Aprovada	RTP
1963	Nicolai Gogol	Correia Alves	Os jogadores	Aprovada	RTP
1963	Nicolai Gogol	Virgínia Mendes	Os jogadores	Aprovada	RTP
1963	Paul Norand	Maria Ana Pereira da Silva	O viajante e o amor	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1963	Paul Tabort	Correia Alves	Uma luz na escuridão	Aprovada	RTP
1963	Paul Vialar	Ana Luísa	Entardecer	Aprovada	RTP
1963	Peter Nichols	José Baptista	Dez reis de sonho	Aprovada com cortes	RTP
1963	Sacha Guitry	Nuno Fradique	Mesa posta para dois	Aprovada	RTP
1963	Shakespeare	Domingos Ramos	As alegres comadres de Windsor	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1963	Sito Alba	António José Forjaz	A vida continua	Aprovada	RTP
1963	Sutton Vane	José Baptista	A grande viagem	Aprovada	RTP
1963	Tennessee Williams	António Quadros	Um eléctrico chamado desejo	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1963	Tirso de Molina	Armando Vieira Pinto	Dom Gil vestido de verde	Aprovada	RTP
1963	Tristan Bernard	Maria Ana Pereira da Silva	Vou sair	Aprovada	RTP
1963	Tristan Bernard	Nuno Fradique	A grande roda	Aprovada	RTP
1963	Truman Capote	Costa Ferreira	Harpa de ervas	Aprovada com alterações	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1963	Vincent Tisley	Correia Alves	O consentimento de Sammy	Aprovada	RTP
1963	Vladimir Korolenko	Andrade e Silva	Iom -Kipor	Aprovada com cortes	RTP
1963	William Shakespeare	Cardoso Lemos	As alegres Comadres de Windsor	Aprovada	Grupo de Teatro do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa
1963	William Shakespeare	Goulart Nogueira	O mercador de Veneza	Aprovada	Teatro do Gerifalto
1963	William Butler Yeats	Luíz Francisco Rebello	Cathleen Nivhoulihan	Aprovada com um corte	RTP
1963	Wolfgang Borchert	Kath Brudt e Norberto Ávila	Fora da porta	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1963	Xavier Cata	Carlos Figueiredo M. Silva	Desespero	Aprovada	RTP
1964	Agustin Cuzzani	Flávio Ferreira	O avançado-centro morreu ao amanhecer	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1964	Albert Camus	Antonio Quadros	Os Justos	Reprovada	Grupo Cénco Caldense
1964	Aldous Huxley	Francisco Mata	O sorriso de Gioconda	Aprovada	Clube Shell em Lisboa
1964	Alejandro Casona	Ricardo Alberty	Sinfonia Inacabada	Aprovada	RTP
1964	Aleksandr Ostrovski	Manuel Lereno	O bosque	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1964	Alfonso Sastre	Gil César	A Cornada	Reprovada	Teatro de Algebeira
1964	Bernard Shaw	Laura Soveral	César e Cleopatra	Reprovada	RTP
1964	Charles Cordier	Rui Pilar	Teatro nos bastidores	Aprovada	RTP
1964	Charles Dickens	Eduardo Azinhais e Jorge Augdal	A moeda de ouro	Aprovada com um corte	RTP
1964	Charles Dyer	Marina Morais	A cegarrega	Reprovada	Empresa Vasco Morgado
1964	Claude Magnier	Marina Morais	E quando ela se despiu ...	Reprovada	Empresa Vasco Morgado
1964	Claude Magnier	Marina Morais	Entre marido e mulher:::...	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1964	Curzio Malaparte	Noel de Arriaga	As mulheres também perderam a guerra	Reprovada	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro para o TNDM II
1964	Dostoiewski	Manuel Lerenó	Um ladrão honesto	Aprovada	RTP
1964	Fernando Arrabal	Morais e Castro	Oração	Reprovada	Teatro Moderno de Lisboa
1964	Fernando Martinez Beltran	João Sarabando	O homem que sonhou que via	Aprovada com cortes	Teatro de Ensaio de Lisboa
1964	Francisco Arrabal	Maria de Lourdes Assis	Piquenique	Reprovada	CITAC
1964	G. C. Brown	Botelho da Silva	O fugitivo de uma noite	Aprovada com cortes	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1964	G.C. Brown	Botelho da Silva	Num mundo diferente	Aprovada	RTP
1964	Gabriel Cousin	Egito Gonçalves	A ladradora e o autómato	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1964	George Axelrod	Luís de Sttau Monteiro	O pecado mora ao lado	Aprovada com cortes	Teatro Avenida
1964	Gerhart Hauptmann	Paulo Quintela	Ascensão de Joanhina	Aprovada com alterações	RTP
1964	Harold Pinter	Rui Alberto Ferreira Lebre	O Porteiro	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral de Aveiro
1964	Henry Guéon	Pisani Burnay	Natal na praça	Aprovada	Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
1964	Ion Luca Caragiale	Egito Gonçalves	A carta perdida	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1964	Ion Luca Caragiale	Goulart Correia	O jogo das trapaças	Aprovada	Teatro do Gerifalto
1964	Ivan Turgueniev	Ricardo Alberty	Um mês no campo	Aprovada	RTP
1964	Jean Kerr	Victor Felipe	Mary Mary	Aprovada	Teatro da Comédia em Estremoz
1964	Jean Marsus	Rui Pilar	Escreve-me	Aprovada	RTP
1964	Jean Sarmant	Maria Ana Pereira da Silva	Os olhos mais lindos do mundo	Aprovada	RTP
1964	John Chapman	Becket da Assunção	Caruncho	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1964	John L. Balderston	Ricardo Alberty	A praça de Berkeley	Aprovada	RTP
1964	Lealon N. Jones	Maria Ana Pereira da Silva	Os sornas	Aprovada	RTP
1964	Leandro Fernandez de Moratin	Maria Manuela Couto Viana	O barão	Aprovada	Empresa António Manuel Couto Viana
1964	Leandro Fernandez Moratin	A. Almeida Garrett	A comédia nova do café	Aprovada	RTP
1964	Luigi Pirandello	Manuel Lerenó	Renda Vitalícia	Aprovada com cortes	RTP
1964	Max Frisch	Ilse Losa e Manuela Delgado	Andorra	Reprovada	Teatro Moderno de Lisboa
1964	Neil Simon	Carlos Lacerda	O Bem Amado	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1964	Nicolai Gogol	Goulart Nogueira	O casamento	Aprovada	Teatro do Gerifalto
1964	Nornan Lebesque	Clara Joana e Carlos Cabral	A novidade	Aprovada com cortes	Associação Desportiva da EFACEC em Matosinhos
1964	Patrick Hamilton	Francisco Mata	A luz do gás	Aprovada com corte	RTP
1964	R. Audrey	César Augusto	Redoma humana	Aprovada	RTP
1964	Robert Anderson	Sérgio Guimarães	Chá e Simpatia	Reprovada	Empresa Vasco Morgado

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1964	Serafim e Joaquim	Virginia Vitorino	Oiro de lei	Desconhecido	Desconhecida
1964	Sergio Porthman	Herlander Peyroteo	Celimena	Aprovada	RTP
1964	Shakespeare	José Maria Martins	Romeu e Julieta	Aprovada	Sociedade de Instrução Tavadense
1964	Shakespeare	Luis de Sttau Monteiro	O amansar da fera	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1964	Shakespeare	Luíz Francisco Rebello	Dente por dente	Aprovada	Teatro Moderno de Lisboa
1964	Siegfried Gordon	José da Silva Ribeiro	Omara	Aprovada	Sociedade de Instrução Tavaradense
1964	Silvano Ambrogio	Glícinia Quartin	Os burrosáurios	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral do Porto
1964	Silvano Ambrogio	Glícinia Quartin	Os burrosáurios	Aprovada	RTP
1964	Temfik el Hakim	Norberto Ávila	Os cata-ventos	Reprovada	RTP
1964	Tristan Bernard e Max Maurey	Maria Ana Pereira da Silva	Um inimigo da Argentina	Aprovada	RTP
1964	William Shakespeare	Luís Cardim	A tragédia de Júlio César	Aprovada	Ateneu Comercial de Coimbra
1965	Alec e Mira Coppel	Armando Cortez e Artur Ramos	O coreto	Aprovada	Teatro Villaret
1965	Anton Tchekov	Alexandre Babo e Maria da Graça L. Costa	A gaivota	Aprovada com cortes	Academia de Santo Amaro em Lisboa

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1965	Anton Tchekov	Jorge Listopad	Ivan, o secretário	Aprovada	RTP
1965	Anton Tchekov	Luzia Maria Martins	O pomar das cerejeiras	Aprovada com cortes	Teatro Estúdio de Lisboa
1965	Arthur Miller	Jacob Muchnick	Panorama desde el puente	Aprovada com cortes	Companhia Espanhola de Comédia -Teatro del Arte
1965	Charles Dyer	Jacinto Aires	O encontro	Reprovada	Teatro Estúdio de Lisboa
1965	Cláudio de La Torre	Ricardo Alberty	A cana de pesca	Aprovada	RTP
1965	Clifford Odets	Orlando Neves	Desperta e canta	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1965	Constance Hodgkinson	Botelho da Silva	A casa vazia	Aprovada	RTP
1965	Curzio Malaparte	Amândio César	As mulheres também perderam a guerra	Reprovada	Empresa de António Manuel Couto Viana
1965	Doris Halman	Botelho da Silva	O cavalo de baloiço	Aprovada com um corte	RTP
1965	Eugène Labiche	Ricardo Alberty	A viagem do senhor Perrichon	Aprovada	RTP
1965	Fernando Angel Lozado	Marina Morais	A cidade não é para mim	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1965	Ferny Besson	Odete de Saint-Maurice	O riso de Pandora	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1965	George Axelrod	Mário Silva e Renato Alvim	Esses maridos	Aprovada com cortes	Comp. <sup>a</sup> Brasileira de Tonia Carrero no Teatro Monumental
1965	Gil Vicente	Leopoldo Araújo	Amadis de Gaula	Aprovada	RTP
1965	Giovanni Poli	Versão original	La Commedia degli zanni	Aprovada	Casa da Imprensa de Lisboa
1965	Harold Pinter	Maria Teresa Ataíde	Chá de aniversário	Reprovada	RTP
1965	Ives Peneau	Vírginia Mendes	Os dois primeiros prémios	Aprovada	RTP
1965	Jack Pullman	Botelho da Silva	Não se pode ter tudo	Aprovada	RTP
1965	Jacques Deval	Ricardo Alberty	A grande aventura	Aprovada com um corte	RTP
1965	James Eastwood	Correia Alves	O amigo imortal	Aprovada	RTP
1965	Jean - Jacques Bernard	Eurico Lisboa (Filho)	A estrada nacional nº 6	Aprovada	RTP
1965	Jean Anouilh	Jacinto Aires	Pobre Bitô	Aprovada com cortes	Teatro Estúdio de Lisboa
1965	Jean Anouilh	João Belchior Viegas	Encontro em Senlis	Reprovada	Empresa de António Manuel Couto Viana
1965	Jean Bernard Luc	Eduardo Boaventura	Ela, ele e os complexos	Aprovada com cortes	Teatro Estúdio de Lisboa
1965	Jean Marsus	Rui Pilar	O testamento diabólico	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1965	John O'Toole	Botelho da Silva	O limiar da descoberta	Aprovada	RTP
1965	John Osborn	José Palla e Carmo	O tempo e a ira	Reprovada	Teatro Villaret
1965	Leslie Stevens	Sérgio Guimarães	Lições de matrimónio	Aprovada com cortes	Teatro Variedades
1965	Lillian Helman	José Palla e Carmo	As raposas	Aprovada com cortes	Teatro Villaret
1965	Louis Verneuil	Raimundo Magalhães Júnior	Negócios do Estado	Aprovada	Compª Brasileira de Tonia Carrero no Teatro Monumental
1965	Luigi Pirandello	Mário Silva	Seis personagens à procura de um autor	Aprovada	Compª Tonia Carrero no Teatro Monumental
1965	Max Frich	Orlando Neves	A grande cólera de Phippe Hotz	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1965	Michel de Guelderod	José Sinde Filipe	A tenda da Carolina	Reprovada	Jacinto Ramos no Teatro Villaret
1965	Michel Gheldorod	Aníbal Machado	Os cegos	Aprovada com cortes	Clube de Pessoal FIRMA LEVER em Lisboa
1965	Molière	Leopoldo de Araújo	As velhacarias de Scapin	Aprovada	Grupo dos Modestos no Porto
1965	Neil Simon	Francisco Mata	A guerra do espanador ou O estranho casal	Aprovada com cortes	Teatro Villaret
1965	Neil Simon	Maria da Luz Biscaia	Descalços no parque	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1965	Noel Clarasó	Varela Silva	3º Esquerdo	Aprovada	RTP
1965	Oswald Dragun	Costa Ferreira	Histórias para serem contadas	Aprovada com um corte	Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa
1965	Pietro Metastosi	Manuel Lerenó	A menina do balcão e o poeta enamorado	Aprovada	RTP
1965	Pobert Pinget	José Sinde Filipe	Arquitruc	Reprovada	Jacinto Ramos no Teatro Villaret
1965	Sean O'Casey	Luíz Francisco Rebello	O Dispensário	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1965	Terence Frisby	Botelho da Silva	Culpado	Reprovada	RTP
1965	Terence Rattigan	Maria Luiza Martins	Mesas separadas	Aprovada com cortes	Empresa Fealmar no Teatro Vasco Santana
1965	Terence Rattigan	Tati Moraes	Um profundo mar azul	Aprovada com cortes	Compª Brasileira de Tonia Carrero no Teatro Monumental
1965	Wolfgang Borchert	Francisco Lopes Cipriano	Em frente da porta do lado de fora	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1965	Yves Jamiaque	Augusto Sobral	Os porquinhos da Índia	Reprovada	Teatro Moderno de Lisboa
1966	Albert Husson	Norberto Ávila	O sistema Fabrizzi	Aprovada com cortes	Empresa António Manuel Couto Viana
1966	Aldo Benedetti	Cunha Ferreira	Duas dúzias de rosas vermelhas	Aprovada	Compª Rey Colaço - Robles Monteiro

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1966	Aldo Benedetti	Cunha Ferreira	Duas dúzias de rosas vermelhas	Aprovada	RTP
1966	Alejandro Casona	Manuel Fragoso	A barca sem pescador	Desconhe-se a decisão	Desconhecido
1966	Alfonso Paso	Armando Cortez	Julgamento de um homem sem vergonha	Reprovada	Empresa Vasco Morgado
1966	Alfonso Sastre	Egito Gonçalves	O corvo	Aprovada	RTP
1966	André Jossset	Bandeira Duarte	Isabel de Inglaterra	Aprovada com cortes	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro
1966	António Gala	Manuel Bandeira	Os verdes campos do Éden	Aprovada com cortes	Centro Cultural e Recreativo dos Empregados e Operários da Sociedade Central de Cervejas
1966	Arcádio Averchenko	Carlos Barbeitos	Édipo Rei	Aprovada com um corte	Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa
1966	Beaumarchais	Mário Braga	O barbeiro de Sevilha	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	Calvosotelo	Miguel Alves	A triste viuvinha	Aprovada com cortes	RTP
1966	Charles Favart	Manuel Lerenó	Os dois lacaios	Aprovada	RTP
1966	Charles Favart	Manuel Lerenó	A hora do crepúsculo	Aprovada com cortes	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1966	Clifford Odets	João Belchior Viegas	Faca de dois gumes	Aprovada	Teatro Villaret pela Companhia Portuguesa de Comediantes
1966	Dan Brett	Manuel Lerenó	O colar de esmeraldas	Aprovada	RTP
1966	Edward Albee	Egito Gonçalves	A morte de Bessie Smith	Aprovada com cortes	CITAC
1966	Esquilo	A. Lobo Vilela	Coéforas	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	Eugène Ionesco	Alexandre Babo	Vítimas do dever	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	Eugène O'Neill	Henrique Galvão	Além do horizonte	Aprovada	Associação Recreativa "Os Plebeus Avintenses"
1966	Federico Garcia Lorca	Eugénio de Andrade	Amor de Dom Perlimplim com Belisa no seu jardim	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	Friedrich Durrenmatt	Irene de Issel e Jorge Macedo	A visita da velha senhora	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	Hans Christian Andersen	Jorge Filgueiras	A bola de fogo	Aprovada	RTP
1966	J.C.Bringuier A. Maheux	Sérgio Porthman	O último comboio da noite	Aprovada	RTP
1966	Jean Anouilh	Maria Vargas	O viajante sem bagagem	Aprovada	RTP
1966	Jean Cocteau	Carlos Oliveira	A voz humana	Reprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1966	John O'Toole	Botelho da Silva	O mundo maravilhoso de Tony Lockwood	Aprovada	RTP
1966	John Osborne	João Alves Falcato	O animador	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	John Osborne	José Palla e Carmo	O tempo e a ira	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	Karel Kapek	Lima de Freitas	RUR	Aprovada	RTP
1966	Keith Luger e Gil Albora	Paulo Franco	O estranho caso	Aprovada	RTP
1966	Ladislao Fodor	Miguel Alves	Amo uma actriz	Aprovada	RTP
1966	Lealon N. Jones	Maria Ana Pereira da Silva	Os sornas	Aprovada	RTP
1966	Leandro Fernandez Moratin	Manuel Lereño e Ruy Ferrão	Os sobrinhos da tia Paca	Aprovada com cortes	RTP
1966	Leon Tolstoi	Jacinto Aires	Guerra e Paz	Reprovada	Teatro Estúdio Lisboa
1966	Lester Powell	Botelho da Silva	Veneno à sua volta	Aprovada com cortes	RTP
1966	Lope de Vega	Saete Tavares	Fonteovelhuma	Aprovada	CITAC
1966	Luiz Fernandez de Sevilla e Rafael Sepúlveda	Ruy Ferrão	Madre Alegria	Aprovada com cortes	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1966	M. Delly	Joaquim Jesus Evangelista	O triunfo do amor	Aprovada	Rancho de Folclore Regional de Vila do Conde
1966	Michael Hardwick	Botelho da Silva	O natal de um civil na frente da batalha	Aprovada com cortes	RTP
1966	Miguel Mihura	Virgínia Mendes	A bela Doroteia	Aprovada	RTP
1966	Molière	Julieta Rita Oliveira Branco.	As preciosas ridículas	Aprovada	RTP
1966	Murray Schisgal	João Belchior Viegas	Amor às riscas	Reprovada	Teatro Villaret
1966	Nicolai Gogol	Virgínia Ramos	Diário de um louco	Aprovada com cortes	RTP
1966	Paul Claudel	Sophia de Mello Breyner Andresen	Anunciação a Maria	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	Paul Vandenberg	Paulo Renato	Cenas de ciúmes	Reprovada	RTP
1966	Peter Luke	Botelho da Silva	Ementa italiana	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	Peter Sellers	Herlânder Peyroteo	As aventuras de Kókó, Ranheta e Facada, os três da vida airada – o osso	Aprovada	RTP
1966	Peter Ustinov	Jacinto Alves	A família Sam	Aprovada com cortes	Teatro Estúdio de Lisboa
1966	Peter Ustinov	Rosa Lobato Faria	A mulher de roupaço	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1966	Philip Johnson	Maria Leonor Machado de Sousa	O que aconteceu ao senhor Twemlow	Aprovada com cortes	RTP
1966	Philippe Hériat	Natércia Freire	Apesar de tudo	Aprovada	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro
1966	Philippe Lavène	Botelho da Silva	A chamada da noite de natal	Aprovada	RTP
1966	Philippe Levens	Botelho da Silva	Pássaro na mão	Aprovada	RTP
1966	Sófocles	Agostinho da Silva	Rei Édipo	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1966	Terence Rattigan	Botelho da Silva	Alexandre Magno	Aprovada	RTP
1966	Terence Rattigan	Francisco Mata	O aniversário	Aprovada	Teatro Estúdio de Lisboa
1966	Valentin Kataiev	Marc- Gilbert Sauvajon	Je veux voir Mioussov!	Aprovada	Companhia Francesa “Galas Karsenty-Herbert” de Paris – no Teatro São Luís
1966	Wolfgang Hildsedheimer	S/Trad.	O atraso	Aprovada	Instituto de Cultura Alemã
1966	Yoram Matmor	F. de Sousa	Antes ser que parecer	Reprovada	RTP
1967	Adrien Decourelle	Odette de Saint-Maurice	Maria Duval	Aprovada	RTP
1967	Aristófanis	Joaquim Delgado	Os cavaleiros	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral no Porto

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1967	Arnold Wesker	Ernesto Sampaio	Raízes	Reprovada	Círculo de cultura Teatral no Porto
1967	August Strindberg	Óscar Lima Barbosa	A mais forte	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1967	August Strindberg	Ricardo Alberty	A dança da morte	Aprovada com cortes	Casa da Comédia
1967	August Strindberg	Ricardo Alberty	A dança da morte	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1967	Barillet e Gredy	Jerónimo Bragança	A flor do cacto	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1967	Bernardo Dovizi da Bibbiena	Gino Saviotti	A calândria	Reprovada	RTP
1967	Carl Zuckmayer	Horácio Gama Tavares	A luz fria	Aprovada com cortes	Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório de Lisboa
1967	Carlo Goldoni	Agostinho Domingos Rego da Silva	Mirandolina, a estalajadeira	Aprovada com cortes	Clube do Pessoal da FIRMA LEVER em Lisboa
1967	Carlo Goldoni	Fernando de Paços	A mania do veraneio	Aprovada	RTP
1967	Carlo Malevile	Manuel Lereno	Cristo	Aprovada	RTP
1967	Carlo Masoni	Orlando Neves	A rapariga e a sombra	Aprovada	Grupo Cénico dos Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa
1967	Donald Churchill	Maria Fernanda Pessoa	Às 4 em ponto	Aprovada com cortes	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1967	Donald Wilson	Botelho da Silva	Uma ação no tribunal	Aprovada	RTP
1967	Elsie Syme	Botelho da Silva	Epitáfio para um músico	Aprovada	RTP
1967	Eugène Ionesco	Ernesto Sampaio	O rei está a morrer	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1967	Eugène Ionesco	Luíza Neto Jorge	O Mestre	Aprovada com um corte	Círculo de Cultura Teatral do Algarve em Faro
1967	Eurípedes	Maria Helena Rocha Pereira	Medeia	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1967	Federico Garcia Lorca	A. M. Almeida, J. Peixoto, J. Strecht e Orlando Carvalho	Assim que passem cinco anos	Aprovada com cortes	Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra
1967	Fernando de Rojas	Lima Barreto	La Celestina	Reprovada	Carlos Avilez
1967	Garinei e Giovannini	Rosa Lobato Faria	Duas pernas...e um milhão	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1967	Garinei Giovaninni	Rosa Lobato Faria	O aniversário da tartaruga	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1967	Gil Vicente	Leopoldo de Araújo	Auto da Virgem Gloriosa	Aprovada	Empresa de António Manuel Couto Viana
1967	Gil Vicente	Leopoldo de Araújo	D. Duardos	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1967	Giulio Scarnalli e Renzo Tarabuzi	Jorge Guimarães e António Martins	O convidado profissional	Aprovada	Centro Cultural e Recreativo dos Empregados e Operários da Sociedade Central de Cervejas
1967	Harold Pinter	Artur Ramos e Jaime Salazar Sampaio	A festa de anos	Aprovada	Comp <sup>a</sup> Rey Colaço - Robles Monteiro
1967	Harold Pinter	Artur Ramos e Jaime Salazar Sampaio	A festa de anos	Aprovada	Teatro Experimental de Cascais
1967	Harold Pinter	João Vieira e Jacinto Ramos	O porteiro	Aprovada	Jacinto Ramos
1967	Henry Becque	Millor Fernandes	A mulher de todos nós	Reprovada	Empresa Vasco Morgado
1967	Hugh Leonard	Botelho da Silva	O segundo muro	Aprovada	RTP
1967	Ives Jamiaque	Mário Delgado.	D. Quixote	Aprovada com cortes	Teatro Experimental de Cascais
1967	Jacques Deval	Rosa Lobato Faria	O preto no branco	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1967	Jaime Armiñan	Francisco Mata	O último touro	Aprovada	RTP
1967	Jaime de Armiñan	Francisco Mata	Uma velha criada	Aprovada	RTP
1967	Jaime de Armiñan	Francisco Mata	A cigarra e a formiga	Aprovada com um corte	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1967	Janos Vaszary	Jorge de Sousa Costa	Um anjo de chapéu de palha	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1967	Keith Waterhouse e Willis Hall	Botelho da Silva	O mentiroso	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1967	Luigi Pirandello	Luiz Jacobety	Não se sabe como	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1967	Luigi Pirandello	Mário Delgado	Sonho, mas talvez...não	Aprovada	Casa da Comédia
1967	Maquiavel	Carlos Guimarães	A mandrágora	Reprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1967	Marcel Mithois	Rosa Lobato Faria	A viúva necessitada	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1967	Michel André	Armando Cortez	Deliciosamente louca	Aprovada com cortes	Teatro Villaret
1967	Murrai Schisgal	Pedro Pinheiro	O tigre	Desconhece-se a decisão	Joaquim José Pedro S. Pinheiro
1967	Murrai Schisgal	Pedro Pinheiro	Os dactilógrafos	Reprovada	Joaquim José Pedro S. Pinheiro
1967	Neil Kingsley	Botelho da Silva	O último dia de vida	Aprovada	RTP
1967	Paer Lagerkvist	Luíz Francisco Rebello	O túnel	Aprovada	Desconhecido
1967	Pedro Salinas	Virgínia Ramos	O desconhecido	Aprovada	RTP
1967	Robert Muller	Botelho da Silva	Uma paz fria	Reprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1967	Rosemary Timperley	Botelho da Silva	Não se ouvem passos em casa	Aprovada	RTP
1967	Salvatore di Giâcomo	Luís Andrade	Mês de Maria	Aprovada	RTP
1967	Samuel Beckett	Jaime Salazar Sampaio	Dias Felizes	Aprovada	Casa da Comédia
1967	Sófocles	Padre Dias Palmeira	Rei Édipo	Aprovada	Academia do Liceu Nacional de Bragança
1967	Soror Mariana Alcoforado	Manuel Machado	Cartas de amor	Aprovada	Casa da Comédia
1967	Terêncio	Leopoldo Araújo	Formion	Reprovada	RTP
1967	Thornton Wilder	Luzia Maria Martins	A nossa cidade	Aprovada	Teatro Estúdio de Lisboa
1967	Tune Brulin	Carmen Gonzalez	O olho de giz	Aprovada com cortes	Teatro Experimental do Porto
1967	William Saroyan	Maria Eduarda Pimenta	Eh lá fora	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1967	Zuleika Mello	Gennaro Lama	A casaca	Aprovada	Desconhecido
1968	Abelardo Estorino	Francisco Cary e Luís Mattoso	As mangas de Caim	Reprovada	Associação de Estudantes de Agronomia
1968	Adrian Swallow	Botelho da Silva	Cuidado com o amanhã	Reprovada	RTP
1968	Agustin Moreto y Cabâna	Leopoldo Araújo	O lindo D. Diego	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1968	Alejandro Casona	Norberto Lopes	As três perfeitas casadas	Aprovada	Compª Rey Colaço –Robles Monteiro
1968	Alexandre Dumas	Jorge Filgueiras	A conspiração do amor	Aprovada com cortes	RTP
1968	Alexandre Puchkin	Jorge Filgueiras	A dama de espadas	Aprovada com um corte	RTP
1968	Alfred de Musset	Eduardo Jacques	Fantasio	Aprovada	RTP
1968	André Roussin	Olavo d'Eça Leal	A locomotiva	Reprovada	Compª Rey Colaço –Robles Monteiro
1968	António Vallejo	Egito Gonçalves	Cartas na mesa	Aprovada com cortes	Teatro Variedades
1968	Arnold Wesker	José Palla e Carmo	As quatro estações	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1968	Arnold Wesker	Valentina Trigo de Sousa	A cozinha	Reprovada	Teatro Estúdio de Lisboa
1968	Arthur Atkin	Armando Sampaio Ramos	O espião que saiu da Escola	Aprovada com cortes	Teatro Villaret
1968	Arthur S. Samuels	Botelho da Silva	Tempo de amanhã	Reprovada	RTP
1968	August Strindberg	S/Trad.	A Menina Júlia	Aprovada	Centro Cultural e Recreativo dos Empregados e Operários da Sociedade Central de Cervejas
1968	Barillet e Grady	Costa Ferreira	Agarra que é milionário	Aprovada com cortes	Teatro Villaret

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1968	Barillet e Gredy	Jerónimo Bragança	Quarenta quilates	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1968	Beaumarchais	Mário Braga	O barbeiro de Sevilha	Aprovada com cortes	Casa da Imprensa em Lisboa pela C <sup>a</sup> de Jean Davy
1968	Carlo Goldoni	Jorge de Sousa Costa	As aventuras de veraneio	Reprovada	RTP
1968	Carlo Terron	Luiza Neto	A viúva negra	Aprovada	Luiza Neto
1968	Charles Cohen	Botelho da Silva	Branca sai esta noite	Aprovada	RTP
1968	Claude Chauvière	Mário Delgado	O filho de Aquiles	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1968	Denis Constanduros	Botelho da Silva	Uma mulher formidável	Aprovada	RTP
1968	Eugène Ionesco	Américo Martins e Jorge Guimarães	Lacuna	Aprovada	Centro Cultural e Recreativo dos Empregados e Operários da Sociedade Central de Cervejas em Lisboa
1968	Eugène Ionesco	Luiza Neto Jorge	O novo inquilino	Aprovada	Clube de Pessoal da FIRMA LEVER em Lisboa
1968	Eugène Labiche	Mário Delgado	Os trinta milhões do americano	Aprovada com cortes	Companhia Teatro Alegre de Lisboa
1968	Eugène Labiche	Ricardo Alberty	Os dois tímidos	Aprovada	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1968	Eugene Scribe	Ruy Furtado	Os independentes	Aprovada	RTP
1968	Eurípedes	Luís Loyce	Medeia XX	Reprovada	RTP
1968	Gaby Bruyère	Juscelino Kubitschek	Esses conquistadores	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1968	Guillen de Castro	Correia Alves	A juventude de Cid	Aprovada	RTP
1968	Heinrich von Kleist	Goulart Nogueira	A bilha partida	Aprovada	Oficina de Teatro dos Estudantes de Coimbra
1968	J. M. Synge	Egito Gonçalves	O valentão do mundo ocidental	Reprovada	Colégio Universitário Nun`Álvares em Tomar
1968	Jaime Armiñan	Santos Carvalho	O marido da vedeta	Aprovada	RTP
1968	James Saunders	José Palla e Carmo	Da próxima vez digo-te por música	Aprovada com cortes	Grupo 4
1968	Jean Giradoux	Fernando Luso Soares	A louca de Chaillot	Aprovada com cortes	Teatro Estúdio de Lisboa
1968	Jean Vicary	António Amadis	O pássaro na gaiola – Nova versão	Aprovada com cortes	RTP
1968	Jean Vicary	António Amadis	O pássaro na gaiola	Reprovada	RTP
1968	John Arden	Madalena Ralha	Da arte de bem governar	Aprovada com cortes	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1968	John Osborne	José Palla e Carmo	O tempo e a ira	Aprovada com cortes	Teatro Experimental de Cascais

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1968	John Synge	Dinis Jacinto	A sombra da ravina	Aprovada	Centro de Desporto, Cultura e Recreio do Pessoal dos CTT, no Porto
1968	Jorge Diaz	Marília Santamarina	O barco na garrafa	Reprovada	Associação de Pessoal do Laboratório Nacional de Engenharia Civil
1968	Juan Del Encina	Mário Salvador	Plácida e Victoriano	Aprovada com um corte	RTP
1968	Luigi Pirandello	Fernanda de Castro	A volúpia da honra	Aprovada	Compª Rey Colaço –Robles Monteiro
1968	Molière	Manuel Soveral	O médico a pesar-dele	Aprovada com um corte	Oficina de Teatro dos Estudantes de Coimbra.
1968	Peter J. Hammond	Botelho da Silva	O espelho grande da vida	Aprovada com cortes	RTP
1968	Pierrete Bruno	Rosa Lobato Faria	Pepsie	Aprovada com cortes	Teatro Laura Alves
1968	Pierrette Caillol	Eugénio Alberto de Sousa Campos	O homem que se calava	Aprovada	Desconhecida
1968	Reginald Rose	Virgínia Ramos	12 homens em fúria	Aprovada	Jacinto Ramos
1968	Ricardo Talesnick	Maria Penalva	A Preguiça	Aprovada com cortes	Teatro Villaret
1968	Shakespeare	Norberto Ávila	Othelo	Aprovada com cortes	RTP
1968	Sidney Grundy	Gloria Maltas	Um par de óculos	Aprovada com cortes	RTP

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1968	Ted Willis	Luzia Maria Martins	Noite de Verão	Aprovada com cortes	Teatro Estúdio de Lisboa
1968	Terence Frisby	Botelho da Silva	Caiu-me uma rapariga na sopa	Aprovada com cortes	Empresa Vasco Morgado
1968	Thierry Maulnier	Julieta e Jorge Listopad	O processo de Joana d` Arc	Aprovada	RTP
1968	Úrsula Moray-Williams	Maria Luiza Correia e Júlia Vasconcelos	A história de uma árvore de Natal	Aprovada	Clube BP em Lisboa
1968	Victor Ruiz Iriarte	Santos Carvalho	Vésperas de casamento	Aprovada	RTP
1968	Vittorio Calvino	Abel Amaral	A torre e o galinheiro	Aprovada	Compª do Teatro Popular no Teatro da Trindade
1968	Wolfgang Hildsheimer	Maria Manuel e Karl Heinz Delile	Helena, a vítima	Aprovada com cortes	Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra
1969	Adolf G. Schwarzlein	José Osório	O respiradouro	Reprovada	Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa
1969	Armando Mook	Geysa Boscoli e Amadeu do Vale.	De braço dado	Aprovada com cortes	Desconhecida
1969	August Strindberg	António Tinoco e Manuel Sobral	A sonata dos espectros	Aprovada com um corte	Oficina de Teatro dos Estudantes de Coimbra.
1969	Barillet & Gredy	António Alves	Quarenta quilates	Aprovada	Compª Rey Colaço -Robles Monteiro
1969	Barillet e Grédy	Pinto Gonçalves	Milionários sem vintém	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1969	Charles Dyer	Marina Morais	A cegarrega	Aprovada	Empresa Vasco Morgado

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1969	Corneille	Leopoldo de Araújo	O Cid	Aprovada	RTP
1969	Curzio Malaparte	Amândio César	As mulheres também perderam a guerra	Aprovada	Igrejas Caeiro
1969	Élie Georges Berreby	Jaime Valverde	Jonas	Aprovada com cortes	Desconhecida
1969	Eugène Labiche	Sérgio Porthman	Cavalheiro respeitável precisa-se ou Bisca lambida	Aprovada.	RTP
1969	Eurípedes	Mário Delgado	As troianas	Aprovada	Grupo de Teatro dos Alunos da Faculdade e Letras de Lisboa
1969	Fernando Arrabal	António Barahona da Fonseca	A oração	Aprovada	Teatro Experimental de Cascais
1969	Fernando Arrabal	Norberto Barroca	Fando & Lys	Aprovada	Norberto Barroca
1969	Friedrich Durrenmatt	Pedro Lemos	O processo da sombra de um burro	Aprovada	Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório de Lisboa
1969	George Sand	Alice Ogando	O Marquês de Villemer	Aprovada	RTP
1969	Gil Vicente	LuízFrancisco Rebello	As três barcas	Aprovada	RTP
1969	Honoré de Balzac	Jorge Filgueiras	O pacto	Aprovada	RTP
1969	Jack Gelber	Mário Delgado	A maçã	Aprovada com cortes	Teatro Gil Vicente em Cascais

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO Á CENSURA
1969	Jacques Deval	Maria Antonieta di Giovanni	Tovaritch	Aprovada com cortes	RTP
1969	Jean Marsus	Rui Pilar	Uma lufada de ar puro	Aprovada	RTP
1969	Jules Renard	Virgínia Ramos	Cabeça de cenoura	Aprovada	RTP
1969	Luigi Pirandello	Emília Duque	O pote	Aprovada	RTP
1969	Max Frisch	Ilse Losa e Manuela Delgado	Andorra	Reprovada	Teatro Moderno de Lisboa
1969	Michael Brett	Botelho da Silva	Logo ia acontecer de madrugada	Aprovada	Empresa Vasco Morgado
1969	Murray Schisgal	João Belchior Viegas	Amor às riscas	Aprovada com cortes	Teatro Villaret
1969	Nicolau Gogol	António Mouzinho	A peliça	Aprovada	Círculo de Cultura Teatral no Porto
1969	Paul Ableman	Júlio Henriques	Está morta	Aprovada	Círculo de Teatro de Aveiro
1969	Paul Claudel	António Tinoco de Almeida e José Carlos Seabra Pereira	O livro de Cristóvão Colombo	Aprovada com cortes	Oficina de Teatro dos Estudantes de Coimbra.
1969	Plauto	S/Trad.	Aulularia	Aprovada com cortes	Mocidade Portuguesa Feminina
1969	Rafael C. Bertran	Ana Azevedo	A gata assanhada	Aprovada com cortes	Ana Azevedo

DATA	AUTOR	TRADUTOR	TÍTULO TRADUZIDO	DECISÃO DA CENSURA	ENTIDADE APRESENTADORA DO PEDIDO À CENSURA
1969	Ray Cooney e John Chapman	Marina Morais	O vison voador	Aprovada com cortes	Teatro Villaret
1969	Slawomir Mrozek	Fernando Fragoso	Tango	Aprovada	Compª Rey Colaço-Robles Monteiro
1969	Slawomir Mrozek	Jaime Salazar Sampaio	A casa fronteira	Aprovada	RTP
1969	Tennessee Williams	Edurisa Filho	A descida de Orfeu	Aprovada	Teatro Experimental de Cascais
1969	Victor Ruiz Iriarte	Eduriza Filho	Tenho um milhão	Aprovada com cortes	Grupo Teatral Freamundense, em Paços de Ferreira
1969	William Gibson	José Palla e Carmo	Dois num balouço	Aprovada com cortes	Sociedade Artística “Somos Dois”, em Paço de Arcos

### **ANEXO 3 – TABELA DAS PEÇAS TRADUZIDAS**

## PEÇAS TRADUZIDAS

A 3200 metros de altitude	A castelã de Shentone	A experiência do Dr. Heidegger
A águia de duas peças	A cegarrega	A família Sam
A alma boa de Setsuan	A chamada da noite de natal	A farsa de Mestre Pathelin
A aparição	A chamada de toda a gente	A farsa do rapaz que casou com uma mulher brava
A aposta	A cidade não é para mim	A festa de anos
A arca de Davy Jones	A cigarra e a formiga	A flor do cacto
A barca sem pescador	A colónia	A gaivota
A bela Doroteia	A comédia do homem que casou com uma mulher muda	A gata assanhada
A bilha partida	A comédia nova do café	A gloria de ser representado
A boda	A Condessa	A Gramática
A bola de fogo	A confusão de um jardim	A grande aventura
A bolsa	A conspiração do amor	A grande cólera de Phippe Hotz
A briga entre os dois Ivans	A Cornada	A grande raiva de Filipe Hotz
A calândria	A cova de Salamanca	A grande roda
A cana de pesca	A cozinha	A grande viagem
A cantora careca	A dama de espadas	A guerra do espanador ou O estranho casal
A carta perdida	A dança da morte	A história de uma árvore de Natal
A casa à beira do cais	A declaração de imposto	A hora do crepúsculo
A casa fronteira	A descida de Orfeu	A Irene ou o tesouro
A casa vazia	A descoberta do novo mundo	A juventude de Cid
A casaca	A dor e a fúria	A ladradora e o autómato

## PEÇAS TRADUZIDAS

A casca de banana	A estrada nacional nº 6	A lição
A linha da sorte	A oração	A Vingança
A locandeira	A pata do macaco	A visita da velha senhora
A locomotiva	A peliça	A viúva necessitada
A louca de Chaillot	A peliça do castor	A viúva negra
A luz do gás	A praça de Berkeley	A volúpia da honra
A luz fria	A Preguiça	A voz humana
A maçã	A primeira família	Acto sem palavras
A mais forte	A rapariga e a sombra	Adorável mentiroso
A mandrágora	A renda vitalícia	Agarra que é milionário
A mania do veraneio	A sentença final	Alegre São João
A máquina de rejuvenescer	A sombra da ravina	Além do horizonte
A menina do balcão e o poeta enamorado	A sombra da ravina	Alexandre Magno
A Menina Júlia	A sonata dos espectros	Algemas
A moeda de ouro	A tenda da Carolina	Almoço para dois
A mordaza	A terra que o coração deseja	Amadis de Gaula
A morte de Bessie Smith	A tia de Charley	Amico di Sandro
A mulher de roupão	A torre e o galinheiro	Amo uma actriz
A mulher de todos nós	A tragédia de Júlio César	Amor às riscas
A noiva da Costa Azul	A triste viúvinha	Amor de Dom Perlimplim com Belisa no seu jardim
A nossa cidade	A última gravação	Andorra

## PEÇAS TRADUZIDAS

A nova vaga	A viagem do senhor Perrichon	Antes ser que parecer
A novidade	A vida continua	Anunciação a Maria
Apesar de tudo	Assim que passem cinco anos	César e Cleopatra
Arlequim, Servidor de Dois Amos	Aulularia	Chá de aniversário
Arquitruc	Auto da Virgem Gloriosa	Chá e Simpatia
Às 4 em ponto	Blaise ou a criada modelo	Chocolate à Espanhola
As alegres comadres de Windsor	Bobosse ou KI-KI	Cinderella
As aventuras de Kókó, Ranheta e Facada, os três da vida airada – o osso	Bom coração de criado	Cocktail party
As aventuras de veraneio	Branca sai esta noite	Coéforas
As cobaias	Bridge e Judo	Comunicado Especial
As mangas de Caim	Cabeça de cenoura	Conversação Sinfonieta
As mulheres de bom humor	Caiu do Céu uma noiva	Coração não batas mais
As mulheres também perderam a guerra	Caiu-me uma rapariga na sopa	Crainquebille
As preciosas ridículas	Canção de amor	Credores
As quatro estações	Candida	Crime Perfeito
As raposas	Carmogina	Cristo
As solteironas dos chapéus verdes	Cartas de amor	Cucurucucu
As tetas de Tirésias	Cartas na mesa	Cuidado com o amanhã
As três barcas	Caruncho	Culpado
As três perfeitas casadas	Casualidade perigosa	Curioso acidente
As três verdades	Cathleen Nivhoulihan	Cyrano de Bergerac

## PEÇAS TRADUZIDAS

As troianas	Cavalheiro respeitável precisa-se ou Bisca lambida	D. Duardos
As velhacarias de Scapin	Celimena	D. Quixote
Ascensão de Joaninha	Cenas de ciúmes	Da arte de bem governar
Da próxima vez digo-te por música	Dom Gil vestido de verde	Esses maridos
De braço dado	Doze homens em fúria	Está morta
Deixa que os cães ladrem	Duas dúzias de rosas vermelhas	Eu não sou eu
Deliciosamente louca	Duas pernas...e um milhão	Eu sou Napoleão
Dente por dente	E quando ela se despiu ...	Faca de dois gumes
Descalços no parque	É verdade mas podem não acreditar	Fando & Lys
Desejo sob os ulmeiros	Édipo Rei	Fantasio
Desespero	Eh lá fora	Fatalidade
Desperta e canta	Ela, ele e os complexos	Fechados na floresta
Desta água não beberei	Em frente da porta do lado de fora	Felizardo
Dez reis de sonho	Ementa italiana	Ferida do tempo
Diabinho de saias	Encontraram-se num domingo	Filhoses para o jantar
Diálogo com a morte	Encontro em Senlis	Flausino, homem de letras
Diana e o esqueleto	Entardecer	Fonteovelhuma
Diana, uma rapariga endiabrada	Entre bobos anda o jogo	Fora da porta
Diário de um louco	Entre dois amores	Formion
Dias Felizes	Entre marido e mulher:::...	Frenesi
Digno de ser contado	Epitáfio para um músico	Gorgónio

## PEÇAS TRADUZIDAS

Dispensa de recolher	Escola de mulheres	Guerra e Paz
Do alto da ponte	Escreve-me	Harpa de ervas
Dois corações na balança	Espalhando notícias	Helena, a vítima
Dois num balouço	Esses conquistadores	História Proibida
Humilhados e Ofendidos	Madrugada	Negócios do Estado
Intimidade	Mãe sublime	Nocturno de Chopin
Iom -Kipur	Maria Duval	Noite de Gala
Isabel de Inglaterra	Maribel e a estranha família	Noite de Verão
Ivan, o secretário	Mário	Nos bastidores
Jazz	Mary Mary	Num mundo diferente
Je veux voir Mioussov!	Medeia	Nunca se sabe
Jonas	Medeia XX	O amansar da fera
Jorge Dandino	Médico à Força	O amigo imortal
Julgamento de um homem sem vergonha	Mês de Maria	O animador
La Celestina	Mesa posta para dois	O aniversário
La Commedia degli zanni	Mesas separadas	O aniversário da tartaruga
Lacuna	Mexericos ou o reino das mulheres	O Apolo de Bellac
Laranjas da Sicília	Milagre em Alabama ou o Milagre de Ann Sullivan	O atraso
Li Sing	Milionários sem vintém	O avançado-centro morreu ao amanhecer
Lições de matrimónio	Mirandolina, a estalajadeira	O avarento
Limpeza geral	Mulheres feias	O Baile dos Ladrões

## PEÇAS TRADUZIDAS

Logo ia acontecer de madrugada	Não andes assim toda nua	O barão
Loucuras do Papá e da Mamã	Não se ouvem passos em casa	O barbeiro de Sevilha
Luta contra a noite	Não se pode ter tudo	O barco na garrafa
Madame Lambrósio	Não se sabe como	O Bem Amado
Madre Alegria	Natal na praça	O bosque
O brasileiro	O diploma	O Jogo das damas ou Empresta-me o teu apartamento
O burguês fidalgo	O Dispensário	O jogo das trapações
O carrancudo bondoso	O duelo	O laço da casaca
O casamento	O encontro	O legado
O casamento do senhor Mississippi	O Escurial	O leque
O caso de Bengival	O espelho grande da vida	O limiar da descoberta
O caso do senhor vestido de violeta	O espião que saiu da Escola	O lindo D. Diego
O cavalo de baloiço	O estranho caso	O livro de Cristóvão Colombo
O Cid	O filho de Aquiles	O marido da vedeta
O ciúme de Barbouillé	O fugitivo de uma noite	O Marquês de Villemer
O colar de esmeraldas	O gorgulho	O médico a pesar- dele
O consentimento de Sammy	O grande amor	O menino e a lua
O convidado profissional	O guiché	O mentiroso
O copo de água	O holandês errante	O mercador de Veneza
O copo de vinho branco	O homem e as armas	O Mestre
O coreto	O homem multiplicado	O mistério da Paixão

## PEÇAS TRADUZIDAS

O corvo	O homem que se calava	O mundo maravilhoso de Tony Lockwood
O criado dos dois amos	O homem que sonhou que via	O natal de um civil na frente da batalha
O depósito de sombras	O homem, a besta e a virtude	O novo inquilino
O desconhecido	O ilustre Gaudissart	O olho de giz
O destino de um homem	O inspector visitante	O pacto
O diabo é um anjinho	O jantar de Davi Jones	O Pai
O passageiro das 8 e 8	O saudoso defunto	O viajante e o amor
O pássaro na gaiola	O sedutor	O viajante sem bagagem
O pássaro na gaiola – Nova versão	O segredo bem guardado	O vison voador
O passeio de domingo	O segredo de um homem gordo	Oiro de lei
O pecado mora ao lado	O segundo muro	Oito cavalos, quatro cilindros e trutas... nem uma
O pomar das cerejeiras	O senhor do destino	Oito mulheres
O Porteiro	O sim das raparigas	Óleo
O pote	O sistema Fabrizzi	Omara
O preto no branco	O sol de Nápoles e a 7ª arte	Ópera, Ópera
O Príncipe de Hamburgo	O sorriso de Gioconda	Oração
O príncipe feliz	O tempo e a ira	Os Ausentes
O Prisioneiro	O Terceiro Esquerdo	Os burrosáurios
O processo da sombra de um burro	O testamento diabólico	Os cata-ventos
O processo de Joana d`Arc	O tigre	Os cavaleiros
O professor Taranne	O tinteiro	Os cegos

## PEÇAS TRADUZIDAS

O que aconteceu ao senhor Twemlow	O tio Vânia	Os construtores de um império ou Schmurz
O rei está a morrer	O triunfo do amor	Os convidados
O respeitável senhor e os seus hóspedes	O túnel	Os dactilógrafos
O respiradouro	O último comboio da noite	Os direitos da mulher
O retábulo da peste	O último dia de vida	Os dois lacaios
O riso de Pandora	O último touro	Os dois primeiros prémios
O rosário	O valentão do mundo ocidental	Os dois tímidos
Os esfomeados	Pobre Bitô	Sabe pregar pregos?
Os fantasmas	Por causa do Lulu	Saudades de Berta
Os independentes	Por medida	Seis personagens à procura de um autor
Os jogadores	Primeira etapa: Salamanca	Sereia
Os Justos	Primerose	Sinfonia Inacabada
Os Menechmes	Privilégio de ser mulher	Sonho, mas talvez... não
Os olhos mais lindos do mundo	Prometeu agrilhado	Tango
Os pais terríveis	Purgatório de casados	Teatro nos bastidores
Os porquinhos da Índia	Qualcuno tra voi	Tempestade
Os revoltados do Caine	Quanto importa ser leal	Tempo de amanhã
Os sobrinhos da tia Paca	Quarenta mil desaparecidos	Tenho um milhão
Os sornas	Quarenta quilates	Tentação
Os trinta milhões do americano	Quarteto para Paulina	Tentativa de reconciliação
Os verdes campos do Éden	Raízes	Teresa Pascal

**PEÇAS TRADUZIDAS**

Othelo	Redoma humana	Three´s Company
Panorama desde el puente	Regresso à Natureza	Topaze
Páscoa	Rei Édipo	Torre de Babel
Pássaro na mão	Renda Vitalícia	Tovaritch
Pepsie	Resposta inútil	Trágico à força
Pintura na madeira	Roberto e Mariana	Um anjo de chapéu de palha
Piquenique	Romeu e Julieta	Um caso sem importância
Plácida e Victoriano	RUR	Um certo senhor Smorzick
Um eléctrico chamado desejo	Uma estrangeira na ilha	Velho amigo Barata
Um inimigo da Argentina	Uma lufada de ar puro	Veneno à sua volta
Um ladrão honesto	Uma luz na escuridão	Vésperas de casamento
Um mês no campo	Uma mulher formidável	Viagem a Biarritz
Um par de óculos	Uma paz fria	Vítimas do dever
Um profundo mar azul	Uma porta deve estar aberta ou fechada	Volpone
Uma acção no tribunal	Uma rapariga para atravessar o oceano	Vou sair
Uma admirável decisão	Uma senhora da província	Zaragatas
Uma carta de amor de Lord Byron	Uma velha criada	

**ANEXO 4 – TABELA DOS TRADUTORES**

<b>TRADUTOR</b>	<b>ENTIDADE REQUERENTE</b>
A. Lobo Vilela	Teatro Experimental do Porto
A. M. Almeida, J. Peixoto, J. Strecht e Orlando Carvalho	Teatro Universitário- CITAC
A. Sampaio Garrido	RTP
Agostinho da Silva	Teatro Experimental do Porto
Alexandra Maria	RTP
Alexandre Babo	Teatro Experimental do Porto
Alice Ogando	RTP
Alina Guerreiro	RTP
Amândio César	Empresa António Manuel Couto Viana
Américo Martins e Jorge Guimarães	Associação de Operários e Empregados da Fábrica da Cerveja
Ana Luisa	RTP
Ana Paula Quintela	Teatro Universitário - TEUC
Andrade e Silva	RTP
Aníbal Anjos	Teatro de Ensaio de Lisboa
Aníbal Machado	Associação de Empregados da FIRMA LEVER
Anísio Rosa	RTP
António Alves	Comp <sup>a</sup> Amélia Rey Colaço
António Amadis	RTP
António Barahona da Fonseca	Teatro Experimental de Cascais
António Botelho	RTP
António José Forjaz	Teatro Moderno de Lisboa, RTP
António Malaquias de Lemos e Maria Rosa Colaço	Teatro Universitário – Cénico de Direito
António Mouzinho	Teatro Experimental do Porto
António Pedro	Teatro Experimental do Porto
Antonio Quadros	Comp <sup>a</sup> Amélia Rey Colaço; Grupo Cénico Caldense
António Tinoco de Almeida e José Carlos Seabra Pereira	Teatro Universitário- Oficina de Teatro dos Estudantes de Coimbra
Armando Bacelar	Teatro Experimental do Porto
Armando Cortez	Teatro Moderno de Lisboa, Empresa Vasco Morgado, Villaret
Armando Sampaio Ramos	Villaret

<b>TRADUTOR</b>	<b>ENTIDADE REQUERENTE</b>
<b>Armando Vieira Pinto</b>	<b>RTP</b>
<b>Artur Ramos</b>	<b>Sociedade Guilherme Coussul; Villaret; Teatro Experimental de Cascais; Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>Augusto Sobral</b>	<b>Teatro Moderno de Lisboa</b>
<b>Aurélio Loureiro dos Santos</b>	<b>RTP</b>
<b>Bandeira Duarte</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>Becket da Assunção</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>Bernardo Santareno</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>Botelho da Silva</b>	<b>Teatro Experimental do Porto, Empresa Vasco Morgado, RTP</b>
<b>Brício de Abreu</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço, Comp<sup>a</sup> André Villon</b>
<b>Cardoso Lemos</b>	<b>Grupo de Teatro dos Empregados de Escritório de Lisboa</b>
<b>Carlos Barbeitos</b>	<b>Teatro Universitário - Cénico de Direito</b>
<b>Carlos Barroso</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Carlos Brant</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>Carlos de Sampaio Garrido</b>	<b>RTP</b>
<b>Carlos Figueiredo M. Silva</b>	<b>RTP</b>
<b>Carlos Gouveia Pinto</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>Carlos Guimarães</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Carlos Lacerda</b>	<b>Empresa Vasco Morgado</b>
<b>Carlos Meleiro</b>	<b>RTP</b>
<b>Carlos de Oliveira</b>	<b>Maria Barroso- Teatro S. Luis</b>
<b>Carlos Wallenstein</b>	<b>RTP</b>
<b>Carmen Gonzalez</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>César Augusto</b>	<b>RTP</b>
<b>Clara Joana e Carlos Cabral</b>	<b>Grupo de Trabalhadores da EFACEC</b>
<b>Correia Alves</b>	<b>Teatro Experimental do Porto; RTP</b>
<b>Costa Ferreira</b>	<b>RTP; Teatro Moderno de Lisboa; Vilarret</b>
<b>Cunha Ferreira</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>Dinis Jacinto</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Domingos Ramos</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Eduardo Azinhais</b>	<b>RTP</b>

<b>TRADUTOR</b>	<b>ENTIDADE REQUERENTE</b>
<b>Eduardo Boaventura</b>	<b>Teatro Estúdio de Lisboa</b>
<b>Eduardo Jacques</b>	<b>RTP</b>
<b>Eduardo Scarlatti</b>	<b>RTP</b>
<b>Edurisa Filho</b>	<b>Teatro Experimental de Cascais; Colectividade Freamundense</b>
<b>Egito Gonçalves</b>	<b>Teatro Experimental do Porto; Teatro Moderno de Lisboa; Teatro Universitário - CITAC; Grupo de Mérito Avintense</b>
<b>Ema Paul</b>	<b>RTP</b>
<b>Emília Duque</b>	<b>RTP</b>
<b>Ernesto Sampaio</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Eugénio de Andrade</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Eurico Lisboa (Filho)</b>	<b>RTP</b>
<b>F. de Sousa</b>	<b>RTP</b>
<b>Fernanda de Castro</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>Fernando Almeida Jardim</b>	<b>Teatro Universitário – Cénico de Direito</b>
<b>Fernando de Paços</b>	<b>RTP</b>
<b>Fernando Fragoso</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>Fernando Guedes</b>	<b>Empresa António Manuel Couto Viana</b>
<b>Fernando Luso Soares</b>	<b>Teatro Estúdio de Lisboa</b>
<b>Fernando Seabra</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Flávio Ferreira</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Francisco Cary</b>	<b>Teatro Universitário - Associação de Estudantes da Faculdade de Agronomia</b>
<b>Francisco Lopes Cipriano TEP</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Francisco Mata</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço; RTP; Teatro Estúdio de Lisboa; Villaret</b>
<b>Francisco Nicholson</b>	<b>Empresa António Manuel Couto Viana</b>
<b>Henrique Santana</b>	<b>Teatro Variedades</b>
<b>Fred Coe</b>	<b>Empresa Vasco Morgado</b>
<b>Galhardo Santana</b>	<b>RTP</b>
<b>Geir Campos e António Bulhões</b>	<b>Teatro Popular D´Arte do Brasil</b>
<b>Gil César</b>	<b>Teatro de Algibeira</b>
<b>Gino Saviotti</b>	<b>RTP</b>
<b>Glúcinia Quartín</b>	<b>Teatro Experimental do Porto; RTP</b>

<b>TRADUTOR</b>	<b>ENTIDADE REQUERENTE</b>
<b>Gloria Maltas</b>	<b>RTP</b>
<b>Goulart Correia</b>	<b>Teatro do Gerifalto; Empresa António Manuel Couto Viana; RTP</b>
<b>Guedes de Oliveira</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Henrique Galvão</b>	<b>Associação Recreativa” Os plebeus Avintenses”</b>
<b>Henrique Pongetti</b>	<b>Teatro Variedades</b>
<b>Herlander Peyroteo</b>	<b>RTP</b>
<b>Horácio Gama Tavares</b>	<b>Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório de Lisboa</b>
<b>Ilse Losa</b>	<b>Teatro Moderno de Lisboa</b>
<b>Irene de Issel</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Jacinto Aires</b>	<b>Teatro Estúdio de Lisboa</b>
<b>Jacob Muchnick</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Espanhola Teatro Del Arte</b>
<b>Jaime Salazar Sampaio</b>	<b>RTP</b>
<b>Jerónimo Bragança</b>	<b>Empresa Vasco Morgado</b>
<b>João Alves Falcato</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>João António Oliveira</b>	<b>RTP</b>
<b>João Belchior Viegas</b>	<b>Empresa António Manuel Couto Viana; Villaret</b>
<b>João Sarabando</b>	<b>Teatro de Ensaio de Lisboa</b>
<b>Jacinto Ramos</b>	<b>Villaret; Teatro Novo</b>
<b>Joaquim Delgado</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Jorge de Sampaio</b>	<b>Círculo de Arte e Recreio e Guimarães; Grupo Cultural e Recreativo Nuno Álvares em Fafe</b>
<b>Jorge de Sena</b>	<b>Não identificada</b>
<b>Jorge de Sousa (pseudónimo de Henrique Santana)</b>	<b>Empresa Vasco Morgado; RTP</b>
<b>Jorge Filgueiras</b>	<b>RTP</b>
<b>Jorge Guimarães</b>	<b>Centro Cultural e Recreativo dos Empregados e Operários da Fábrica da Cerveja</b>
<b>Jorge Listopad</b>	<b>RTP</b>
<b>José Andrade</b>	<b>Teatro Avenida</b>
<b>José Baptista rtp</b>	<b>RTP</b>
<b>José da Silva Ribeiro</b>	<b>Sociedade de Instrução Tavaradense</b>
<b>José Galhardo (Filho)</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>

<b>TRADUTOR</b>	<b>ENTIDADE REQUERENTE</b>
José Maria Martins	Sociedade de Instrução Tavaradense
José Monteiro	RTP
José Osório	Teatro Universitário – Cénico de Direito
José Palla e Carmo	Teatro Experimental do Porto; Comp <sup>a</sup> Amélia Rey Colaço; Teatro Experimental de Cascais; Grupo 4; Villaret; RTP
José Sinde Filipe	Villaret
Júlio Gesta	Teatro Experimental do Porto
Júlio Henriques	Círculo de Teatro de Aveiro
Juscelino Kubitschek	Empresa Vasco Morgado
Kath Brudt e Norberto Ávila	Teatro Experimental do Porto
L. R. Silva	RTP
Laura Soveral	RTP
Leopoldo Araújo	RTP; Empresa António Manuel Couto Viana; Grupo dos Modestos no Porto
Lima Barreto	Teatro Experimental de Cascais
Lima de Freitas	RTP
Luís Andrade	RTP
Luís Cajão	FNAT
Luís Cardim	Ateneu Comercial de Coimbra
Luis de Lima	Teatro Universitário – CITAC e Cénico de Direito
Luís de Sousa Rebelo	Comp <sup>a</sup> Amélia Rey Colaço
Luis de Sttau Monteiro	Empresa Vasco Morgado; Villaret; Teatro Avenida
Luis Filipe de Freitas	Teatro Avenida
Luís Loyce	RTP
Luís Moreno	RTP
Luiz Francisco Rebello	Teatro Moderno de Lisboa; Teatro Experimental do Porto; Sociedade Guilherme Coussul; RTP; Cénico Caldense
Luiz Jacobety	Teatro Experimental do Porto
Luiza Neto Jorge	Círculo de Cultura Teatral do Algarve; Associação dos Alunos da Faculdade de Letras; Clube de Pessoal da firma Lever
Luzia Maria Martins	Teatro Estúdio de Lisboa

<b>TRADUTOR</b>	<b>ENTIDADE REQUERENTE</b>
<b>M. d'Oliveira</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço</b>
<b>M<sup>a</sup> Aliete Galhoz</b>	<b>RTP</b>
<b>Madalena Ralha</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Manuel Bandeira</b>	<b>Centro Cultural e Recreativo dos Empregados e Operários da Fábrica da Cerveja</b>
<b>Manuel de Lima</b>	<b>Teatro Moderno de Lisboa</b>
<b>Manuel Lerenó</b>	<b>RTP</b>
<b>Manuel Machado casa da Comédia</b>	<b>Casa da Comédia</b>
<b>Manuel Soveral</b>	<b>Teatro Universitário - Oficina de Teatro dos Estudantes de Coimbra</b>
<b>Maria Ana Pereira da Silva</b>	<b>RTP</b>
<b>Maria Antonieta di Giovanni RTP</b>	<b>RTP</b>
<b>Maria da Luz Biscaia Vasco Morgado</b>	<b>Empresa Vasco Morgado</b>
<b>Maria de Lourdes Assis</b>	<b>Teatro Universitário - CITAC</b>
<b>Maria Eduarda Pimenta</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Maria Fernanda Pessoa</b>	<b>RTP</b>
<b>Maria Helena Rocha Pereira</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Maria Leonor Machado de Sousa</b>	<b>RTP</b>
<b>Maria Manuela Couto Viana</b>	<b>Empresa António Manuel Couto Viana</b>
<b>Maria Penalva</b>	<b>Villaret</b>
<b>Maria Resende e Manuela Reis</b>	<b>RTP</b>
<b>Maria Teresa Ataíde RTP</b>	<b>RTP</b>
<b>Maria Vargas RTP</b>	<b>RTP</b>
<b>Marília Santamarina</b>	<b>Associação de Pessoal do LNEC</b>
<b>Marina Morais</b>	<b>Empresa Vasco Morgado</b>
<b>Mário Bonito</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Mário Delgado</b>	<b>Teatro Experimental do Porto; Teatro Experimental de Cascais</b>
<b>Mário Salvador</b>	<b>RTP</b>
<b>Mário Silva</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Tonia Carrero</b>
<b>Maximiliano de Azevedo</b>	<b>Sociedade Democrática da União Barreirense</b>
<b>Miguel Alves</b>	<b>RTP</b>
<b>Millor Fernandes</b>	<b>Empresa Vasco Morgado</b>
<b>Miroel Silveira</b>	<b>Teatro Avenida</b>

<b>TRADUTOR</b>	<b>ENTIDADE REQUERENTE</b>
Morais e Castro	Teatro Moderno de Lisboa
Natércia Freire	Comp <sup>a</sup> Amélia Rey Colaço
Noel de Arriaga	Comp <sup>a</sup> Amélia Rey Colaço; RTP
Norberto Ávila	Empresa António Manuel Couto Viana; RTP
Norberto Barroca	Teatro Experimental de Cascais
Norberto Lopes	Comp <sup>a</sup> Amélia Rey Colaço
Nuno Fradique	RTP
Odete de Saint-Maurice	RTP
Olavo D`Eça Leal	Comp <sup>a</sup> Amélia Rey Colaço
Orlando Francisco Rebello	Teatro D`Arte de Lisboa
Orlando Neves	Teatro Experimental do Porto; Teatro Universitário – Faculdade de Medicina
Óscar Lima Barbosa	Teatro Experimental do Porto
Paulo Franco RTP	RTP
Paulo Quintela	RTP
Paulo Renato	RTP
Pedro Bom	RTP
Pedro de Lemos	Sindicato dos Empregados de Escritório de Lisboa
Pinto Gonçalves	Empresa Vasco Morgado
Pisani Burnay	Teatro Popular de Lisboa
Raimundo Magalhães Júnior	Comp <sup>a</sup> Tonia Carrero; RTP
Ramada Curto	Academia de Instrução Almadense
Ramos Ribeiro	RTP
Redondo Júnior	Comp <sup>a</sup> Amélia Rey Colaço; Teatro Experimental do Porto
Ricardo Alberty	Teatro Experimental do Porto; Casa da Comédia; RTP
Rosa Lobato Faria	Empresa Vasco Morgado
Rui Alberto Ferreira Lebre	Círculo de Cultura Teatral de Aveiro
Rui Cerqueira	RTP
Ruy Ferrão	RTP
Ruy Furtado	RTP
Salette Tavares	Teatro Universitário - CITAC
Santos Carvalho	RTP

<b>TRADUTOR</b>	<b>ENTIDADE REQUERENTE</b>
<b>Sérgio Guimarães</b>	<b>Empresa Vasco Morgado</b>
<b>Sérgio Porthman</b>	<b>RTP</b>
<b>Sophia de Mello Breyner Andresen</b>	<b>Teatro Experimental do Porto</b>
<b>Tati Moraes</b>	<b>Comp<sup>a</sup> Tonia Carrero</b>
<b>Tomaz Ribas</b>	<b>RTP</b>
<b>V.Buescu e R. Claro</b>	<b>RTP</b>
<b>Valentina Trigo de Sousa</b>	<b>Teatro Estúdio de Lisboa</b>
<b>Varela Silva</b>	<b>RTP</b>
<b>Victor Felipe</b>	<b>Teatro da Comédia em Estremoz</b>
<b>Virgínia Mendes</b>	<b>RTP</b>
<b>Virgínia Ramos</b>	<b>Villaret</b>

**ANEXO 5 – TABELA DOS AUTORES**

AUTOR	PEDIDOS de LICENÇA	AUTOR	PEDIDOS de LICENÇA	AUTOR	PEDIDOS de LICENÇA
Abelardo Estorino	1	Anton Tchekov	6	Carlo Masoni	1
Achille Saita	1	Antonio Buero Vallejo	4	Carlo Terron	1
Adolf G. Schwarzein	1	António Gala	1	Carlos Muniz	1
Adrian Swallow	1	António Paso Filho	1	Charles Cohen	1
Adrien Decourelle	1	António Buero Vallejo	1	Charles Cordier	16
Agustin Cuzzani	1	Apollinaire	1	Charles de Peyret-Chappuis	1
Agustin Moreto Y Cabaña	2	Arcádio Averchenko	1	Charles Dickens	1
Albert Agramoot	1	Aristófanés	1	Charles Dyer	3
Albert Camus	1	Armand Guilbert	1	Charles Favart	1
Albert Didonné	1	Armand Salacrou	1	Charles Favart	1
Albert Husson	2	Armando Mook	1	Claude Aveline	1
Aldo Benedetti	2	Arnold Wesker	3	Claude Chauvière	1
Aldo Marini	1	Arthur Adamov	1	Claude Magnier	5
Aldous Huxley	1	Arthur Atkin	1	Claude Roger-Marx	1
Alec e Mira Coppel	1	Arthur Miller	2	Cláudio de La Torre	1
Alejandro Casona	5	Arthur S. Samuels	1	Clifford Odets	3
Aleksandr Ostrovski	1	August Strindberg	11	Concha Bécerra	1
Alexandre Dumas	1	Balzac	3	Constance Hodgkinson	1
Alexandre Puchkin	1	Barilet & Gredy	7	Corneille	1
Alfonso Paso	5	Beaumarchais	2	Curzio Malaparte	4
Alfonso Sastre	5	Ben Johnson	1	D. Francisco de Rojas Zorrilha	1
Alfred Musset	4	Bernard Shaw	5	D. T. Davies	1
Alphonse Daudet	1	Bernardo Dovizi da Bibbiena	1	Dan Brett	3
Anatole France	2	Bertold Brecht	1	Dário Nicodemi	1
André Bisson	2	Boris Vian	1	Denis Constanduros	1
André Charpak	1	Caillavet e Robert de Fleurs	1	Diego Fabbri	2
André Jossset	1	Calderon de la Barca	1	Donald Churchill	1
André Roussin	1	Calvosotelo	1	Donald Wilson	1
André Toussin	1	Carl Zuckmayer	1	Dorian Stevenson	1
Anthony Hopkins	1	Carlo Goldoni	11	Doris Halman	1
Carlo Malevile	1	Carlo Malevile	1	Dostoiewski	2

AUTOR	PEDIDOS de LICENÇA	AUTOR	PEDIDOS de LICENÇA	AUTOR	PEDIDOS de LICENÇA
Eden Phillpotts	1	George Axelrod	2	Ives Jamiaque	2
Edmond Rostand	1	George Sand	1	Ives Peneau	1
Eduardo De Filippo	1	Georges de Wissant	1	Juan Del Encina	1
Edward Albee	1	Georges Feydeau	1	Jules Renard	1
Élie Georges Berreby	1	Georges Manoir e Armand Verhulle	1	Jules Supervielle	1
Elsie Syme	1	Georges Neveux	1	Jean Marsus	30
Esquilo	3	Georges Soria	1	Karel Kapek	1
Ettore Dominici	1	Gerhart Hauptmann	2	Keith Luger e Gil Albora	1
Eugène Ionesco	8	Gino Pongetti	1	Keith Waterhouse e Willis Hall	1
Eugène Labiche	5	Giovanni Poli	1	Ladislao Fodor	1
Eugene O'Neill	3	Giulio Scarnalli e Renzo Tarabuzi	1	Lady Gregory	1
Eugene Scribe	3	Guillen de Castro	1	Lealon N. Jones	2
Eurípedes	3	H. G. Wells	1	Leandro Fernandez de Moratin	3
Fanny Terber	1	Hans Christian Andersen	1	Léon Ruth	1
Federico Garcia Lorca	2	Harold Pinter	5	Leon Tolstoi	2
Fernand Millaud	1	Heinrich Von Kleist	7	Leslie Stevens	1
Fernando Angel Lozado	1	Henri Lavedan	1	Lester Powell	1
Fernando Arrabal	4	Heinrich von Kleist	1	Lillian Helman	1
Fernando de Rojas	1	Henry Becque	1	Lope de Vega	1
Fernando Martinez Beltran	2	Henry Guéon	2	Louis Verneuil	1
Ferny Besson	1	Henry Marcel	1	Luigi Pirandello	9
Florence Howell	1	Henry Meillac e Ludevic Halévi	1	Luís Bertrand	1
Friedrich Durrenmatt	4	Herman Wouk	1	Luís Olive e Lafuente	11
G. C. Brown	2	Balzac	3	Luiz Fernandez de Sevilla e Rafael Sepúlveda	1
Gabriel Cousin	1	Hugh Leonard	1	Lulien Luchaire	1
Gabriel d'Hervilliez	1	Hugues Delormes e Leon Abric	1	M. Delly	1
Gabriel d'Hervilliez	1	Ingmar Bergman	2	Maquiavel	1
Gaby Bruyère	1	Ion Luca Caragiale	3	Marc Camoletti	1
Garinei e Giovannini	2	Irmãos Quintero	3	Marcel Mithois	1
George Abbott	1	Ivan Turgueniev	2	Marcel Pagnol	3

<b>AUTOR</b>	<b>PEDIDOS de LICENÇA</b>	<b>AUTOR</b>	<b>PEDIDOS de LICENÇA</b>	<b>AUTOR</b>	<b>PEDIDOS de LICENÇA</b>
Marie Louise Villiers	1	Paul Ableman	1	Robert Anderson	1
Marivaux	2	Paul Claudel	2	Robert Muller	1
Martial Piedchaud	1	Paul Frank e Ludwig Hirschfeld	1	Robert Thomas	1
Mary Jane e Joseph Hayes	1	Paul Geraldty	1	Roger MacDougall e Ted Allan	1
Maurice Druon	1	Paul Nivoix	1	Rosemary Timperley	1
Max Frich	6	Paul Norand	1	Sacha Guitry	1
Max Reguier	1	Paul Tabort	1	Salvatore di Giacomo	1
Michael Brett	1	Paul Vandenberg	1	Samuel Beckett	3
Michael Hardwick	1	Paul Vialar	1	Sean O'Casey	1
Michel André	1	Pedro Salinas	1	Serafim e Joaquim	1
Michel de Guelderod	3	Peter J. Hammond	1	Sergio Vodanovic	1
Miguel Cervantes	1	Peter Luke	1	William Shakespeare	9
Miguel Mihura	3	Peter Nichols	1	Sidney Grundy	1
Miles Malleson	1	Peter Sellers	1	Siegfried Gordon	1
Molière	1	Peter Ustinov	2	Silvano Ambrogio	2
Molière	1	Philip Johnson	1	Sito Alba	1
Molière	1	Philip Llade	1	Slawomir Mrozek	2
Molière	8	Philippe Hériat	1	Sófocles	2
Murray Schisgal	4	Philippe Lavène	2	Soror Mariana Alcoforado	1
Musset	4	Pierrete Bruno	1	Spranger Barry	1
Nathaniel Hawthorn	1	Pierrette Caillol	1	Stanley Houghton	1
Neil Kingsley	1	Pietro Metastosi	1	August Strindberg	1
Neil Simon	3	Plauto	2	Sutton Vane	1
Nicolai Gogol	6	Robert Pinget	1	T. C. Thomas	1
Noel Clarasó	1	R. Audrey	1	T. S. Eliot	1
Norman Krasna	1	Rafael C. Bertran	1	T.C. Thomas	1
Norman Lebesque	2	Raoux Praxy	1	Ted Willis	1
Oscar Wilde	2	Ray Cooney e John Chapman	1	Temfik el Hakim	1
Osvald Dragun	2	Reginald Rose	1	Tennessee Williams	4
Paer Lagerkvist	1	René Wachtausen	1	Terence Frisby	1
Patrick Hamilton	1	Ricardo Talesnick	1	Terence Frisby	1

<b>AUTOR</b>	<b>PEDIDOS de LICENÇA</b>	<b>AUTOR</b>	<b>PEDIDOS de LICENÇA</b>	<b>AUTOR</b>	<b>PEDIDOS de LICENÇA</b>
Terence Rattigan	4	Úrsula Moray- Williams		William Gibson	2
Terêncio	1	Valentin Kataiev		William Inge	1
Thierry Maulnier	1	Victor Ruiz Iriarte	2	William Saroyan	4
Thornton Wilder	2	Vincent Tisley		William. Butler Yeats	2
Tirso de Molina	1	Vittorio Calvino		Wolfgang Borchert	2
Tristan Bernard	3	Vladimir Korolenko		Wolfgang Hildesheimer	2
Truman Capote	1	W. Jacob		Xavier Cata	1
Tullio Pinelli	1	Walt Disney		Yoram Matmor	1
Tune Brulin	1	William Butler Yeats		Zuleika Mello	1

**ANEXO 6 – DOCUMENTOS DA INSPECÇÃO DOS**  
**ESPECTÁCULOS**

Os documentos aqui apresentados são cópias de processos da antiga Inspeção dos Espectáculos que fizeram parte da minha pesquisa levada a cabo nos Arquivos da Torre do Tombo, que contribuíram para sistematizar a natureza dos factores que influenciaram a censura no exame e classificação das peças de teatro durante a década apresentada neste estudo.

**SNI/DGE/6397** *A águia de duas cabeças*

«Perfeitíssima obra de teatro não aconselhável para o público da TV.»

Doc.nº 1 fl. de registo

Doc.nº 2 fl. com a decisão da comissão

**SNI/DGE/6375** *Saudades de Berta*

“peça educativa” de Tennessee Williams, traduzida pelo ilustre comediógrafo Luis Francisco Rebelo

Doc.nº 3 fl. de registo

Doc. nº4 fl. de registo

Doc.nº 5 fl. com comentário do censor

Doc.nº 6 Requerimento da Sociedade de Instrução Guilherme Coussul

Doc.nº 7 Guia do Banco de Portugal –

Doc.nº 8 Receita de estado

**SNI/DGE/6096** *A Dor e a Fúria*

«Peça de elevado valor literário. O conflito desenvolve-se à margem dos valores morais»

Doc.nº 9 fl. de rosto com título da peça e nome de tradutor

Doc.nº 10 fl. com relatório do censor

Doc.nº 11 fl. continuação relatório do censor

Doc.nº 12 fl. continuação do relatório do censor

Doc.nº 13 Guia do Banco de Portugal – receita de estado

Doc.nº 14 Requerimento do Centro de Cultura Teatral do Porto

**SNI/DGE/6439** *Um certo Senhor Smorzich*

«peça que se desenvolve em redor de uma realidade socialmente dissolvente e imoral»

Doc.nº 15 fl. de registo

Doc.nº 16 fl. com comentário do censor e decisão da Comissão

**SNI/DGE/6481** *A Confusão de um jardim*

«a tradução extremamente fiel ao castelhano – torna as frases incompreensíveis para certas camadas de telespectadores»

Doc.nº 17 fl. de registo

Doc.nº 18 fl. com comentário do censor

**SNI/DGE/6433** *Por medida*

«cuidado na cena para evitar qualquer duplo sentido malicioso»

Doc.nº 19 fl. de registo

Doc.nº 20 fl. com comentário do censor

**SNI/DGE/7739** *Chá de Aniversário*

«tenho dúvidas quanto à conveniência em aprovar a peça para a TV»

Doc.nº 21 fl. de registo

Doc.nº 22 fl. com comentário dos censores

Doc.nº 23 Carta da RTP – Direcção de Programas

Doc.nº 24 Continuação da carta da RTP

Doc.nº 25 fl com texto do ofício da Inspeção de Espectáculos

**SNI/DGE/7536** *O casamento do Senhor Mississippi*

«Peça cheia de interesse e de originalidade à parte as asneiras da tradução»

Doc.nº 26 fl. de registo

Doc.nº 27 fl. com comentário do censor

**SNI/DGE/7950** *Encontro em Senlis*

«a peça é reprovada em virtude de toda a trama de situações imorais que o autor cobre com a capa de farsa. Ainda não há abertura para peças deste género»

Doc.nº 28 fl. de registo

Doc.nº 29 fl. com comentário do censor

Doc.nº 30 fl. continuação do comentário do censor

**SNI/DGE/8418** *A Mandrágora*

«a representação pedida por um pequeno círculo cultural, sem quaisquer possibilidades de chocar um pretense “público de massas”. Voto pela aprovação»

«a peça é reprovada porque caso aprovassem teriam de rever os critérios e aprovar Boccacio»

Doc.nº 31 fl. de registo

Doc.nº 32 fl. com comentário de um censor

Doc.nº 33 fl. com decisão da comissão

**SNI/DGE/8957** *O Respiradouro*

«podia ser aprovada dentro dos novos critérios de abertura apesar de imoral mas como teatro de estudantes, reprovado»

Doc.nº 34 fl. com comentário do censor

Doc.nº 35 fl. com parte de comentário de outro censor

Doc.nº 36 fl. com parte de comentário de outro censor

Doc.nº 37 fl. com os nomes dos censores

My -

# INSPECÇÃO DOS ESPECTACULOS

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

## INFORMAÇÃO

Título da peça: *Alguia de Anso Cabeças*

Actos:

Quadros:

N.º de registo: 6397

Teatro:

Tema:

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS  
MAIORES DE 17 ANOS

*Dr. Cortez Pinto*  
*Dr. J. Branco*

Doc. nº 1

**Repercussão sobre o público:**

**Decisão que se propõe:**

Esta educável peça é em tudo e por tudo  
absolutamente imprópria para espetáculos de televisão

Proposto a sua Reparação

O Censor

J. Azeiteiro

Decisão da Comissão, em sessão de de  
deve passar a outros es. Segais  
qualificadas.

4-5-61

Antes

Sai de parecer que esta peça, pertencente a obra  
de teatro, não é adequada para o público  
da TV. Propomos a sua classificação para  
adultos, maiores de 17 anos.

7.5.61

M. L. M.

**INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS**

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

**INFORMAÇÃO**

Título da peça: *Sandades da Besta*

Actos:                      Quadros:                      N.º de registo: **6375**

Teatro:

Tema:

**REPROVADA**

*S.º S.º Alambre dos Santos*

No Porto: na sede do Banco de Portugal.  
Nas sedes dos distritos: nas agências do Banco de Portugal.  
Nas sedes dos concelhos: nas tesourarias da Fazenda Pública.  
(e) Período a que a cobrança diz respeito.  
C. P. — Modelo n.º 11  
110 mm x 197 mm

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO	
SECRETARIA DE INSTRUÇÃO DE	
INFORMAÇÃO CULTURAL POPULAR E RECREATIVA S. R.	
I	CINQUENA
N	Título <i>Saudees da Berla</i>
S	Regs <sup>n</sup> <i>634</i> em <i>4.4.64</i>
P	Consy <sup>n</sup> <i>13</i> em <i>4.6.64</i>
E	para <i>Dr. Faust. J. Lobato</i>
C	Decisão <i>reprovada</i>
ÇÃO DOS ESPECT	

SAUDAES DA BERLA

(1 acto)

T. WILLIAMS

# REPROVADA

Tradução de Luis Francisco Rebelo  
 "O teatro de teatro moderno"  
 de L.F. Rebelo

~~Acção~~ / Vem quando de uma casa de prosa  
tétrica Beeta chega ao último degrau  
da miséria e da doença. Mentalmente  
transtornada não sabe que fazer nem para  
onde ir. Tudo o que pretende é descansar  
continuar deitada naquela cama onde já  
há alguns dias, antes de voltar para o  
trabalho. A acção limita-se ao diálogo  
travado com outras pessoas do mesmo meio:  
Goldie e Lena.

A peça, em si, termina truncadamente  
(o presente original parece mesmo estar incom-  
pleta). É difícil, e neste momento desne-  
cessário, ~~Valor literário:~~ descobrir sobre tão educativa obra  
de Tennessee Williams, traduzida pelo ilustre  
comediógrafo Luis Francisco Rebilo, e que  
a Sociedade de Sustentação ~~Valor dramático:~~ Guilherme Corroel  
pretende levar à casa.

Repeve-se.

Valor moral:

10-IV-61

M. R. R. R. R. R.

V. R. R.  
12-4-61  
P. R. R.

30 MAR 1961  
INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS  
ENTRADA  
5201409911  
LIVRO Nº. 84. Nº. 4267  
RESPONDO BILHETE Nº  
SERVIÇO - Ex<sup>ma</sup>. Senhor



INSPECTOR DOS ESPECTÁCULOS

A SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO GUILHERME COSSOUL, com sede na Avenida de D. Carlos I, nº. 61, 1<sup>a</sup>. andar, em Lisboa, vem requerer a V.Ex<sup>ma</sup>. se digne mandar classificar e censurar a peça em 1 acto "Saudades de Berta", da autoria de Tennessee Williams e tradução de Luís Francisco Rebelo.

Pede Deferimento

Lisboa, 29 de Março de 1961

Pela Direcção

O Presidente da Direcção

*José de Oliveira*  
José de Oliveira

# BANCO DE PORTUGAL

244

0 - Diversos  
de Lisboa)

N.º 339

Esc. 30 \$ 00

1500

Na Tesouraria do Banco de Portugal entregou Sociedade de  
Instrução Guilherme Cascaes

quantia de trinta escudos

10 \$ 00

para crédito da conta do Tesouro, em virtude da guia N.º 86,  
passada por Inspeccao dos Espectaculos

Formidade  
de 1927,  
e 1928, a

Lisboa, 3 de April de 1961

O Tesoureiro Geral

R. Luis

10 BER  
100,

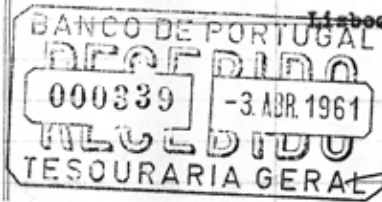
Mod. 444 - 100.000 ex. - 25/12/55

1

COPIA

L.º

Fls.



Lisboa, em 1 de April de 1961

P.º CHEFE DA 1.ª SECÇÃO

Ante R. Teixeira Reis

- (a) Serviço central de que depende o processador.
- (b) Serviço processador.
- (c) Entidade que vai efectuar a entrega.
- (d) As entregas são efectuadas:  
Em Lisboa: na sede do Banco de Portugal.  
No Porto: na filial do Banco de Portugal.  
Nas sedes dos distritos: nas agencias do Banco de Portugal.  
Nas sedes dos concelhos: nas tesourarias da Fazenda Publica.
- (e) Período a que a cobrança diz respeito.

C. P. - Modelo n.º 11  
210 mm x 297 mm

Doc. nº 7



MINISTÉRIO D PRESIDENCIA DO CONSELHO

(a) SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

(b) INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

Ano económico de 1961

Guia n.º 86

Esc. 300.00

Receita do Estado

VISTO -3 ABR 1961

Va (c) a Sociedade de Instrução Guilherme Góes

Referências ao processo:

N.º

Fls.

L.º

entregar no cofre do Tesouro em LISBOA (d), e em conformidade com o artigo 4.º do Decreto com força de lei n.º 13 872, de 1 de Julho de 1927, e artigo 2.º do Decreto com força de lei n.º 14 908, de 18 de Janeiro de 1928, a quantia de TRINTA ESCUDOS

proveniente da taxa devida pelo exame da peça "SAUDADES DE BERTHA", nos termos do art.º 71.º do Decreto-lei n.º 42.660, tabela VII e art.º 93.º do Decreto n.º 42.661.

arrecadada (e)

que deverá ser escriturada conforme indicação no verso.

Registo na Repartição de Contabilidade:

L.º

Fls.

Lisboa, em 1 de Abril de 1961

BANCO DE PORTUGAL RECEBIDO 000339 -3 ABR 1961 RECEBIDO TESOURARIA GERAT

P. O CHEFE DA 1ª SECÇÃO

António Botelho Reis

(a) Serviço central de que depende o processador.

(b) Serviço processador.

(c) Entidade que vai efectuar a entrega.

(d) As entregas são efectuadas:

Em Lisboa: na sede do Banco de Portugal.

No Porto: na filial do Banco de Portugal.

Nas sedes dos distritos: nas agências do Banco de Portugal.

Nas sedes dos concelhos: nas tesourarias da Fazenda Pública.

(e) Período a que a cobrança diz respeito.

6096

"A Dor e a Fúria"

De

John Osborne

REPROVADA

Tradução de José Palla e Carmo

L. P. Almeida

CÍRCULO DE CULTURA TEATRAL  
Travessa Passos Manuel, 9  
Telf. 30739 - PORTO

Doc. nº 9

# INSPEÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

6096

## INFORMAÇÃO

Título da peça: "A dor e a fúria"

Actos: 3 Quadros: N.º de registo:

Teatro:

Tema: Jimmy Porter vive cercado com Blimee Porter. Em sua casa vive Cliff Lewis, seu amigo de infância.

Jimmy é de um psicólogo complicada: duro, inflexível, tímido, enigmático, amoroso, fez da vida de outros um inferno. Cliff vive entre o céu e a terra, procurando ser um mediador de suas complexas e únicas vontades.

Blimee tem uma amiga, Helena Chaves, que ela também odeia. Quando Jimmy e ela se encontram, questionam-se.

Blimee está grávida, mas tem medo de confessar ao marido.

Para as brutalidades a seu respeito, Helena sugere Blimee abandonar o marido.

Blimee fala a Helena, que se funda admirava Jimmy, ficou como amante dele.

Cliff continua em casa sua com

... na causa do feitiço de Jacar  
Mas tarde, perdidos o filho, por um  
voto, Alison volta. Helena sente que  
a vida naquela casa, a vida  
Pete - e Pete, deixando Alison  
longa por um tempo.

**Valor literário:**

A peça, e de elevado valor  
literário.

**Valor dramático:**

Trata-se de uma excelente peça  
teatral, bem construída e de grande  
valor dramático.

**Valor moral:**

Pete e Alison são dois símbolos, e  
fusão de dois.

O conflito dramático, a história dos  
dois irmãos. A intenção é, por um lado,  
tipicamente moral.

Repercussão sobre o público:

A peça não se destina ao chamado grande público. Trata-se, antes, de uma comissão que inspeciona toda a 'nova maneira de viver e de agir para os novos meios como valores humanos. Com isso, por isso, inevitável para o novo meio. E isto por se poderem fazer coisas. Mas seria a decisão que se propõe: a operação de tal modo a fazer a substituição completa e a mutilação completa. Não há, porém, voto pela sua aprovação.

O Censor

*[Handwritten signature]*

Decisão da Comissão, em sessão de de

de 19

Voto pela reprovação, caso em se cientes com a intenção de fazer a mutilação completamente.

*[Handwritten signature]*

Intencionalmente de acordo com o ponto de vista acima exposto, voto pela reprovação

20/11/1960  
*[Handwritten signature]*

COMISSÃO DOS ESPECTÁCULOS  
DELEGACÃO DO PORTO  
ENTRADA  
- 6 MAI 1960  
no N.º 1 N.º 910



COMISSÃO DOS ESPECTÁCULOS  
ENTRADA  
- 5 MAI 1960  
LIVRO Nº 79 Nº 7043  
SERVIÇO DE REGISTRO

Exm<sup>a</sup> Senhor

INSPECTOR CHEFE DOS ESPECTÁCULOS

L.I.S.B.O.A

O CIRCULO DE CULTURA TEATRAL, com sede no Porto,  
na Travessa de Passos Manuel, 9, envia a V.Ex<sup>a</sup> as peças "A DOR E A  
FURIA", de Jonh Osborne, "O Triunfo da Medicina", de Léon Chancerel,  
e "O Urso" de Anton Tchekhov, a fim de serem devidamente examinadas  
e classificadas pela Comissão de Exame e Classificação dos Espectá-  
culos para efeito da respectiva licença de representação.

Expediu para o efeito em vale do correio (Pos-  
tal) com o n.º 08920, da Estação da Praça D. João I, a importancia  
de 150\$00 (Cento e cinquenta escudos).

Porto, 6 de Maio de 1960

Pede deferimento

Pela Direcção do Circulo de Cultura Teatral

*J. Gomes de Oliveira*

~~*[Signature]*~~

*[Signature]*  
PA, 4/5/1960

Rasurei: "de 150\$00 (Cento e cinquenta escudos)"

*António Pereira*



**MINISTÉRIO DA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO**

(a) SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO  
(b) INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

Ano económico de 19 60

Guia n.º 113

Esc. 90 \$00

# Receita do Estado

Vai (c) o Circulo de Cultura Teatral

Referências ao processo:

N.º \_\_\_\_\_  
Fls. \_\_\_\_\_  
L.º \_\_\_\_\_

entregar no cofre do Tesouro em Lisboa (d), e em conformidade com o artigo 4.º do Decreto com força de lei n.º 13 872, de 1 de Julho de 1927, e artigo 2.º do Decreto com força de lei n.º 14 908, de 18 de Janeiro de 1928, a quantia de NOVENTA ESCUDOS.

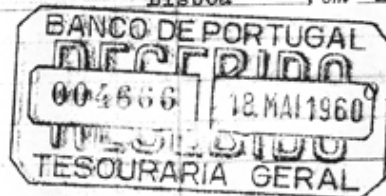
proveniente da taxa devida pelo exame da peça "A DOR E A FURIA" nos termos do Art.º 71.º do Dec. lei n.º 42660 e Tabela VII anexa e Art.º 93.º do Dec. lei n.º 42661 arrecadada (e)

que deverá ser escriturada conforme indicação no verso.

Registo na Repartição de Contabilidade:

L.º \_\_\_\_\_  
Fls. \_\_\_\_\_

Lisboa, em 18 de Maio de 19 60



\_\_\_\_\_  
Chefe da 1.ª Secção,

*Castro Almeida*

**ISTO**  
18 MAIO 1960  
Tesouraria Geral

- (a) Serviço central de que depende o processador.
- (b) Serviço processador.
- (c) Entidade que vai efectuar a entrega.
- (d) As entregas são efectuadas:  
Em Lisboa: na sede do Banco de Portugal.  
No Porto: na filial do Banco de Portugal.  
Nas sedes dos distritos: nas agências do Banco de Portugal.  
Nas sedes dos concelhos: nas tesourarias da Fazenda Pública.
- (e) Período a que a cobrança diz respeito.

# INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

## INFORMAÇÃO

Título da peça: *Um Certo Senhor Smorziska*

Actos:

Quadros:

N.º de registo:

6439

Teatro:

Tema:

**REPROVADA**

Doc. nº 15

Repercussão sobre o público: - Uma peça dum dramatismo pungente e bem teatralizada. Porém, toda ela se desenvolve ao redor dum doloroso problema moral cuja solução, embora abrangida e pretensamente moral e na realidade, socialmente discolante e imoral.

E' que a própria natureza moral de Debensia result dum conceito falto de estrutura moral de família, de seus deveres e sacrifícios impostos pelo casamento. E' a própria

Decisão que se propõe: essência da organização de sociedade que é atingida pelo romantismo da sensibilidade e da paixão que sacrifica ao individualismo toda a disciplina e regra moral em que se apoia e fortalece a família.

Por estes motivos, aprovo a peça

$\frac{3}{VI}$   
YB

Decisão da Comissão, em sessão de de

O Censor

J. Cortez Pinto  
de 10

Concordo com a opinião do Sr. Senhor Dr. Cortez Pinto.

Mauro

Deus entende a adivã a luto  
de se refugia e repugna por. 700,  
ou "meu" de 12 anos, - isto é, que  
é a possibilidade de ser exibida por  
Televisão.

18-7-61

Par

Doc. nº 16

# INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

## INFORMAÇÃO

Título da peça: *A Confusão dum Jardim*

Actos:                      Quadros:                      N.º de registo: 648i

Teatro:

Tema:

PULAR E TURISMO	
I	CENSURA
N	Título: <i>A Confusão dum Jardim</i>
S	Registo: 648i em 14/VII/61
P	Consurado: 9/8/61
E	para: <i>R. J. P.</i>
C	Decisão: <i>Aut. Antic.</i>

Doc. nº 17

**Repercussão sobre o público:**

**Decisão que se propõe:**

Autorizada para maiores de 12 anos.  
Receia-se, contudo, que a Tradução Portuguesa -  
em que a mota a preocupação de extrema  
fidelidade ao original castelhano - tome por  
veros as falas absolutamente incompreensíveis  
para certas camadas de telespectadores.

Decisão da Comissão, em sessão de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

*Manco*

PULAR E TORNADO S. R.	
I	CENSURA
N	Título <i>Confissão de um pecado</i>
S	Registo <i>428</i> em <i>11/VI/61</i>
F	Censurado <i>9/8/61</i>
E	para <i>1/8/61</i>
C	Decisão <i>1/8/61</i>

Doc. nº 18

# INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

## INFORMAÇÃO

Título da peça :

*Por Medida*

Actos :

Quadros :

N.º de registo :

6438

Teatro :

Tema :

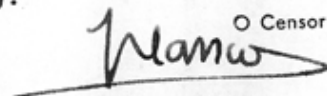
Doc. nº 19

Repercussão sobre o público:

Decisão que se propõe:

Aprovada para todos, recomendando-se todavia um certo cuidado na cena em que Raul tira as medidas a Jurelita, a fim de ser evitado qualquer duplo-entido malicioso.

26/5/51

 O Censor

Decisão da Comissão, em sessão de      de      de 19

Doc. nº 20

# INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

## INFORMAÇÃO

Título da peça: *Letra de aniversário*

Actos:

Quadros:

N.º de registo: *4439*

Teatro:

*R.T.P.*

Tema:

Doc. nº 21

**Repercussão sobre o público:**

**Decisão que se propõe:**

Sugiro convenientemente passar a outros censores p: trazer impugnação sobre a propriedade da peça para um público de televisão:

Lx:  $\frac{27}{1}$   
1965

O Censor

A. Costa Pinto

Decisão da Comissão, em sessão de de de 19

Tenho também dúvidas quanto à conveniência em aprovar a peça para a T.V. - mesmo para maiores de 12 anos.

Sugiro por isso que seja vista por mais um colega.

1.2.65

A. Costa Pinto

Em conjunto, os 3 censores resolvem classificar a peça para maiores de 17 anos

Lx:  $\frac{3}{11}$   
1965

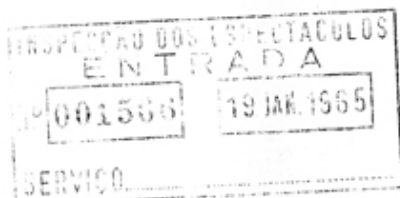
A. Costa Pinto

A. Costa Pinto

# Radiotelevisão Portuguesa

S. A. R. L.

TELEFONE: 46 01 24 10  
TELEG.: TELVISAO-LISBOA



10  
Comunicação à aprovação  
3 3 3 3

Exm<sup>o</sup>. Senhor  
Dr. João Duque  
Dign<sup>o</sup>. Inspector Chefe dos Espectáculos  
Palácio Foz  
L I S B O A

19 JAN 1965

SUA REFERÊNCIA      SUA COMUNICAÇÃO DE      NOSSA REFERÊNCIA      RUA DE S. DOMINGOS À LAPA, 26 — LISBOA —

ASSUNTO :

Exm<sup>o</sup>. Senhor,

A Eurovisão encomenda, anualmente, a um dramaturgo de renome e projecção internacionais, uma peça para ser transmitida por todos os países membros, no mesmo dia e à mesma hora, num programa especial intitulado "O Maior Teatro do Mundo".

No próximo mês de Março será apresentada uma peça de Harold Pinter "Tea party" da qual enviamos a V. Ex<sup>sa</sup>., para a devida apreciação, os dois exemplares juntos da tradução portuguesa, feita por nossa conta, do original que nos foi enviado pela Eurovisão.

Temos o máximo empenho, por razões de prestígio nosso e do nosso País junto dos países membros da Eurovisão, em transmitir esta peça, tal como o farão as restantes televisões da Europa.

Embora nos pareça que o texto não oferece grandes problemas de censura, salvo melhor opinião de V. Ex<sup>sa</sup>., os nossos serviços eliminaram desde já uma cena e procederam a vários cortes e arranjos.

Além disso e no caso de a peça ser aprovada, certas cenas e designadamente as das pags. 31, 38 e 59, serão apresentadas, na fase de realização, sem qualquer sentido inconveniente, apenas com o intuito de mostrar que o protagonista, em vias de cegar, procura certificar-se da

..//..

S. A. R. L.

Nossa referência

Data

Pág.

-2-

..../..

sua enfermidade.

Pedindo para a apreciação desta peça os bons officios de V. Ex<sup>ca</sup>., aproveitamos esta oportunidade para lhe apresentar os nossos melhores cumprimentos.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1965.

Pela R.T.P. - RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA, S.A.R.L.  
O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE PROGRAMAS, INTC.

  
Miguel de Araújo

252/65-CV

Exm<sup>o</sup>. Senhor  
Director dos Serviços de Programas  
R T P

Comunico a V.Ex<sup>o</sup>. que a Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos, deliberou aprovar a peça "CHÁ DE ANIVERSÁRIO", para Maiores de 17 anos, pelo que a mesma não pode ser transmitida.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Ex<sup>o</sup>. os meus cumprimentos.

Inspecção dos Espectáculos, 4 de Fevereiro de 1965

A bem da Nação  
O INSPECTOR CHEFE,

NA.

Doc. nº 25



FRIEDRICH DURRENMATT  
+ + + + +

PROIBIDA

O CASAMENTO DO SENHOR MISSISSIPI

Trad. de JÚLIO GESTA

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO	
REPUBLICA REPUBLICANA DE PORTUGAL	
MINISTÉRIO DA CULTURA	
PALAÇO DE BRASÃO	
LISBOA	
S. R.	
CENSURA	
I	Título <i>O casamento do Sr. Mississippi</i>
N	Resposta 1336 em 23/10/63 L
P	Censurado 29/10/63 U
E	para <i>Cie. Cult. Teatro</i>
C	Decisão <i>reponde</i> A
ÇÃO DOS ESPECT	

♡ Casamento do Sr  
Mississippi,

de  
Friedrich Duranematt. Viet. 6-11-63

Peça curta de interesse e de ori-  
ginalidade, e parte as amenas de  
tradução.

É porém o mais nihilista de quanto  
peças tenho lido!

De humor irônico e sarcástico, é  
eminentemente sacraloga. Nada do que é in-  
desejável para quem resiste: — a  
moral, a família, a lei, a religião.

Nada tão que não seja um ataque a to-  
das as estruturas morais do indivíduo  
e da sociedade.

Repara-se em absoluto, por todas as  
idades

J. S. 29  
X

63

Com o nome de impressão

2-11-63

2-11-63

272 | 2 V. 1

A. Cordeiro

100  
5

# INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

## INFORMAÇÃO

Título da peça: *O Encontro em Lembeis*

Actos: *4* Quadros: N.º de registo: *7980*

Teatro: *António M.º Loureiro Viana*

Tema:



No mesmo sentido dos pareceres  
anteriores emitidos o meu voto. Pzas  
idênticas estão reprovadas pela Comissão,  
e embora julgue discentral esse critério -  
e mais de uma vez ~~se~~ tenha debatido  
nas reuniões, esta matéria - a verdade  
é que devo obediência à létola estabelecida.

Parece-me, pois, que não se de autoi-  
zar enquanto não houver uma abertura  
para pzas deste género.

24-XI-65



# INSPECCÃO DOS ESPECTÁCULOS

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

## INFORMAÇÃO

Título da peça: *A Scandriagora*

Actos: *5*

Quadros: *6*

N.º de registo:

*8418*

Teatro:

*Círculo Cultural Teatral*

Tema:

Doc. nº 31

Repercussão sobre o público:

O problema posto pelo meu colega Dr. Almeida dos Santos não tem discussões. Textos como este, julgo que tem de ser aprovados.

No caso concreto, a circunstância de a representação ser pedida por um pequeno Circulo Teatral, sem quaisquer

Decisão que se propõe: possibilidades de chocar um público público de "massas", <sup>que não</sup> votar pela aprovação de peças para bravos de teatro.

2044-G7

Amalric

O Censor

Decisão da Comissão, em sessão de . . . de

de 19

Concordo com o parecer de reprovação de meu Ex. Sr. Inspecto Soares. A peça recende muito os limites impostos por esta lei. Já concordo com os argumentos aduzidos para a aprovação pois se trata de uma peça clássica de teatro italiano nem o nome de outra parte para impedir a representação. Tencemos, por outro critério, de apurar todo o teatro de Artilaria e de aceitar como bons para serem representados os dramas de muitas histórias de Procópio, sendo que se foi possível, quando do exame de uma peça em que 3 destas histórias seriam apresentadas, obter a sua aprovação.

3/5/67

M. Silva

P: se não lida no mês  
de 24-5-67 M. Silva

- unidos com a pance do ...  
Coliga Dr. Alvaro ...  
Este livro está longe de ser um clássico;  
- Lembro já ter recebido clássicos autênticos  
(como os "quatro clássicos" de Fleckmann).  
Além disso, no plano geral, esta peça  
ultrapassa muito a latitude de uma  
Comissão.

Voto, por isso, a sua rejeição.

24/5/67

*[Handwritten signature]*

V. ...

31-5-67

*[Handwritten signature]*

# INSPECÇÃO DOS ESPECTACULOS

Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos

## INFORMAÇÃO

Título da peça: *O Respiradouro*

Actos: *1* Quadros:                      Registo n.º: *8957*

Teatro: *Grupo Cénico Am. Académica Faculdade de*  
*Letras de Lisboa*

Tema:

Que os jovens queiram cultivar-se no campo teatral, considerado como um dos aspectos dinâmicos de cultura autêntica, parece-nos atitude merecedora de apoio. Por isso procuramos encontrar no presente texto, para além do uso exaustivo da palavra merda (14 vezes vigorosamente citada) qualquer coisa que mostrasse o pensamento encolado do autor e as profundas intenções estéticas de quem escreveu a peça. O autor, parece-nos, quis mostrar o seu mundo pessimista, fechado e empoeirado, não poupando nenhum esforço, ideológico ou verbal, para o conseguir - desde as cenas baixamente sexuais até às intenções sacrílegas (pag.º 17, 33, etc.).

Os estudantes... esses talvez tivessem querido divertir-se à boa maneira portuguesa (piada

~~podem~~ parte para resumir, "mas estejam presentes, e maculoso para rasgar tudo o que aparecer pela frente). É assim se percebe que queiram experimentar o valor ~~de~~ <sup>de</sup> ~~valor~~ das colegas, distribuindo-lhes as cenas líricas de páginas 16 ou 19, <sup>de</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> como resultam a cena de parte exigida a pag<sup>as</sup> 42 - depois da aprendizagem obtida com a ajuda do "Helga".

É uma Associação Académica de Lisboa que se propõe levá-la à cena, e será certamente desempenhada por alunos a favor de quem o Estado emprega os seus recursos, na esperança de formar melhores cidadãos e mais aptos profissionais. As autoridades académicas não aparecem no processo, como julgo estar determinado.

Pode ser, no entanto, que na minha idade esteja já a ver tudo como aquele personagem ~~que~~ que - a páginas 24 - exclama:

- "Como é possível tanta abjeção?" Porque me parece uma peça abjecta.

~~Como~~ Como testes experimentais, de profissionais, poderia ainda admitir a hipótese de uma aprovação, dentro dos novos critérios de abertura, com custos e depois de elucidado sobre a montagem ~~de~~ de algumas cenas. Como testes de estudantes reprovo - tanto mais que sou membro da Comissão pelo Ministério da Educação Nacional.

21-XI-69

AJ

**ACÇÃO:**

... peça prova de pseudismo, desde o título  
ao ambiente (o caso), os personagens, a re-  
presentação de cada peça-drama, etc, aliadas  
a total direcção de comportamentos e grossaria  
de linguagem.

Ate' hoje embora, deu as actuais actua-  
ções estudantis, e' muito perigoso apurar  
peça que vai de encontro às "pseudismos",  
menos válidas...

Repeço.

Lisboa, 26. Setembro. 1969

J. Bouda do Pauto Costa

**Valor literário:**

**Valor dramático:**

**Valor moral:**

SERVIÇOS DE EXAME E CLASSIFICAÇÃO

INFORMAÇÃO

Respeitante a:

*O Respiradouro*

*Dr. Humberto dos Santos - Depurador*

*Dr. Maria de Fátima - Depuradora*

*Dr. Teresa Moreira - Depuradora*

*Respeitante*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*20/12*

*Pêch: 2000  
de 5000  
para a peça  
de*

*coligação 1 ano  
de 5000  
na peça  
... 1000*

